

GAZETA

VALSASSINA

junho 2020
número 74



Ensinar e aprender em tempos de pandemia

Índice

Editorial	1
Modelo de Ensino a Distância (em período de emergência provocada pela COVID-19)	2
O desafio do ensino a distância do Colégio Valsassina	4
Alguns apontamentos sobre Ensino a Distância	6
Diário de uma Crise Informática	8
O que aprendi quando ensinei à distância	10
A Primavera do nosso desconfinamento	12
O papel do Gabinete Psicopedagógico no acompanhamento à distância	14
Aprender a ler e a escrever de uma forma... DIFERENTE!	16
Podcast ENTRE (TANTOS) LIVROS	18
"Canta-me Histórias", uma canção a partir da obra <i>Memorial do Convento</i>	20
Uma página Web para partilhar o <i>Memorial do Convento</i>	22
Violeta Borboleta	24
Entrevista com a autora e com a ilustradora do livro "Violeta Borboleta"	26
COVID-19 vs Criatividade. Ilustrações	28
"O meu estado de espírito em tempos de confinamento"	30
Expressão Plástica@distância: Uma experiência de reflexão em ação	32
Projeto Arte urbana – Mural Valsassina	34
#perarduasurgo – Ler em todo o lado	35
Projetos de Cidadania em tempos de emergência provocada pela COVID-19	36
Horta@distância – Projeto ValsaBio Mãos à Horta	38
Ribeira da Lage, em Oeiras: sinais de contaminação comprometem potencial ecológico	40
Avaliação da qualidade do ar	42
Dia da Terra	44
Terra 2100	45
O jardim da Quinta das Terezinhas como um "Learning garden"	46

FICHA TÉCNICA

Fundadores Frederico Valsassina Heitor, Maria Alda Soares Silva e seus Alunos
Diretor João Gomes
Direção Editorial Joana Baião
Paginação e Impressão idg - Imagem Digital Gráfica
Propriedade Colégio Valsassina
Imagem da capa "As aulas em casa", da autoria de Laura Ribeiro, 3.º A

A Física, como promotora de capacidades de pensamento crítico, no ensino a distância	47
LX-2620h, Moon Camp Challenge	48
A experiência de ensinar Matemática a distância	50
Matemática aqui e ali	52
A disciplina de Gestão doméstica	53
O Centro de Recursos E@D do 1.º Ciclo	54
Uma viagem pelo mundo... conhecer para proteger	55
Valsassina em casa	56
Ensino a distância, Uma "nova realidade"	58
Hora do Conto	60
Entrevista à Professora Patrícia Castela	62
Valsassina em casa de uma avó em apuros	63
Um exercício de reflexão e de comentário crítico	64
"Vidas prisionáveis", uma aula de História e de Ciência Política com António Vilarigues	65
Ensinar línguas à distância	67
Atividades de leitura extensiva e textos de opinião na aula de Inglês	69
ESSAYS 2020, 11 th grade	70
Um ano atípico!	72
Um ginásio em casa	74
Inovar através do ensino a distância – Ativando e Crescendo	76
Alunos do Colégio Valsassina vencem a 4.ª Edição do Concurso de Sardinhas PSP-EGEAC 2020	78
Concurso AppLica-Te: alunas do Colégio conquistam segundo lugar nacional	79
Finalistas 12.º ano, 2019/2020	80
Quadro de Honra 2.º P 2019/2020	82
Aconteceu...	84
Aconteceu do desporto...	86

Colégio Valsassina
Largo Frederico Valsassina,
1959-010 Lisboa
218 310 900
218 370 304 fax
geral@cvalsassina.pt
www.cvalsassina.pt

editorial

João Gomes Diretor pedagógico

A pandemia do novo coronavírus está a ter um impacto sem precedentes sobre as nossas vidas. Está a afetar a economia, as sociedades e os sistemas educativos. Março de 2020 ficará para sempre conhecido como o mês em que praticamente todas as escolas do mundo fecharam as suas portas.

Como resposta à epidemia SARS-CoV-2, o governo português determinou a suspensão das atividades letivas e não letivas presenciais a partir de 16 de março, decisão que foi reforçada com a declaração do estado de emergência dois dias depois.

Durante o período de emergência, convertemos praticamente toda a atividade do Colégio para regime de teletrabalho, sem que tivessem ocorrido descontinuidades significativas.

O cenário de ensino a distância (E@D) levou-nos a repensar o processo de ensino e de aprendizagem, adaptando-o a este novo paradigma. Em linha com a missão e os valores do Colégio, fundado há 120 anos por Susana Duarte e Frederico César Valsassina, procuramos assumir uma postura pedagogicamente serena, mas pró-ativa, tendo como princípios: i) desenvolver um sistema de aprendizagem centrado no estudante, flexível, interativo e digitalmente inclusivo; ii) encarar este processo como uma oportunidade de reinvenção dos processos, de inovação e digitalização, e de diversificação de estratégias e de experiências de aprendizagem; iii) enquanto escola particular e independente, sem recurso a qualquer apoio externo, assumimos o esforço em reforçar a responsabilidade social, no apoio às famílias dos nossos alunos, e em manter os compromissos com todos os nossos colaboradores.

Desde 16 de março, criamos condições para dar sequência ao acompanhamento pedagógico dos alunos, e para manter a proximidade da relação entre a Escola e a Família. Tal como realça Tim Blackman, vice-chanceler da The Open University (Reino Unido), "no ensino online, a parte difícil não é a tecnologia, é o ensino", por isso, adaptámo-nos: criámos uma conta Valsassina para todos os alunos e optámos pela utilização da Plataforma Google Classroom: um "novo" ambiente de aprendizagem que facilitou a aplicação de estratégias pedagógicas adaptadas a um modelo a distância e que permitiu a concretização de experiências educativas significativas, em todas as áreas disciplinares. Trabalhos de investigação e de reflexão, escrita criativa, construção de Podcasts e de websites, elaboração e edição de vídeos, tarefas multimédia com produção escrita, sessões temáticas com especialistas, são apenas alguns dos exemplos que destacamos nesta edição da Gazeta Valsassina.

Em fase de desconfinamento, o regresso às atividades presenciais do 11.º e 12.º ano a 18 de maio e, posteriormente, do Jardim de Infância a 1 de junho, foi uma oportunidade para reforçar a condição de espaço-Quinta do Colégio, e em particular permitir a vivência

do jardim da Quinta das Terezinhas como um "Learning garden".

Os últimos quatro meses mostraram grande capacidade de adaptação e de resiliência de toda a comunidade Valsassina. Uma palavra especial aos alunos. Foi notável o nível de desenvolvimento de competências, quer no domínio digital, quer ao nível da autonomia e da autorregulação. A colaboração e disponibilidade demonstrada pelas famílias foram essenciais em todo o processo. Um particular agradecimento aos professores, pela capacidade de adaptação demonstrada, reinventando aulas, e ensaiando novas formas de estar e de comunicar com os alunos, fundamental para assegurar as aprendizagens.

"... a Quinta das Terezinhas não é apenas um Colégio, é uma segunda casa, um grande lar onde o filho tem afectos de pai e carinhos de mãe."

Não obstante a resposta dada perante a emergência da COVID, aguardamos e preparamos o regresso ao ensino presencial para todos os níveis de ensino, de modo a manter e se possível reforçar, os padrões de qualidade e de excelência que nos caracterizam. Estamos convictos da necessidade de avaliar as aprendizagens adquiridas este ano letivo visando, nos casos identificados, um reforço das práticas no próximo ano. As aprendizagens e as competências adquiridas, assim como as inovações introduzidas, são elementos que seguramente irão enriquecer e melhorar as futuras práticas letivas.

Mas, a Quinta das Terezinhas não é apenas um Colégio, é uma segunda casa, **um grande lar onde o filho tem afectos de pai e carinhos de mãe**. Por isso, o isolamento e o confinamento a que os nossos alunos foram sujeitos exige também, ou acima de tudo, que seja dada uma atenção especial à dimensão social e emocional.

Que em breve o nosso jardimzinho banhado de luz esteja, de novo, cheio de crianças e jovens, dos seus sorrisos e alegria.

Termino com uma palavra de agradecimento e de reconhecimento para a larga maioria de famílias que nos têm endereçado mensagens de apoio e encorajamento, reconhecendo o trabalho do Colégio neste período sem precedentes nas nossas vidas. Só em cooperação e mantendo próxima a relação Escola-Família conseguiremos ultrapassar com sucesso esta fase. Obrigado por toda a vossa confiança!

EM DESTAQUE **Modelo de Ensino a Distância (em período de emergência provocada pela COVID-19)**

João Gomes Diretor Pedagógico

A partir do dia 16 de março de 2020 o Governo determinou a “suspensão de todas as atividades escolares (letivas e não letivas) presenciais, medida publicada no D.L. 10-A de 13 de março de 2020 que definiu “Medidas Extraordinárias de Contenção e Mitigação do Coronavírus”.

A emergência da COVID-19 veio alterar profundamente as nossas rotinas, exigiu uma grande capacidade de adaptação e forçou-nos a todos a adotar estratégias novas para um contexto inesperado.

Desde o início deste processo, procurámos criar condições para dar sequência ao acompanhamento dos nossos alunos, assim como para manter próxima a relação escola-família. Como tal, no âmbito do Projeto Educativo do Colégio Valsassina e em linha com o compromisso de garantir a continuidade do acompanhamento pedagógico dos nossos alunos, durante a interrupção letiva das férias da Páscoa preparámos, de forma cuidada, o modelo de ensino a distância que foi implementado a partir do início do 3.º período (que se concretizou no dia 14 de abril).

O desenvolvimento do Modelo de Ensino a Distância, E@D (em período de emergência provocada pela COVID-19) teve em conta: os dados recolhidos no inquérito aplicado a todos os pais; as opções estratégicas do Colégio e as metodologias específicas de cada área disciplinar; a importância da manutenção das rotinas escolares e do horário curricular (para alunos e professores); e também a construção de um modelo que permita uma melhor gestão do horário, dos alunos e respetivas famílias. Para este processo foi também importante ouvir certos parceiros estratégicos, bem como professores e investigadores especialistas em ensino a distância.

Em complemento à construção do Modelo de E@D do Valsassina foi criada uma conta VALSASSINA para todos os nossos alunos (dos 3 anos ao 12.º ano), através da qual será possível garantir um acesso mais fácil, versátil e seguro às plataformas e ferramentas adotadas, sendo de destacar: Classroom, Gmail, Google Drive e Google Meet (ou o Zoom).

O modelo de ensino a distância adotado pela Direção Pedagógica, em vigor no 3.º período (2019/2020), assenta num Ambiente de Aprendizagem misto em regime não presencial, tendo em vista a dinamização de experiências de aprendizagens significativas e a realização de tarefas/atividades a partir dos recursos desenvolvidos pelos professores e transmitidos através da plataforma digital. Este modelo é baseado na complementaridade entre:

a) Ambiente Assíncrono com recurso ao Google Classroom

Este é o ambiente que permite a comunicação e o trabalho assíncrono entre professor e alunos, alunos-alunos e alunos-recursos/materiais de forma diferida, ou seja, os alunos e professores não estão conectados ao mesmo tempo para que as tarefas sejam concluídas e as aprendizagens sejam adequadas. Nesta modalidade de interação, os alunos e os professores interagem em momentos diferentes.

A vantagem da comunicação assíncrona é a sua elasticidade temporal, que confere uma grande flexibilidade aos participantes face à rigidez temporal da comunicação síncrona

É neste ambiente que é colocado o plano de trabalho do aluno pelo professor, bem como os recursos (Fichas, manual, vídeos, etc).

Este ambiente é o elemento central de todo o processo (para alunos e professores).

b) Ambiente Síncrono

Este ambiente requer a participação do aluno e do professor em simultâneo no mesmo ambiente virtual, através de ferramentas para videoconferência (vídeo-aulas). Esta forma de interação exige que a comunicação entre os alunos e o professor ocorra num mesmo momento temporal, previamente acordado.

Ambos devem conectar-se no mesmo momento e interagir entre si no âmbito do plano e do(s) objetivo(s) definido(s) para a respetiva aula.

O cenário de ensino a distância levou-nos a repensar o processo de ensino e de aprendizagem adaptando-o a este novo paradigma. Não obstante, entendemos que este contexto devia traduzir-se numa oportunidade de inovação, flexibilização, e diversificação de estratégias e das experiências de aprendizagem. Consideramos, por isso, que as opções tomadas no âmbito do modelo de E@D permitiram dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem, mas também irão contribuir para enriquecer as práticas letivas no modelo presencial.



CLIQUE... nas imagens e aceda à exploração online!

Uma visão sobre o ensino a distância

Recuando a 16 de março, após a decisão do governo português suspender as atividades letivas presenciais de todas as instituições educacionais, o Colégio Valsassina decidiu instaurar prontamente o “Modelo de Ensino a Distância”.

A adaptação inicial foi vivida por mim de forma bastante serena e confiante - o horário foi mantido integralmente e a escola tratou imediatamente de introduzir plataformas como o Zoom, que, através de videoconferências, permitiram um acompanhamento dos alunos mais incisivo e pessoal, de modo a aproximarmos o mais possível das aulas presenciais e do seu ritmo. No entanto, devido a tratar-se da reta final do segundo período, alguns elementos de avaliação tiveram de ser cancelados ou readaptados, como foi o caso do teste de Matemática A e da apresentação oral de Português, respetivamente. Esta última avaliação foi repensada e modificada para o formato vídeo.

No terceiro período, uma vez já familiarizados com as plataformas, retomámos a consolidação de matérias e prosseguimos a aprendizagem dos programas, através de, por exemplo, explicação de conteúdos por parte dos docentes, resolução de exercícios em aulas online e submissão de trabalhos autónomos diários, o que, no conjunto, se assemelhou bastante ao ritmo e exigência das aulas presenciais.

Apesar da autonomia propiciada e consequente possibilidade de melhor gestão do tempo, após mês e meio de isolamento, algum cansaço consequente do ensino à distância e do afastamento real de colegas e professores fez-se notar e pesar em muitos de nós.

Todas estas alterações abalaram, de alguma forma, o trajeto previamente delineado para este fim de secundário, e, sem dúvida, o apoio de todos acabou por se tornar essencial para renovar a minha motivação no dia a dia. No balanço final, torna-se necessário assinalar os pontos positivos de todo este processo: a adoção deste modelo de ensino permitiu a interiorização de determinadas condutas, que possibilitam uma reação mais eficaz a novas formas de vida que nos foram impostas e que perturbaram os nossos planos. Estas capacidades que adquiri durante estes meses em que aprendemos à distância serão úteis, penso, não só no meu futuro académico, mas também no meu futuro enquanto cidadã consciente de uma sociedade em constante evolução.

Marta Bastos Aluna finalista (12.º 1A)

Trabalhos de Português adaptados ao formato vídeo



“O fingimento artístico”,
Maria Inês Lopes
12.º 1A



“O sonho”,
Marta Bastos
12.º 1A

EM DESTAQUE

O desafio do ensino a distância do Colégio Valsassina

Sandra Caeiro Professora na Universidade Aberta. Encarregada de Educação

O atual estado de pandemia, devido à COVID19, obrigou as instituições de ensino público e privado a suspenderem todas as atividades letivas presenciais, e a iniciarem rapidamente um processo de ensino a distância. Como educadora de um estudante do Colégio Valsassina do 9.º ano, mas também como docente do ensino superior público de ensino a distância (Universidade Aberta), tenho acompanhado com especial atenção todo este processo.

O Ensino a distância caracteriza-se, em primeiro lugar, por permitir um estudo mais independente e flexível, sem limitações de tempo e de espaço, sendo atualmente determinado por duas grandes componentes: (i) a utilização de novas tecnologias, para criação e gestão do ambiente virtual (onde são disponibilizados recursos e ferramentas de aprendizagem, e onde ocorrem interações entre professor e estudantes); (ii) um modelo pedagógico, que define a conceção e organização dos percursos de ensino e aprendizagem.

Este ambiente deve basear-se num sistema de aprendizagem, centrado no estudante, ao procurar ser flexível, interativo e digitalmente inclusivo (Pereira et al., 2007). Caracteriza-se por ser fundamentalmente dirigido a um público adulto, com experiência de vida e, em geral, já inserido no mercado de trabalho, ou com necessidades educativas especiais. Assim, instruir num regime de ensino a distância, crianças e jovens adolescentes, que ainda se encontram em fase de crescimento, e unicamente habituados ao ensino presencial, tornou-se um enorme desafio para toda a comunidade escolar em todo o mundo e para o qual foram desenvolvidos diversos materiais de apoio (e.g. Huang et al., 2020). Este sistema de ensino também deve estar alinhado com os *Objetivos do Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas*, garantindo uma educação de qualidade e socialmente justa para todos (UN, 2016).

Seguindo estas orientações e recomendações, o Colégio Valsassina rapidamente se adaptou a esta realidade, tendo optado por um modelo de ensino a distância, diversificado e flexível, baseado em três pilares e sobre os quais o aluno desenvolve o seu percurso de aprendizagem: (i) utilização de uma plataforma de apoio à aprendizagem, executada num ambiente virtual, o *Google Classroom*, onde o estudante encontra recursos e interage com o professor (designado por ambiente de comunicação assíncrona); (ii) a utilização da plataforma *Zoom* para as vídeo-aulas (comunicação síncrona), através de momentos de contacto com o professor durante a aula; (iii) a realização de tarefas a partir dos recursos desenvolvidos pelos professores e transmitidos através da plataforma digital, como testes individuais (Colégio Valsassina, 2020). Para a avaliação, serviu-se do uso de ferramentas como o *TestMoz*, *Google Docs*. e *Quizziz*, ou trabalhos de grupo, onde os alunos podem encontrar formas de acesso a comunicação própria (Figura 1).

“Novas competências estão, com certeza, a ser adquiridas por estes estudantes neste momento particular de pandemia, nomeadamente no aperfeiçoamento e uso de Novas Tecnologias, no autocontrolo, no estudo autónomo e, sobretudo, na gestão de tempo.”

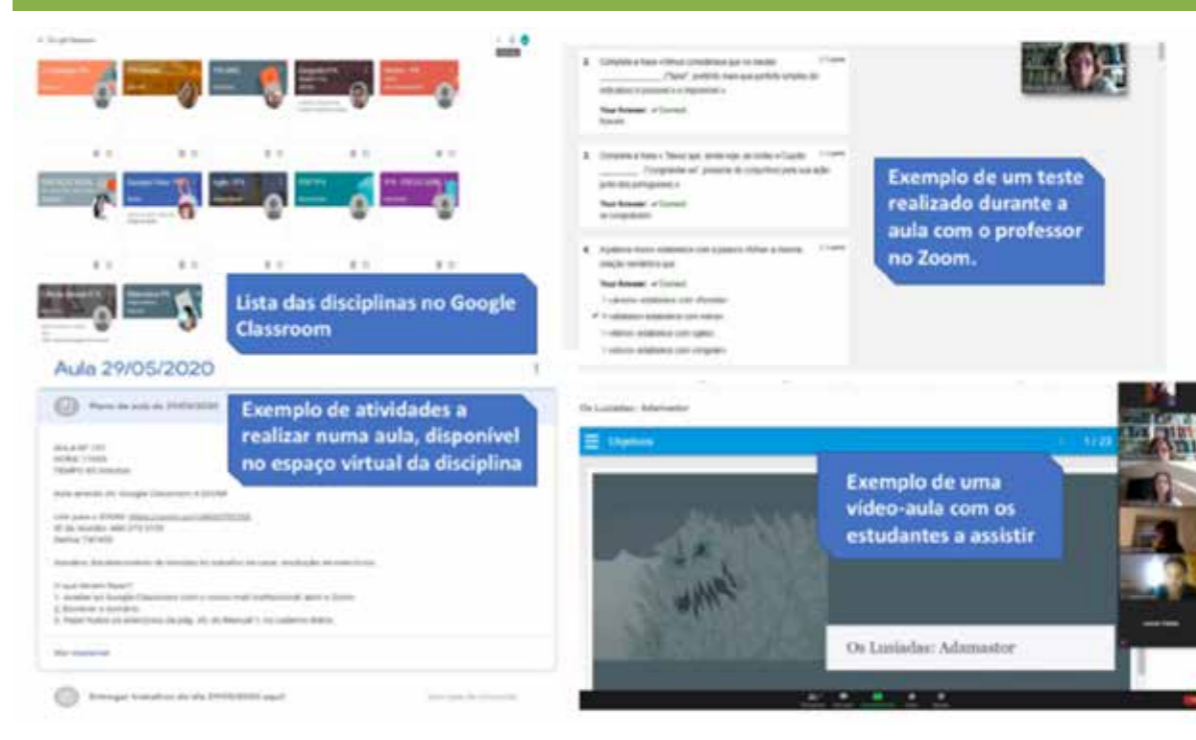


Fig. 1. Exemplos do ambiente de aprendizagem e atividades, realizadas pelos alunos do 9.º ano do Colégio Valsassina.

“Embora cada aluno possa encontrar-se isolado em casa, cria-se, com este modelo, um ambiente colaborativo, de interajuda e de partilha.”

Referências bibliográficas

Colégio Valsassina (2020). Modelo de Ensino a Distância (em período de emergência provocada pela COVID-19) Consultado em https://www.cvalsassina.pt/images/EaDistanciaCOVID19/MODELO_ED_CValsassina.pdf. 29/05/20.

Huang, R. H., Liu, D. J., Tlili, A., Yang, J. F., Wang, H. H. et al., (2020). Manual de Apoio à Aprendizagem Flexível durante a Interrupção do Ensino Regular: A Experiência Chinesa na Manutenção da Aprendizagem durante o Surto de COVID-19. Beijing: Smart Learning Institute of Beijing Normal University.

Pereira, A., Mendes, A.Q., Morgado, L., Amante, L., Bidarra, J. (2007). *Modelo pedagógico Virtual da Universidade Aberta*. Para uma Universidade do Futuro.

UN (2016). *Transforming our world: The 2030 Agenda for Sustainable Development*. A/RES/70/1. United Nations. Disponível em <https://sustainabledevelopment.un.org/post2015/transformingourworld>.

O dia a dia do estudante, neste novo regime, passa assim pela necessidade de dever gerir muito bem o seu tempo e de ter a capacidade em se focalizar no cumprimento das atividades, que tem de efetuar, pois não basta estar à frente do seu computador nos períodos horários das aulas síncronas. Há efetivamente tarefas e aquisição de conhecimentos, independentes das exposições diretas para uma eficaz preparação das diversas avaliações.

Embora cada aluno possa encontrar-se isolado em casa, cria-se, com este modelo, um ambiente colaborativo, de interajuda e de partilha. É desejável que todos eles também tenham interiorizada a capacidade para não divergir em outras atividades lúdicas, como jogos de computador, ou participação ativa em redes sociais. Novas competências estão, com certeza, a ser adquiridas por estes estudantes neste momento particular de pandemia, nomeadamente no aperfeiçoamento e uso de Novas Tecnologias, no autocontrolo, no estudo autónomo e, sobretudo, na gestão de tempo.

Estando o ano letivo em fase conclusiva, não posso deixar de esboçar um balanço muito positivo pela forma, profissional e eficiente, como o Colégio Valsassina ultrapassou rapidamente estas dificuldades, e pela capacidade de resiliência dos estudantes, ao se adaptarem a estes novos sistemas de ensino. Termina com um agradecimento a toda a comunidade do Colégio, pelo esforço, empenho e dedicação com que assumiu este enorme desafio.

Alguns apontamentos sobre Ensino a Distância

Lina Morgado Coordenadora Científica do Laboratório de Educação a Distância e eLearning. Universidade Aberta

Os linguistas dividem-se quanto a qual será a formulação mais adequada: “ensino a distância” ou “ensino à distância”. Existem bons argumentos de ambos os lados desta discussão, mas o aspeto mais relevante a ter em conta é que “ensino a distância” é a designação utilizada pela comunidade científica de EaD desde sempre em Portugal para se referir a esta modalidade de ensino.



<https://stocksnap.io/author/1949>

Muitas pessoas ainda pensam no EaD como ele era há 20 ou 30 anos, antes da Internet e da web social: um modelo de produção industrial, com um grande peso das infraestruturas administrativa, burocrática e de suporte, em que o estudante, sem integração num grupo/classe, usava os recursos produzidos e didatizados por uma equipa multidisciplinar (professor, tecnólogo, técnicos de áudio e vídeo, realizadores, programadores, etc.) para estudar individualmente, muitas vezes com o apoio de um tutor com quem podia tirar dúvidas em determinados momentos.

Hoje em dia, contudo, essa não é a realidade do EaD nos contextos mais comuns, em que os estudantes possuem dispositivos com acesso à Internet. Ao longo da sua história, o EaD sempre se foi atualizando no que respeita às abordagens e às metodologias usadas para integrar as tecnologias disponíveis em cada momento (livros, rádio, televisão, VHS, CD, DVD, software educativo, etc.) – daí que se fale de diferentes gerações de EaD. Foi o que se passou, mais uma vez, durante os anos 90 do século passado, em que o desenvolvimento da Internet trouxe os fóruns de discussão e, com eles, uma nova realidade: o ensino online. O facto de passar a ser possível ter grupos/turma, em que os estudantes podiam interagir e colaborar num pro-

“A falta de sociabilidade, a falta de apoio ao estudante, a desumanização, a pouca eficácia, o isolamento, e outras características atribuídas ao ensino online são crenças falsas baseadas apenas no desconhecimento do património teórico, prático e de investigação no campo do EaD, bem como daquilo que ele é hoje.”

cesso orientado e supervisionado por um professor trouxe mudanças profundas no EaD.

Sendo uma modalidade de ensino mediada pelas tecnologias, estas são constitutivas do próprio EaD. Contudo, só por si, a tecnologia não é suficiente para desenvolver o ensino e a aprendizagem a distância. O outro elemento fundamental é a pedagogia, ela também sempre em transformação para integrar as novas possibilidades disponibilizadas pelas tecnologias emergentes. O que, no caso do ensino online, significou tirar partido das novas condições de interação e colaboração, quer entre estudantes, quer entre estes e o professor: metodologias ativas, centradas no estudante, e dando grande relevância aos aspetos sociais da aprendizagem. Essa é a matriz do ensino online, que se aprofundou e diversificou depois com o desenvolvimento tecnológico acelerado nestas duas últimas décadas.

A falta de sociabilidade, a falta de apoio ao estudante, a desumanização, a pouca eficácia, o isolamento, e outras características atribuídas ao ensino online são crenças falsas baseadas apenas no desconhecimento do património teórico, prático e de investigação no campo do EaD, bem como daquilo que ele é hoje.

As aulas são o grande elemento organizador da aprendizagem no ensino presencial. No ensino online, contudo, não são. Esse papel é desempenhado pelos planos de atividades a realizar pelos estudantes, com o apoio de recursos e materiais adequados, com momentos de colaboração com os colegas, e com o acompanhamento e *feedback* por parte do professor. Esta é uma mudança muito significativa na perspetiva que se tem do ensino e da aprendizagem, e, como tal, é difícil, e requer tempo e formação adequada.

Em situações como a que vivemos, de emergência, é natural que as soluções encontradas estejam muito distantes daquilo que são as boas práticas do ensino online. No fundo, as pessoas tentam sobreviver recorrendo ao que conhecem, o que, nestas circunstâncias, redundava frequentemente em tentarem fazer uma espécie de “ensino presencial a distância”, com uma elevada carga de aulas em videoconferência (que a investigação demonstra ser prejudicial e que, por isso, não é uma abordagem usada em nenhuma das instituições de ensino a distância de referência), e um planeamento deficiente das atividades a realizar de forma autónoma, da colaboração, da comunicação e do acompanhamento e *feedback* por parte do professor.

Justo será dizer que o conhecimento construído na área do EaD decorre do trabalho com populações adultas, com características muito diferentes daquelas que compõem o ensino pré-escolar, o ensino básico e o ensino secundário. Se, no caso deste último, as diferenças não são, na maior parte dos casos, substanciais, à medida que vai baixando a faixa etária vai-se entrando, cada vez mais, em território maioritariamente desconhecido. Aqui, a experiência profissional e o bom senso de professores e educadores será essencial. Mas, independentemente de certas experiências e adaptações necessárias em cada contexto particular, as boas práticas identificadas em ensino online devem ser o quadro orientador da sua ação e do desenvolvimento da aprendizagem.

EM DESTAQUE **Diário de uma Crise Informática**

Anônimo (que não é, de todo, José Rainho, professor)



(Os jornalistas da Gazeta Valsassina encontraram um caderno com textos manuscritos, que pareciam constituir um diário de alguém. Pela relevância histórica, reproduzimos os textos encontrados aqui.)

10 de março – manhã

Querido Diário,

Acabei de receber uma mensagem do diretor pedagógico do Colégio. Parece que precisa de falar comigo sobre o Moodle, a plataforma de e-Learning que utilizamos. Ele soava algo preocupado, o que se compreende, dado que já há alguns casos deste novo vírus aqui pela cidade, mas não me parece que seja algo de drástico do gênero “estamos a pensar encerrar as atividades presenciais do Colégio e temos de organizar um modelo de ensino a distância, e precisamos de saber se o Moodle corresponde ao que é preciso para uma situação deste tipo”. É, certamente, um assunto bem menos complexo.

10 de março – tarde

Querido Diário,

Estão a pensar encerrar as atividades presenciais do Colégio e têm de organizar um modelo de ensino a distância, e precisavam de avaliar se o Moodle corresponde ao que é preciso para uma situação deste tipo! E claro que corresponde – é mesmo a plataforma de e-Learning mais completa e funcional do mercado. Falámos com tranquilidade sobre a capacidade dos servidores e da ligação à Internet do Colégio, uma vez que o Moodle está alojado internamente. Pareceu-nos a todos que irá ser absolutamente tranquilo. Afinal de contas, já há rotineiramente várias dezenas de alunos ligados em simultâneo, e o servidor do Colégio não parece dar quaisquer mostras de sequer abrandar quando há um tráfego um pouco mais alto. Vai correr tudo normalmente, quer-me parecer!

13 de março

Querido Diário,

Passei o dia a organizar tutoriais e guiões para ajudar todos os professores na utilização do Moodle. Espero que sejam úteis – é que, tratando-se de uma plataforma funcional e muito estável, de certeza que não vamos utilizar qualquer outra até ao final do ano letivo.

15 de março

Querido Diário,

É incrível! São tantos alunos que se esqueceram da sua password, ou que nunca tinham entrado no Moodle... Estou a responder a todos, um por um. Mas é um esforço que é necessário, para que todos tenham acesso à plataforma amanhã.

16 de março

Querido Diário,

Já respondi a 344 mensagens de email com pedidos de password. Podia dizer que já não sinto as mãos, de tanto teclar, mas na verdade o que já está dormente é o cérebro...

Ao menos, as aulas à distância começaram tranquilamente. Chegaram a estar ligados mais de 300 alunos em simultâneo. Tudo funcionou lindamente, porque o processador e a memória RAM do servidor são mais do que suficientes para dar conta do recado!

17 de março – 8h40

Querido Diário,

O processador e a memória RAM do servidor não deram conta do recado. Quando houve 800

alunos em simultâneo, o Moodle foi abaixo. Conseguimos resolver o problema reiniciando o servidor, mas não creio que torne a acontecer. Foi só uma enorme quantidade de acessos simultâneos, certamente que não se vão ligar todos ao mesmo tempo, exatamente às 10h20!

17 de março – 10h25

Querido Diário,

Todos se ligaram ao mesmo tempo, exatamente às 10h20. O Moodle está em baixo outra vez.

20 de março – 9h00

Querido Diário,

Tudo piorou. O problema é, agora, da ligação do Colégio à Internet.

23 de março

Querido Diário,

O fornecedor de acesso à Internet do Colégio resolveu finalmente o problema, substituindo os equipamentos. Agora já não deverá haver mais falhas de serviço.

25 de março

Querido Diário,

O Colégio, e, portanto, o servidor do Moodle também, continua a ficar sem ligação à Internet todos os dias. Precisamente à hora a que as aulas começam. Quando termina o horário letivo, tudo volta ao normal. Por muito suspeito que isso soe, o fornecedor de acesso à Internet do Colégio diz que se trata de problemas de tráfego em excesso e todos os dias tem substituído os equipamentos por modelos novos. Mas, mesmo assim, às 8h30 do dia seguinte tudo volta a encravar. Seja algum ataque informático, seja mesmo problemas das ligações, a verdade é que estes encraves são mais pontuais do que uma boa parte dos meus alunos.

29 de março

Querido Diário,

Depois do 42.º conselho de turma desta semana

(provavelmente não foram assim tantos, mas depois do 8.º, confesso que deixei de contar), recebi nova mensagem do Diretor Pedagógico do Colégio com a marcação de mais uma reunião. Disse-me que anda a fazer testes com uma Plataforma alternativa ao Moodle e quer falar comigo. Virá aí uma “revolução”?

1 de abril

Querido Diário,

Está decidido. Vamos mudar para o Google Classroom. É uma solução mais fiável, porque tudo estará alojado nos servidores do Google. Já contei a alguns dos professores que têm de experimentar o Google Classroom e aprender a usá-lo, mas acharam todos que eu estava a brincar com eles, e riram-se dizendo “a mim não me enganas! Não vou cair nessa!” Ao princípio não conseguia entender porquê – mas depois olhei para o calendário.

8 de abril

Querido Diário,

Passei os últimos dias a preparar tudo para a utilização da nova plataforma e a conduzir pequenos momentos de formação aos meus colegas professores sobre o Google Classroom. Não sei se fui realmente útil, ou se fui inútil, ou se secretamente todos me odeiam, ou sequer se eram mesmo os meus colegas professores, porque o meu estado de cansaço já não me permite distinguir caras.

15 de abril

Querido Diário,

O Google Classroom funciona lindamente. Está tudo a decorrer da forma o mais tranquila possível, e tem várias funcionalidades que facilitam o trabalho de todos. O ensino à distância, apesar de cansativo, é o que podemos ter por agora, e com o empenho de todos, concluiremos o ano letivo sem mais sobressaltos. Só uma coisa não mudou...
... os alunos continuam a esquecer-se diariamente das passwords. Mas que bom seria se todas as crises fossem essas!

EM DESTAQUE

O que aprendi quando ensinei à distância

José Rainho Professor de Informática

Foi quase literalmente de um dia para o outro. Todos nós, professores, encarregados de educação e alunos, tivemos de mudar totalmente de paradigma, e de aprender novas metodologias e ferramentas, em pouco mais de 72 horas. Foi aquilo a que habitualmente se chama (permitam-me a utilização da expressão em língua inglesa de difícil tradução) “on-the-job training”, mas sem alguém experiente a fornecer essa formação, porque todos estávamos no mesmo barco e nenhum de nós algum dia imaginou que iria lecionar (pelo menos) 4 meses de ensino à distância. Passados 3 desses 4 meses, resolvi pôr por escrito algumas das lições que aprendi.



O ensino a distância é mais cansativo para todos, e necessita de limites bem definidos.

Ensinar a distância é desafiante e extenuante. Novos materiais para criar e utilizar, novas ferramentas para dominar, e a necessidade de uma interação que inclui videoconferência e comunicação assíncrona, que se torna muito mais cansativa, por causa da sua intensidade e maior concentração, disponibilidade e organização que requer. Mas aprender à distância também é mais cansativo, dada a variedade de disciplinas a solicitar tarefas... muitas delas, em modelo de ensino presencial, seriam de natureza diferente, e provavelmente realizadas totalmente em aula. Por isso, é importante definir limites, respeitantes ao horário e carga de trabalho de todos os intervenientes, para que não se atinjam níveis incomportáveis de exigência de parte a parte.

Da minha experiência, as melhores aulas a distância incluem uma mistura entre videoconferência e trabalho autónomo.

Estar 90 minutos em videoconferência é muito cansativo. Quando comparado com uma aula presencial, em que todos estão, de facto, 90 minutos “cara a cara”, as diferenças são notórias: a linguagem corporal e as expressões faciais são muito mais fáceis de ler em modelos presenciais, e essas pistas não-verbais são uma parte muito importante da comunicação; a parte verbal é também dificultada em videoconferência, não só por causa de falhas de Internet, mas também porque é mais difícil a organização de uma turma para uma eficiente comunicação de questões e respostas, uma vez que pode haver a tendência para vários intervenientes falarem em simultâneo; e até a própria concentração, que, em sala de aula, é mais fácil de dividir entre a atividade que se tem em mãos e as instruções do professor, numa videoconferência tem de estar muito mais focada e qualquer desatenção faz mais facilmente perder o fio condutor da tarefa. Por isso, de todas as experiências que fiz com as várias estruturas possíveis para aulas a distância, as que resultaram melhor foram sempre as que incluíam uma parte em videoconferência para lançamento dos conteúdos e explicação da tarefa, e outra parte de trabalho autónomo, em que os alunos cumpriam as tarefas ou exercícios pedidos, voltando à videoconferência para a correção ou para esclarecer as

“O importante é que os alunos desenvolvam a sua autonomia e sejam responsáveis pela sua própria aprendizagem, esclarecendo as suas dúvidas, cumprindo tarefas que as permitam diagnosticar, e entregando trabalhos de que se orgulhem.”



CLIQUE... na imagem e aceda ao cartaz!

dúvidas que lhes surgirem. Pelo menos no caso dos ciclos de ensino em que os alunos já têm autonomia suficiente, esta estrutura de aula foi a que produziu melhores resultados.

Tarefas não presenciais sem componente síncrona resultam... desde que muito bem definidas, preferencialmente servidas em pequenas doses.

É perfeitamente possível, também, organizar uma aula sem videoconferência, ou em que só compareçam na videoconferência os alunos que tiverem alguma dúvida. Para isso, é necessário que os alunos tenham um conjunto de tarefas bem definido, para, dessa forma, ocuparem convenientemente o tempo de aula com trabalho produtivo. Da minha experiência, esta estrutura funciona quando é pedido aos alunos um trabalho, ou projeto, de maior dimensão e mais elevada complexidade, em que o professor reserva todo o tempo de uma ou mais aulas para a sua realização. Há que dividir essa grande tarefa em tarefas mais simples, ou explicitamente, ou de forma implícita, por exemplo, dividindo o trabalho em subtemas. Os alunos têm os objetivos desse trabalho bem definidos, e executam-no autonomamente, recorrendo à videoconferência para esclarecimento de dúvidas.

Outra hipótese prende-se com a realização de uma aula assíncrona através de pequenos materiais e tarefas variadas. Deverá ser organizada numa estrutura de alternância entre os materiais que os alunos devem consultar e as tarefas que devem rever, sendo que cada material não deve demorar mais de 15 minutos a ser visionado, lido e/ou analisado, e cada tarefa não deverá também ser pensada para mais do que 15 minutos. Desta forma, a carga de trabalho é separada em pequenas tranches, que permitem diluir mais o cansaço e cortar a monotonia de estudar autonomamente.

Autonomia é a palavra de ordem.

Estes meses foram muito exigentes para todos os envolvidos. Avaliar o desempenho dos alunos num período tão atípico como este terá, forçosamente, de ter todos estes condicionalismos em conta. A avaliação mais tradicional, baseada em momentos sumativos, como, por exemplo, testes, pode não se adequar tão bem a este modelo de ensino. Para uma boa parte das disciplinas, acredito ser mais vantajoso optar pela avaliação de tarefas em que os alunos sejam responsáveis por realizar um produto (seja ele escrito, oral, multimédia, visual...), que possam produzir de forma o mais autónoma possível, e que os leve a aplicar os conhecimentos adquiridos nas aulas. O importante é que os alunos desenvolvam a sua autonomia e sejam responsáveis pela sua própria aprendizagem, esclarecendo as suas dúvidas, cumprindo tarefas que as permitam diagnosticar, e entregando trabalhos de que se orgulhem.

Na data em que escrevo este artigo, falta pouco menos de um mês para o final deste ano letivo. Olhando para trás, houve detalhes que resultaram melhor, outros que resultaram pior, mas, na generalidade, creio que devemos estar todos satisfeitos pelo que conseguimos. Na face da adversidade, todos os envolvidos arregaçaram as mangas, e todos trabalharam juntos para que este último terço de 2019/20 decorresse com a tranquilidade possível. Penso que os meus alunos terão aprendido muita coisa – mas tenho a certeza de que eu também aprendi.

A Primavera do nosso desconfinamento

Raquel Raimundo Psicóloga Educacional. Gabinete Psicopedagógico

Os resultados do mais recente estudo HBS (Health Behaviour in School-aged Children)/OMS (Organização Mundial de Saúde), que conta com a participação de 45 países, Portugal incluído, revelaram que os adolescentes portugueses reportam um apoio social da família e dos amigos, superior à média europeia (Matos & Equipa Aventura Social, 2020). O estudo foi feito em fase anterior à pandemia e estas são boas notícias!

O plano de desconfinamento procura equilibrar o nível de exposição e transmissão do vírus, com o levantamento de restrições que podem trazer benefícios sociais e económicos. Como tal, após várias semanas de confinamento, regressámos, de forma faseada e progressiva, a algumas das nossas rotinas habituais, com os alunos de 11.º e 12.º anos e as crianças do Jardim de Infância a regressarem ao Colégio, antes do final do ano letivo.

Quer as crianças e jovens, quer os pais, recream o aumento da exposição ao risco, que decorre da dificuldade em controlar e garantir que todas as crianças e jovens adotam os comportamentos de proteção necessários para se manterem em segurança. Podem, simultaneamente, desejar passar mais tempo fora de casa e numa rotina mais próxima à habitual, mas também querem continuar a sentir-se protegidos e seguros dentro de casa, passando mais tempo de qualidade com a família.

Este regresso, faseado, provavelmente, muito esperado e desejado, revestiu-se também de medos, ansiedade e incertezas, gerando sentimentos ambíguos. Contudo, é conhecido o impacto que a solidão tem na saúde, não só mental, como também física, sendo apontada como um dos fatores que conduz à redução de anos de vida. Assim, promover nos mais novos (e não só) interações com amigos e familiares, à distância e em presença, desde que de forma socialmente responsável, ajudam a promover o seu bem-estar. Quem está bem integrado socialmente está mais protegido quando crises como esta batem à porta. Apostar na promoção das competências socioemocionais dos mais novos não é um luxo, nos dias que correm ou noutros quaisquer. É também uma questão de saúde.

Naturalmente que para estarmos com os outros durante os próximos meses será necessário mudar o nosso comportamento e manter alguns hábitos que adquirimos recentemente. O comportamento do vírus depende, em grande parte, do comportamento de cada um de nós. Dada a complexidade e a incerteza associadas à pandemia, será necessário adaptarmo-nos constantemente. Não há uma “solução rápida” ou “fácil” para esta crise, portanto, nos próximos tempos teremos de estar preparados para a eventual introdução/retirada de restrições, para a alteração de medidas e comportamentos recomendados.

No sentido de facilitar a adaptação a esta nova fase e promover o bem-estar e a saúde psicológica ficam algumas **recomendações para pais**:

- Reconheçam e identifiquem receios e sentimentos de ansiedade em si próprios e nos seus filhos, promovendo formas saudáveis de lidar com eles, sem cair em exageros.

- Façam e ajudem a fazer o “luto” pelos aspetos positivos que a situação de isolamento proporcionou. É natural que este regresso impulse a tomada de consciência das coisas boas que aconteceram durante o mesmo e que agora se podem “perder”: a oportunidade de partilhar todas as refeições; o tempo para brincar, conviver e fazer atividades em conjunto; a gestão de horários de sono de acordo com as necessidades da família (e com menos condicionamento externo) ou as ocasiões de videochamada com família e amigos, por exemplo.
- Ajudem as crianças e jovens a antecipar os aspetos positivos do desconfinamento: voltar a sair à rua; reencontrar amigos, colegas, professores e outras pessoas de referência ou a melhoria das condições de ensino-aprendizagem.
- Sintam e transmitam confiança no Colégio. É preciso confiar que todas as medidas e ações possíveis estão a ser tomadas para torná-lo um espaço seguro. Se os pais transmitirem esta segurança, será mais fácil para as crianças e jovens enfrentarem os receios que possam sentir.
- Estejam preparados para lidar com alguma “ansiedade de separação”. Em particular para as crianças mais novas e após um período prolongado de contacto exclusivo com os pais, pode ser especialmente stressante a vivência da separação no regresso à escola. Esta é uma situação natural e que não deve gerar preocupação excessiva. Os pais devem reconhecer e validar a ansiedade que a criança sente face à situação e procurar manter rotinas que gerem segurança e tranquilidade.

Referências bibliográficas

Matos, M.G. & Equipa Aventura Social (2020). Estudo Health Behaviour in School-aged Children (HBS/OMS) Internacional - 2018. Disponível em: http://aventurasocial.com/arquivo/1589841620_HBSC%20Internacional%202020.pdf

Ordem dos Psicólogos Portugueses (2020). *Desconfinamento - regressar a (algumas) rotinas habituais: Recomendações para pais e professores*. Disponível em: https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/covid_19_desconfinamento_pais.pdf

Raimundo, R. (2020, Abril 28). As preocupações com os ecrãs em tempos de pandemia. *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/04/28/impar/opiniaopreocupacoes-ecras-tempos-pandemia-1914077>

Raimundo, R. (2020, Maio 29). Os professores, os seus alunos e o efeito Pigmeleão. *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/05/29/impar/opiniaoprofessores-alunos-efeito-pigmeleao-1918285>

Tempo de pequenas descobertas

Vasco Martins 6.º B

Algo invisível virou o meu mundo do avesso. Fechou portas, escolas, empregos e travou a fundo a velocidade dos nossos dias. Agora, só posso ver o mundo pela janela de casa, da televisão ou do computador. De repente, a minha vida encolheu e o tempo esticou. A minha avó diz que tenho o tempo do meu lado, mas eu, às vezes, duvido!

Este ano, as Férias da Páscoa ameaçavam ser intermináveis e insossas sem o tempero do sol, dos amigos e dos passeios em família. No entanto, quando temos a oportunidade (ou necessidade) de parar num sítio, começamos a prestar mais atenção aos pequenos detalhes do que passa por nós. Aos poucos, fui-me apercebendo de tantas coisas que olhei sem ver ao longo destes anos. Finalmente, pude desfrutar dos primeiros sinais da primavera a vestir o meu prédio: as flores a despontar no jardim, as árvores mais verdes e viçosas e o voo interminável das andorinhas atarefadas na construção dos ninhos nos recantos das varandas dos andares mais altos virados a poente.

O prédio também é rico em personagens que

aos poucos foram sendo batizadas. O Sr. Pitogsa do 1.º direito que atira entusiasticamente bolas ao seu coelho branco como se fosse um cão, sem ser correspondido. Ou D. Dinis, o lavrador do 5.º que, munido de todos os apetrechos de jardinagem, mima um solitário limoeiro anão e um canteiro de ervas aromáticas. Imediatamente por baixo, mergulhamos na selva. Na varanda do 4.º andar, entre vasos e vasilhas, trepadeiras e arbustos, emerge ocasionalmente o regador de um Tarzan camuflado pela densa folhagem. O meu vizinho do lado, que já tem “uma idade respeitável” (nas suas palavras) e uma patente militar qualquer, é o Adamastor destes tempos de crise. Quis o destino, que ele fosse o temível responsável do condomínio e o mundo acaba à sua porta.

Mas estas observações fizeram com que muitos deles, finalmente, comessem a existir para mim. Já têm nome, rosto e uma história. À janela ou na varanda, quando os nossos olhares se cruzam, agora, cumprimentamo-nos e trocamos conversa. Um novo mundo surgiu em casa.

“... nos mais novos (e não só) interações com amigos e familiares, à distância e em presença, desde que de forma socialmente responsável, ajudam a promover o seu bem-estar.”

EM DESTAQUE **O papel do Gabinete Psicopedagógico no acompanhamento à distância**

Joana Carmo Psicóloga. Coordenadora do Gabinete Psicopedagógico do Colégio Valsassina

“... dar continuidade à intervenção direta com os alunos que já beneficiavam deste apoio, realçando o trabalho desenvolvido ao nível das necessidades educativas especiais, tentando minimizar o impacto deste sistema de ensino à distância e um eventual retrocesso em competências académicas essenciais.”

A pandemia COVID-19 e respetivas medidas de isolamento físico levaram a alterações significativas tanto no contexto escola, como família, afetando assim as rotinas diárias de todos.

Os psicólogos e técnicos, que realizam a sua intervenção em contexto escolar, têm por norma um raio de ação que abrange intervenientes diretos e indiretos nos processos educativos, isto é, alunos, professores/coordenadores e famílias. Esta intervenção por vezes assume um carácter promocional, preventivo ou de remediação, tendo como principal objetivo ajudar a desenvolver contextos facilitadores de aprendizagem e de competências pessoais e sociais.

Neste sentido, também o Gabinete Psicopedagógico do Colégio Valsassina (psicólogos e técnica de educação especial) teve de adaptar a sua intervenção à atual situação, de forma a conseguir dar resposta às necessidades e aos novos desafios colocados. Procurou-se, assim, dar continuidade à intervenção direta com os alunos que já beneficiavam deste apoio, realçando o trabalho desenvolvido ao nível das necessidades educativas especiais, tentando minimizar o impacto deste sistema de ensino à distância e um eventual retrocesso em competências académicas essenciais.

Articulou-se ainda, de forma sistemática, com os coordenadores de ano e encarregados de educação, para que se pudesse identificar atempada-

mente alunos que desenvolvessem sintomas de maior ansiedade e insegurança, ou que apresentassem algum tipo de comportamento menos adaptativo. Este tipo de intervenção foi ainda alargado à comunidade docente, estando conscientes da exigência de reinventar um novo sistema educativo, bem como de adequar e reestruturar estratégias e práticas pedagógicas, não descurando das suas dinâmicas familiares.

Os programas de competências socioemocionais, para alunos dos 4 anos, e de promoção de competências académicas e socioemocionais para o 2.º ciclo, também continuaram a fazer parte do horário dos alunos, tendo sofrido algumas adaptações. Principalmente ao nível do 2.º ciclo, procurou-se dar algumas dicas/estratégias focadas no “estudar em tempo de pandemia”, mas também proporcionar momentos de reflexão e partilha em grupo turma, bem como realizar atividades mais lúdicas, permitindo a existência de momentos onde desenvolvessem competências transversais com menor carga académica/escolar.

Por outro lado, e com um olhar posto no futuro, o gabinete psicopedagógico procurou ter um papel ativo em alguns anos que têm pela frente uma transição de ciclo. Para isso foram planeadas algumas sessões de transição e tutoria (4.º, 6.º e 9.º anos), que têm como objetivo gerir expectativas e receios relativos ao próximo ano (exemplo: visita virtual ao pavilhão do 2.º ciclo e salas onde terão as várias disciplinas, para os alunos do 4.º ano). Quanto aos anos que regressaram ao Colégio antes do ano letivo terminar, houve uma especial atenção com o 11.º e 12.º anos, beneficiando de um apoio mais focalizado não só no desconfinamento, mas também na pressão característica desta fase, em que os alunos são sujeitos a exames e são tomadas decisões a nível vocacional.

A par das atividades desenvolvidas e do apoio mais direto à comunidade escolar, o GPP investiu na partilha de informação que, não constituindo uma sobrecarga adicional, permitisse às famílias e aos professores adaptarem-se à nova realidade educativa e potenciar o seu bem-estar.

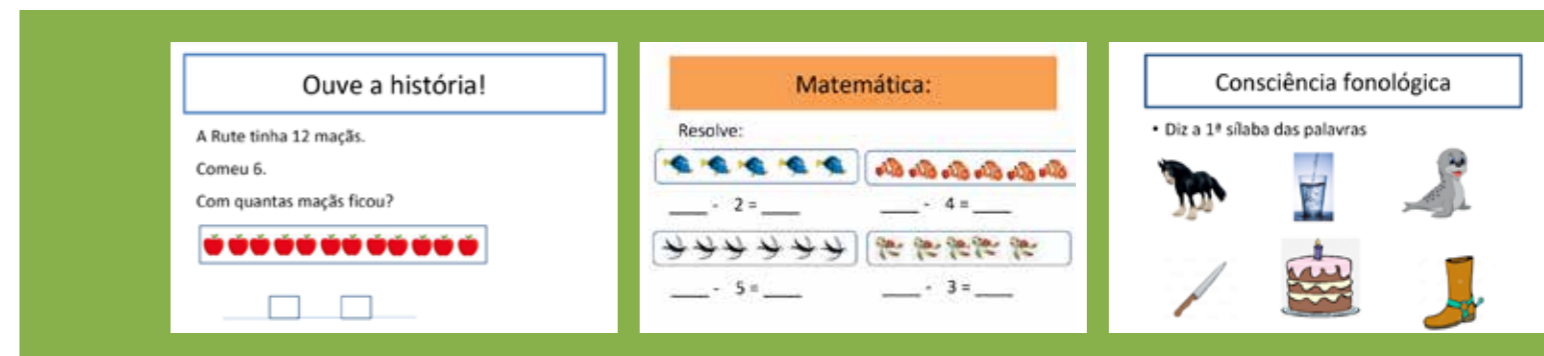
Os últimos meses foram um teste à nossa capaci-

dade de adaptação e resiliência individual e coletiva, em que nos foi exigido que se alterasse a forma como estudamos, trabalhamos e nos relacionamos. Os períodos desafiantes são momentos de evolução e descoberta de soluções, mas também comportam um acréscimo de pressão e emoções que, pela sua ambivalência e intensidade, podem inter-

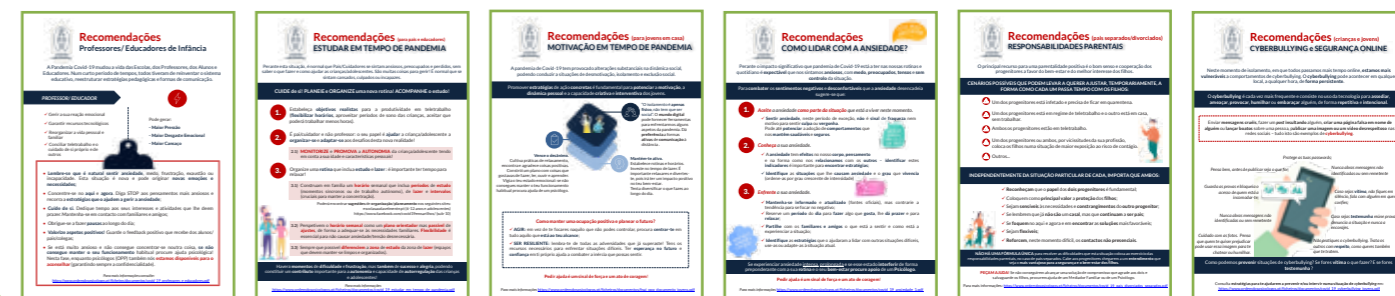
ferir com a nossa saúde mental e física. Se tal suceder, não hesite em procurar ajuda especializada!

Vivemos tempos excecionais e exigentes, mas continuamos unidos na descoberta de soluções e a construir o retorno à “normalidade”, diferente da que conhecíamos nos aspetos práticos, mas fortalecida no seu sentimento de comunidade e pertença.

Materiais de Apoio Direto (produzidos pela técnica de ensino especial)



Materiais de Apoio Indireto (Gabinete Psicopedagógico)



CLIQUE... nos cartazes e aceda ao material online!

Materiais realizados em casa no âmbito do Programa de Competências Socioemocionais (4 anos)



EM DESTAQUE

Aprender a ler e a escrever de uma forma... DIFERENTE!

Mafalda Caeiro Terapeuta da Fala – Representante do Método das Boquinhinhas, em Portugal

Este ano letivo, na qualidade de representante do Método das Boquinhinhas em Portugal, tive a alegria de ser convidada a participar no processo de ensino/aprendizagem da leitura e escrita no Colégio Valsassina, dando apoio direto às Educadoras dos 5 anos e aos professores do 1.º ano.

O Método das Boquinhinhas nasceu graças às dificuldades das crianças, aos seus erros, às suas respostas. Facto que dá corpo a um dos seus chavões: “O erro é fonte de aprendizagem”.

Mas, afinal, o que é o Método das Boquinhinhas?

Existe desde 1997 e é um método fónico-visual-articulatório (multissensorial).

Por ser um método multissensorial, estimula a região pré-frontal do cérebro, onde a imagem articulatória do som (articulema) se forma. O facto de incentivar a criança a consciencializar-se e a sentir todo o processo que envolve a produção de um som (desde a imagem da boca, ao som – fonema –, à forma como é articulado), estimula a memória imediata (*loop fonológico*) e de longa duração (*loop articulatório*), bem como a atenção e a cognição de um modo geral, melhorando as capacidades fonológicas de quem o utiliza.

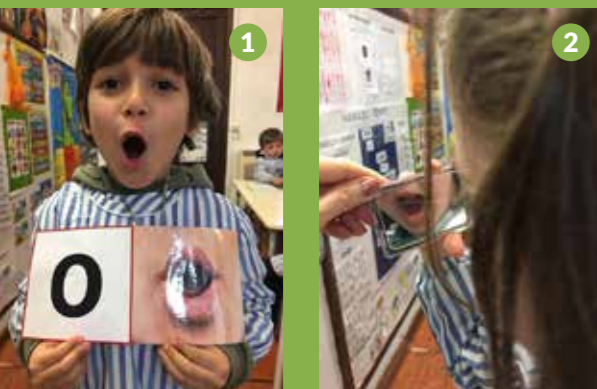
Poderá funcionar apenas como ferramenta de conversão grafo-fonémica, complementando outros métodos ou como método de alfabetização, usado na íntegra.

Começa logo no Pré-escolar, onde o trabalho dos pré-requisitos essenciais à leitura e escrita é muitíssimo completo, sendo feito de forma lúdica, natural e estruturada (imagem 1 e 2).

O Método pode ser aplicado a crianças com e sem dificuldades ou perturbações. Aliás, por apelar a múltiplas entradas é um método que chega às mais variadas crianças, respondendo de forma mais eficaz às suas necessidades.

Um dos conceitos que o diferenciam é o trabalho de confronto entre sons fonologicamente semelhantes ou passíveis de confusão por outras razões. Acreditamos que a aprendizagem acontece quando somos levados a analisar, a comparar, a discriminar, a perceber e produzir as diferenças entre sons (imagem 3).

“O facto de incentivar a criança a consciencializar-se e a sentir todo o processo que envolve a produção de um som (desde a imagem da boca, ao som – fonema –, à forma como é articulado), estimula a memória imediata (*loop fonológico*) e de longa duração (*loop articulatório*), bem como a atenção e a cognição...”



Ao longo da metodologia, vamo-nos apercebendo da grandeza humana que está por detrás. Temos como objetivo preparar as crianças/alunos, estimulando as mais diversas áreas: atenção, consciência corporal, processamentos auditivo, visuo-espacial, consciência fonológica e fonoarticulatória, desenvolvimento cognitivo... Um processo de aprendizagem, no qual todos somos levados a respeitar o outro, a aceitar as diferenças, a aprender com os erros, não tendo medo de os cometer (imagem 4).

Um mundo onde a aprendizagem é realmente aprendizagem, porque é sentida, vivida, experienciada, por isso, armazenada (imagem 5)!

O trabalho no Colégio Valsassina tem sido muito gratificante e tenho muito a agradecer às equipas do Pré-escolar e do 1.º ano, pela sua entrega e dedicação ao novo Projeto!

Um espírito de equipa que temos mantido, mesmo à distância, numa época de novos desafios, como a que atravessamos. Mantemos as nossas reuniões de programação, debate e partilha de ideias. No 1.º ano introduzimos, também, vídeo-aulas, para o trabalho de confronto de sons (imagem 6).

Aqui ficam algumas palavras dos professores do 1.º ano:

«Pelo exposto anteriormente, a leitura e a escrita surgem de uma forma imediata, num processo tranquilo e harmonioso para alunos e professores. A poucas semanas do fim deste ano letivo e com o estado de emergência e confinamento vigorantes consideramos que os nossos alunos apresentam uma clara melhoria da sua consciência fonémica devido ao rigor e etapas que o método propõe. Para finalizar, gostaríamos de destacar a valiosíssima ajuda da Dr.ª Mafalda Caeiro que com o seu dinamismo soube motivar e apoiar o grupo de professores do primeiro ano do Colégio, fazendo com que estes se tornassem membros da família “Boquinhinhas”».

Um grande trabalho de equipa que está a dar os seus frutos!

“Um processo de aprendizagem, no qual todos somos levados a respeitar o outro, a aceitar as diferenças, a aprender com os erros, não tendo medo de os cometer”

EM DESTAQUE

Podcast ENTRE (TANTOS) LIVROS

Paula Gonçalves Professora de Português

Em período de ensino a distância, o podcast ENTRE (TANTOS) LIVROS, desenvolvido na disciplina de **Português**, desafiou os alunos do 8.º ano a partilharem num ficheiro áudio a leitura de um excerto marcante do seu livro favorito. Tinham de escolher uma banda sonora, apresentar o Título e o Autor da obra e, de seguida, fazer a leitura expressiva de um excerto escolhido.

Este projeto lembrou, mais uma vez, a importância da leitura e da literatura nas nossas vidas, mostrando que somos feitos de livros e que a leitura nos pode libertar deste confinamento a que fomos sujeitos, proporcionando a cada um uma evasão sem limites e restrições.

Esta iniciativa surgiu no âmbito da celebração do Dia Mundial do Livro - 23 de abril de 2020 - mas, também, irrompe de uma vontade de continuarmos a desbravar terreno para que os alunos se sintam agora e no futuro mais estimulados para a leitura.

“Em tempo de pandemia, acho que este projeto foi uma boa ideia para nos «juntarmos» todos. Coisas pequenas como apenas ouvir as ideias e as leituras dos colegas, põem-nos, de certa forma, mais ligados. Isso só mostra como os livros podem juntar as pessoas (nunca achei que isso fosse verdade até hoje). Com esta atividade, tenho mais a impressão de que ainda estamos na escola normal”.

Ana Reis

“Gostei de poder participar neste projeto, pois, neste tempo de crise, acho importante incentivar a criatividade das pessoas. Ao mesmo tempo, este projeto teve como um dos principais objetivos distrair os alunos da situação atual, sendo este trabalho uma forma animada de celebrar este dia internacional do livro.”

Helena Nina

“Gostei de ter participado nesta atividade, pois acho que foi muito criativa, nomeadamente, nos dias de hoje, em que vivemos com esta epidemia. Este tipo de trabalho, que são interativos com a turma, são muito bons para nos distrairmos do mal que está à nossa volta e, na minha opinião, este projeto vai ficar marcado na vida de cada um de nós. Vamos poder contar aos nossos filhos que fizemos um trabalho na disciplina de Português quando estávamos no 8.º ano, em que todos se divertiram imenso, mesmo estando num momento de crise mundial.”

Filipe Novo

“Gostei bastante de participar neste projeto e acho que o resultado foi ótimo. Estas iniciativas são importantes porque é necessário fazer-nos (a nós alunos) começar a gostar de ler. Este projeto, que nos faz até parecer importantes, porque as nossas vozes aparecerem em plataformas onde normalmente só ouvimos celebridades, ajuda-nos a perceber a importância da leitura. A verdade é que este dia é geralmente ignorado, e, principalmente, neste tempo em que estamos em casa, os livros funcionam como uma forma de escapar à situação em que vivemos, e ajudam-nos a descontrair e a sair de casa, vivendo aventuras ou fazendo-nos pensar, mesmo continuando sentados no sofá.”

Madalena Nunes



“O facto de estarmos todos fechados em casa e termos conseguido criar este *podcast* foi incrível. Adorei ouvir os meus colegas. Foi uma forma diferente de estar em contacto com os meus amigos e de ouvir histórias. Através desta experiência, também fiquei com vontade de ler alguns livros.”

Francisco Felner

“Esta atividade foi muito importante. Permitiu-nos abstrair um pouco do que se passa neste momento tão difícil de crise social por que estamos todos a passar. Também nos ajudou bastante a desenvolver a nossa criatividade e o bem-estar da nossa saúde mental.”

Martim Borges

“É ótimo celebrar o Dia Mundial do Livro desta maneira, lembrando-nos dos sentimentos que os livros nos podem oferecer, e de que não foram esquecidos.”

Raissa Rajabali

“Adorei esta iniciativa, pois, neste tempo de crise, é necessário distrairmo-nos de todo o mal e de todas as desgraças no mundo para nos focarmos no que há de melhor, como a literatura e os outros. Este projeto aproximou-nos, na medida em que o fizemos em conjunto, e fomos procurar os nossos excertos favoritos e os lemos expressivamente, num breve momento, sem preocupações. Assim, continuamos os estímulos criativos que tínhamos nas aulas presenciais, o que nos dá uma ideia (falsa, na verdade) de que tudo continua normal, e isso dá-nos (pelo menos a mim) um sentimento de segurança na única coisa que não foi interrompida no nosso dia a dia: a escola e o contacto com os nossos colegas e professores.”

Rafaela Maia

“Gostei muito de participar neste projeto e acho que é muito importante, através destas atividades, partilhar com as outras pessoas as lições de vida que os livros nos transmitem. Quando ouvi a minha leitura senti-me orgulhosa. Na altura em que ouvi os meus colegas senti saudades, mesmo vendo-os quase todos os dias, mas estar com as pessoas em carne e osso é diferente de vê-las através de um ecrã.”

Mafalda Conceição

“Eu gostei muito de participar neste projeto. Acho que, em tempos como este, este tipo de iniciativas acaba por nos distrair e estimular a nossa criatividade, o que é muito importante para não interrompermos a nossa escolaridade, já que faríamos projetos como este no nosso dia a dia na escola presencial. Tudo isto ajuda também a que os mais jovens adquiram um gosto pela leitura e possam assim “desligar-se” do mundo, num tempo em que a serenidade é essencial e que continuar os hábitos das aulas presenciais é uma das maneiras de mantermos a normalidade e a rotina do quotidiano.”

Francisca Baptista

“Adorei participar neste projeto por uma razão muito simples: em tempos como os que vivemos, a única coisa de damos por garantida é o que amamos, e não é tão bom partilhar aquilo que nos faz felizes? Estou a falar de ler (claro), e muitas vezes lemos um livro só por ler e certas coisas passam-nos despercebidas, este projeto foi uma forma de nos pôr a pensar.”

Os livros são muito importantes para o nosso quotidiano, e ajudam a distrairmo-nos dos tempos que estamos a viver, apreciando apenas aqueles minutos mágicos em que lemos...”

Rita Rodrigues

Podem ouvir e seguir ENTRE (TANTOS) LIVROS nas plataformas digitais: Spotify, SoundCloud, Google podcast, Apple podcast ou iTunes.



CLIQUE... nas imagens e aceda às plataformas digitais!

EDUCAR PARA a leitura para a criatividade

“Canta-me Histórias”, uma canção a partir da obra *Memorial do Convento*

Joana Baião Professora de Português
Catarina Ferreira, Fabio Studart, Federico Cestelli, Guilherme Freitas, Leonor Paim, Luís Fonseca, Margarida Silva, Maria Inês Lopes, Marta Bastos, Matilde Marvão e Rodrigo Osório de Castro Alunos e alunas do 12.º 1A, 12.º 1B e 12.º 2



Letra da canção

De vontades sei bem
O que são e onde se escondem
Fechadas em si, em ti,
Em nossos dois corpos se unem.

Consumes-te e partes,
Mas já te encontrei.
No fogo em que ardes,
Peço-te "Vem"

Vi-te por fim, por dentro,
Mas já sabia quem eras.
Sol da minha vida,
vagueia minha alma, por teu claro centro.
E voaste para mim,
Tal nuvem superior,
Sempre me pertencerás, meu amor...
Não vais para as estrelas,
Levo-te para onde for.

Disse-te o meu nome,
Assim que me encontraste.
Fizemo-nos um e no
Teu sangue tu me batizaste
Sei que o Homem voa,
Vontades também.
Pássaro que ascende,
Leva-nos além

Vi-te por fim, por dentro (*completo em ti, sem uma mão*)
Mas já sabia quem eras.
Sol da minha vida, (*é sinal divino*)
vagueia minha alma, (*de empreendimento*) por teu claro centro
(*e de elevação*).
E voaste para mim (*tempere-se o cravo*),
Tal nuvem superior (*oiça-se bradar que num*),
Sempre me pertencerás, meu amor (*abraço posso o outro desvendar*)...
Não vais para as estrelas (*Nunca quis ir para longe*),
Levo-te para onde for (*Continuarei a amar*).

Como foi o primeiro contacto com o projeto “Canta-me Histórias”?

Marta O convite para participar no projeto surgiu numa aula de Português e, inicialmente, estávamos relutantes porque era um projeto que implicava cantar e tocar, além de tudo o resto, mas começámos a ver o esboço do que a Maria Inês e a Catarina estavam a preparar e não foi possível deixar de participar.

Catarina Recordo-me de ter recebido uma mensagem da Maria Inês a informar-me de que estava inscrita num “curso de canto sobre as obras do programa de Português”. Não consegui não esboçar um sorriso, não podia crer em tal, considerei até que fosse uma brincadeira, assim como a Matilde. Quando demos por nós, encontrávamo-nos no auditório, onde predominou sempre o espírito de equipa, as entreajudas, e, sobretudo, a felicidade.

E a escolha recaiu sobre a obra *Memorial do Convento de Saramago*...

Maria Inês Nas nossas primeiras reuniões, deparámo-nos com algumas dificuldades em escolher qual a obra sobre a qual iríamos trabalhar. Após começar a ler o *Memorial do Convento* (tendo já cometido a atrocidade de ler a página final do livro), comecei a escrever o poema que serviria para a primeira parte da música de forma intuitiva, e, de seguida, musiquei-o. Começámos, assim, a trabalhar no resto da canção, cuja letra também tem a autoria da Catarina Ferreira, e foi revista pela professora Joana Baião.

Catarina A harmonia literária presente em *Memorial do Convento* necessitava, absolutamente, de uma correspondência pessoal no mundo físico. O sentimento suscitado por este livro levou-nos à necessidade de expressá-lo, neste caso, musicalmente.

Como foi criar a canção quando ainda não tinham começado o estudo orientado da obra?

Catarina De início, revelou-se difícil a definição de uma melodia, no entanto, como a Maria Inês possui conhecimentos dentro da área, pudemos criar algo único. Em relação à letra, sempre procurámos dar o foco ao amor de Baltasar e Blimunda, visto ser o ponto de onde partem todos os outros assuntos na obra e, sem dúvida, o tema mais

Maria Inês Com o passar do tempo e a chegada de novos membros, todos eles fantásticos, pensámos que seria também interessante incluir a perspetiva de Baltasar na letra da música, pelo que a adicionámos quando já tínhamos a leitura da obra suficientemente avançada.

Como se constituiu o grupo de trabalho? Como foi trabalhar com este grupo?

Maria Inês Após o convite da Professora Joana Baião, recomendei a Catarina e a Matilde para o grupo, devido aos seus dotes vocais. Arranjámos também dois voluntários, o Guilherme, responsável pela edição do som, e o Fabio, o nosso guitarrista, e o Rodrigo, um ator (para o videoclipe). O Luís e o Federico juntaram-se para ser os nossos “Baltasares”. Felizmente, contámos também com a presença da Marta, uma das vocalistas e guitarrista. Tivemos ainda pessoas muito importantes, que nos acompanharam nos ensaios, como a Leonor, a Margarida e a Andreia. Foram muitos os intervalos que passámos no auditório a tocar e a gravar.

Marta O grupo mostrou-se unido e empenhado, foi com gosto que dispensámos intervalos e tempos livres para nos reunirmos numa roda a cantar e tocar, e que bem que soava! Foi um período em que existiram mistos de folgo e concentração, mas onde nunca faltou prazer e contentamento.

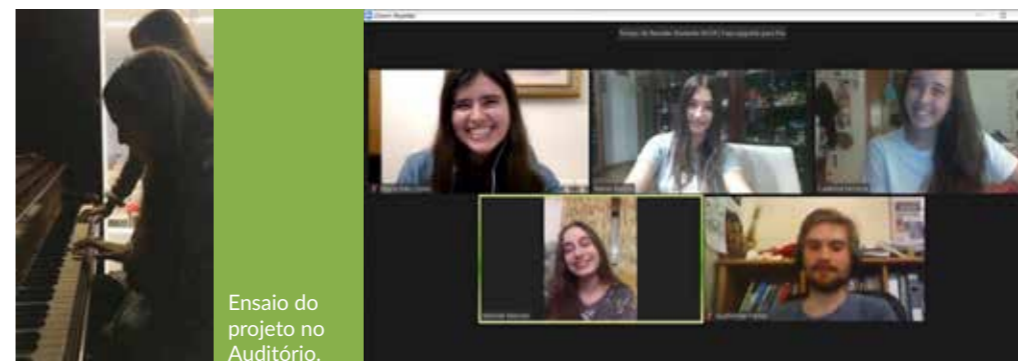
Catarina Trabalhar neste projeto com este grupo, com a guitarra do Fabio, os dotes eletrónicos do Guilherme, entre todos os outros, acabou por se revelar como um alívio, um refúgio, face a todas as outras responsabilidades que nos assolam diariamente.

“Trabalhar neste projeto, com este grupo, acabou por se revelar como um alívio, um refúgio, face a todas as outras responsabilidades.”

Que aprendizagens retiram deste projeto?

Catarina Este projeto permitiu adquirir alguns conhecimentos de composição musical e trouxe-nos, sem dúvida, conexões entre pessoas de várias turmas de 12.º ano, que provavelmente não teriam existido de outro modo.

Marta Este projeto mostrou que a criação artística pode partir de praticamente tudo - a música, a arte, rodeiam-nos das mais variadas formas. Para mais, permitiu-me adquirir conhecimentos sobre o processo criativo em si, bem como aprofundar princípios e evoluir na questão de criação musical. No entanto, destaco os laços criados, as memórias que perduram dos nossos momentos em conjunto, bem como a evolução a que o projeto me levou, pois forçou-me a sair da minha zona de conforto.



Ensaio do projeto no Auditório.

Conclusão do projeto em junho através da plataforma Zoom.

EDUCAR PARA a cultura e para a criatividade

Uma página Web para partilhar o Memorial do Convento

Joana Baião Professora de Português José Rainho Professor de Informática

Site temático sobre a obra "Memorial do Convento".
Vicente Pires, Frederico Pinheiro,
Joana Baptista e Inês Nicolau 12.º 2



CLIQUE... na imagem e aceda ao site!

“Os alunos da turma 12.º 2 mostraram-se desde o início do projeto preocupados com o rigor científico e linguístico da página Web que estavam a criar, por isso, pediram-me conselhos na escolha de alguns textos e conteúdos. É com muita satisfação que constato a ligação literária e afetiva dos alunos do 12.º ano à obra de Saramago, a este *Memorial* que continua a fazer tanto sentido nos dias de hoje e que comunica com os alunos e com as suas inquietações e aspirações de modo tão próximo. A página criada expressa o caminho percorrido no estudo que os alunos fizeram, e acrescenta a visão do grupo e a criatividade de quem se apodera de um conteúdo literário por gosto e com empenho.”

Joana Baião Professora da Português



“Todos os anos, a disciplina de Aplicações Informáticas B do 12.º ano realiza projetos em grupo cujo tema, âmbito e tecnologias a utilizar são sugeridos pelos próprios alunos. Dadas as circunstâncias excecionais deste ano letivo, foi sugerido aos vários grupos uma tecnologia em particular: a construção de páginas Web em que incluíssem conteúdo original, subordinadas a um tema que, de alguma forma, fosse útil ou os inspirasse. Foi assim que surgiu a ideia de uma página Web didática que explorasse uma das obras de leitura obrigatória do programa de Português: *Memorial do Convento*, de José Saramago. Ao longo do período de elaboração do projeto, foram sendo fornecidas as aulas da disciplina para apoio e esclarecimento de dúvidas, e os alunos responderam bem, tendo produzido um trabalho de boa qualidade. Creio ter-se tratado de uma atividade bastante enriquecedora, dada a multiplicidade de conhecimentos e competências, em várias áreas do Saber, que os alunos tiveram de adquirir e pôr em prática.”

José Rainho Professor de Informática

Como surgiu a ideia de fazer uma página Web, dedicada à obra *Memorial do Convento*, como projeto de Aplicações Informáticas B?

Todos nós demos as nossas ideias no início, de modo a termos um leque de escolhas variado. O Vicente, em particular, foi quem apresentou a ideia de fazer um site sobre o Memorial do Convento, pois é uma obra extensa, complexa e com bastantes pormenores que poderíamos explorar.

Que conteúdos podemos encontrar no vosso site?

Um pouco de tudo, desde as personagens coletivas até a edições (capas e títulos curiosos) de outros países (como a edição da Croácia, por exemplo). Tentámos fazer um site completo, para nós e para os nossos colegas. É uma ajuda para o exame, para os testes e para aquelas apresentações orais que todos tememos [risos]. Sabemos que vários colegas recorreram ao site para a preparação do trabalho oral e isso deixa-nos muito contentes.

Como foi o processo de planificação do trabalho e de edição do site?

O processo de planificação exigiu bastante de nós, era muita informação e nós queríamos um site esteticamente agradável. Apesar de ter sido difícil, achamos que conseguimos. Alterámos diversas vezes a estrutura do site, pois havia sempre qualquer coisa a mudar. Exigiu-nos muitas horas de trabalho, mas o esforço valeu a pena. Estamos satisfeitos com o resultado final!

O trabalho em equipa exige cedências, mas também pode ser uma constante "chuva de ideias". Como se constituiu e funcionou esta equipa de trabalho?

Sendo todos amigos ficou tudo mais facilitado. As ideias eram constantes, e também não nos faltava informação, devido a toda a ajuda da nossa professora, Joana Baião, que foi essencial. Todos tivemos de fazer cedências, mas nada de mais, porque todos tínhamos um objetivo em comum: fazer o melhor site possível. O esforço foi compensado!

Que dificuldades encontraram?

A maior dificuldade foi, sem dúvida, juntar toda a informação no site no ponto certo, ou seja, nada de informação a menos, mas, também, nada de informação a mais, e juntar tudo isto num site apelativo e com uma boa navegação. Outra grande dificuldade foi verificar toda a informação, de modo a verificar se era de confiança (ou não).



Em que medida este projeto vos aproximou de Saramago? Em que medida Saramago vos marcou?

Aproximou-nos bastante da obra de Saramago, pois ficámos a conhecê-la com mais detalhe. É um trabalho do qual nunca nos esqueceremos e vai ajudar muitos outros alunos. Sentimos que conhecemos a genialidade de Saramago por dentro.

Com este trabalho, aprofundaram os vossos conhecimentos sobre a obra *Memorial do Convento*, e adquiriram competências na produção de páginas Web. Consideram importante este tipo de aprendizagem, que envolve em simultâneo várias áreas do Conhecimento?

Sim, é, sem dúvida, bastante importante, foi um trabalho dois em um e foi essencial. Acho que no futuro se deviam apostar mais nestes trabalhos em junção de duas disciplinas (ou, pelo menos, dando esta opção aos alunos). Os nossos trabalhos, no futuro, vão exigir conhecimentos de diversas áreas e devíamos começar a trabalhar isso desde cedo, e o Ensino Secundário é a oportunidade ideal.

Algumas versões internacionais



Versão Croata.

Versão Sérvia.

EM DESTAQUE **Violeta Borboleta**

Isabel Alçada Escritora



Violeta Borboleta é o resultado de um caminho que começou quando uma “escritora misteriosa” enviou uma carta a todas as crianças dos 5 anos, convidando-as a colaborar com ela num livro que iriam escrever em conjunto. Ao longo de 15 semanas este projeto envolveu: as 76 crianças das três turmas dos 5 anos do Jardim de Infância, uma escritora misteriosa (a “Bitá”), as professoras de Filosofia para Crianças e as Educadoras. Participaram ainda as auxiliares, e os pais foram também convidados a participar em casa.

As crianças participaram de forma ativa na construção da narrativa, sendo evidente a sua curiosidade, entusiasmo, imaginação sem limite e uma grande vontade de aprender e ir mais longe.

Num só projeto, estimula-se o gosto pela leitura e pelos livros. Promove-se a Educação Ambiental e Científica, mas também competências e valores como: as relações interpessoais, a tolerância e o respeito com o outro, a capacidade de trabalhar em grupo, entre outros...

A Violeta e todas as personagens do Jardim da Primavera são acima de tudo uma mensagem de esperança e de otimismo.

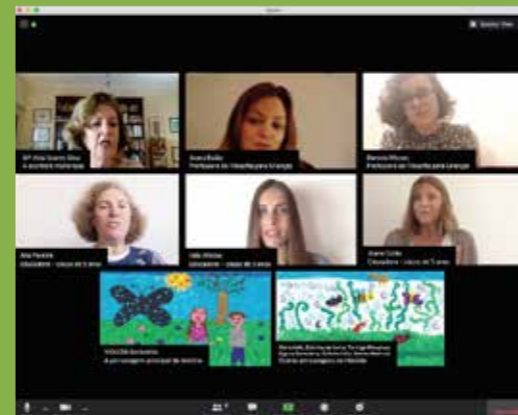
Violeta borboleta é o excelente título deste livro que, uma vez mais, põe em evidência a vertente artística, a permanente atualização e a qualidade pedagógica do Colégio Valsassina.

O livro é, em si mesmo, uma obra de arte que se descobre de imediato, lendo a história, tão bem escrita e tão bem construída, ou observando as ilustrações maravilhosas e muito adequadas ao espírito do texto.

Quem estiver atento ao conteúdo da narrativa descobre facilmente a intenção de educar os leitores para a sustentabilidade ambiental e o propósito de veicular informações científicas respeitantes a insetos e a outros pequenos animais, com frequência ignorados, e que afinal vivem à nossa volta. Sem dúvida poderá igualmente notar como os animais vão surgindo de capítulo para capítulo, apresentando-se com humor, de forma inteligente e criativa, despertando a curiosidade e captando o interesse dos leitores.

O projeto Violeta borboleta integrou uma multiplicidade de dimensões pedagógicas que hoje se consideram centrais na educação de infância. Desde logo, a abordagem da leitura e da escrita, recorrendo ao contacto das crianças com textos manuscritos e à proposta de que todas se envolvessem na construção de uma narrativa comum.

A par da intenção de fomentar hábitos de leitura e de interesse pelos livros, o projeto visou igualmente a educação científica e ambiental, tanto a partir das personagens e dos temas propostos, como no próprio processo de trabalho, em que as crianças e as famílias participaram de forma colaborativa na construção da narrativa, seguindo passos paralelos aos da pesquisa científica. De facto, o estudo dos animais nos seus habitats, indispensável para dar resposta à construção das peripécias, exigiu observação direta, questionamento do que



viam e ouviam, confronto de ideias, argumentação, compreensão de perspetivas alheias, imaginação de soluções e avaliação da lógica nas sequências que iam conseguindo criar.

Bem concebido, bem fundamentado e bem executado, do princípio ao fim, o projeto iniciou-se com um desafio enviado através de carta com uma remetente misteriosa, que assinava Bitá. Mal a ouviram ler na sala, certamente bem lida pelas professoras de Filosofia, as crianças demonstraram grande curiosidade. Mas, ao contrário do que seria previsível, o interesse não se dirigiu logo para a história e recaiu na misteriosa autora da carta. Queriam saber quem era, onde estava, por que motivo lhes escrevia, se conhecia o Colégio Valsassina, etc.etc. As perguntas permitiam desde logo concluir que aquelas crianças, de cinco anos de idade, demonstravam já consciência de que um texto pressupõe a existência de um autor, o que revelava a sua anterior experiência com livros e com textos escritos.

Nas semanas seguintes foram chegando novas cartas, com novas surpresas, novos desafios. É fácil imaginar o entusiasmo das crianças que tanto as professoras de filosofia, como as educadoras iam alimentando, suscitando dúvidas e recolhendo respostas, registando o que as crianças formulavam, levando-as ao jardim do colégio para observarem diretamente os animais que ali vivem e envolvendo também as famílias, a partir do que as crianças iam contando em casa e construindo também com os pais.

O processo num constante vaivém entre a autora do texto e as 76 crianças, mediado por professoras e educadoras com a colaboração das famílias, é uma concretização exemplar de orientações peda-

gógicas que propõem o envolvimento dos alunos, na construção da aprendizagem.

Muitas vezes se refere que a motivação é a pedra angular da educação. Mas é necessário não esquecer que o mais relevante não é tanto a motivação extrínseca, como a auto motivação. Para que a aprendizagem seja realmente desejada e bem conseguida é indispensável que as crianças (e também os jovens e os adultos) se interessem pelos temas, se mobilizem para as atividades, se envolvam na realização.

É precisamente esse envolvimento profundo que o projeto Violeta borboleta testemunha e que veio a dar origem ao livro agora publicado.

Aqueles que além de se encantarem com o livro conhecerem o projeto, não poderão deixar de prestar a justa homenagem a todos os que o conceberam e realizaram. Em primeiro lugar à sua autora e coordenadora – **Maria Alda Silva**, grande professora, grande pedagoga, que há mais de 50 anos revela aos jovens as potencialidades da nossa língua e da nossa literatura, inspirando tantos alunos e, através deles, tantas famílias. Às professoras de Filosofia para Crianças que o dinamizaram junto das três classes dos 5 anos do Jardim de Infância – **Daniela Morais** e **Joana Baião**. Às educadoras que ao longo de um período de 15 semanas mantiveram vivo o entusiasmo das crianças e das famílias – **Ana Pereira**, **Inês Afonso**, **Joana Pires da Costa**. À talentosa ilustradora que tão bem soube encontrar o registo certo para a história – **Maria Bárbara Grandiboul**. E também à coordenadora do Jardim de Infância – **Teresa Marçal-Grilo** – a quem tanto agradeço o papel que desempenha na educação das nossas crianças.



O projeto **A BORBOLETA VIOLETA. UMA PRÁTICA DE APRENDIZAGEM COLABORATIVA NO JARDIM INFÂNCIA** recebeu o **Prémio de Excelência do júri do concurso Internacional START-T** – *Aprender e partilhar através da aprendizagem colaborativa baseada em projeto* <https://start.luma.fi> – lançado pela LUMA Centre Finland (rede de universidades de Ciência e Tecnologia da Finlândia - <https://www.luma.fi>) na qualidade de Melhor Prática Educativa.

EM DESTAQUE **Entrevista com a autora e com a ilustradora do livro “Violeta Borboleta”**



Maria Alda Soares Silva

Entrou no Colégio em 1965. Foi professora de Português e Francês, investigadora, autora de manuais e livros. Integra a Equipa Diretiva do Colégio e é Diretora dos Departamentos Didáticos do Colégio Valsassina desde 2010. “Violeta Borboleta” é o seu mais recente livro. Foi lançado no dia 22 de abril (Dia Mundial da Terra), via Zoom, numa sessão que contou com a presença de alunos, famílias, professores e convidados.

De onde nasceu a inspiração para a história Violeta Borboleta?

Começo por falar de um desafio que me foi feito por Teresa Valsassina, em setembro de 2019, para repetir o mesmo processo de escrita colaborativa que tinha desenvolvido em 1999/2000 com três turmas dos 5 anos, de que viria a resultar o *Gilinho*, *Porquinho do Areeiro*, e *Uma História a quatro mãos*, com três turmas do 3.º ano. A “inspiração” veio de uma inquietação: numerosos artigos científicos e até artigos da imprensa diária referiam a extinção de várias espécies de insetos, nomeadamente de borboletas, derivada das alterações climáticas, de florestação, uso de pesticidas, entre outras causas.

As gerações mais novas têm de ir tomando consciência destes fenómenos, de uma maneira lúdica, cheia de fantasia, mas também com algum rigor, visando uma educação científica e ambiental. As Borboletas são seres alados, com uma beleza colorida, por isso era fácil criar a personagem principal, Violeta, uma borboleta azul, comum em Portugal, a quem dei o nome da minha Mãe.

De que forma é que as crianças dos cinco anos contribuíram para o desenvolvimento da história?

A contribuição das crianças consistiu nas múltiplas perguntas que foram fazendo após a leitura de cada capítulo, na sugestão de mais personagens, como os pais da Violeta, por exemplo, e muitos pormenores relativos à alimentação, habitat, sempre sob a forma de cartas de resposta às minhas cartas semanais. As lengalengas criadas por elas e as informações trazidas de casa, enriquecidas por desenhos expressivos, foram um contributo fundamental para o desenvolvimento da narrativa.

Durante o processo de construção da história, os alunos desconheciam a identidade da escritora que lhes enviava as cartas. Em que medida é que este “mistério” contribuiu para o desenvolvimento da história?

Sem dúvida que o “mistério” é um dos segredos do entusiasmo e curiosidade com que as crianças iam recebendo as cartas. Perceberam que Bitá era um “petit nom” que a escritora tinha em criança, tal como os que elas também têm e que partilharam. Concluíram também que conhecia muito bem o Colégio, e iam levantando hipóteses... Mas até 22 de abril não conseguiram descobrir. Esse “mistério” também serviu para terem a noção de que as histórias que ouvem ler têm sempre alguém que as escreve, que tem uma vida, que já foi criança. As histórias são imaginadas, criadas por alguém, não surgem do nada.

Este projeto envolveu as educadoras e as professoras de Filosofia para Crianças. Qual o contributo de cada uma neste projeto?

As professoras de Filosofia para Crianças foram as primeiras a entrar no processo, aplicando a metodologia de Lipman que valoriza a capacidade de fazer perguntas, de constituir uma “comunidade pensante”. Foram elas que desenvolveram o tema do crescimento, da transformação que vamos tendo, recordando os primeiros meses, anos de cada uma das crianças. Tal como a Violeta, elas vão descobrindo quem são!

Apresentar argumentos é também uma técnica da Filosofia para Crianças e na história da Cigarra e da Formiga foi fácil fazê-los analisar os comportamentos de cada personagem e poder apresentar

razões em sua defesa. Recriar capítulos, representar com outra linguagem, nomeadamente os desenhos foram alguns dos vários momentos de exploração em Filosofia para Crianças. Levar a Pensar, a Descobrir, a Relacionar.

As Educadoras, quando entraram no processo, inseriram-no logo no grande objetivo da Educação Ambiental e na observação do Real, percorreram os espaços verdes do Colégio, para que vissem os bichinhos de conta, as marias-café, as borboletas e os pássaros e as árvores, todas as personagens da nossa história.

As rimas, as lengalengas, as músicas, foram exploradas nas aulas das Educadoras que, como a

Maria-Café, sabem que tem de haver tempo para aprender e, como o Bichinho-de- conta, são exímias contadoras de histórias.

Que mensagem ou mensagens destaca desta história?

A mensagem fundamental está expressa no convite que a Violeta e as suas amigas deixam às crianças: “Vamos proteger a Terra!”

Certamente que há outras mensagens que se podem descobrir, mas há outra muito importante: todo o trabalho que fazemos em colaboração com os outros nos enriquece, tudo o que se partilha ganha uma maior dimensão, a do Saber e dos Afetos.

Bárbara Grandiboul

Ilustradora do livro

Em que se inspirou para as ilustrações?

As ideias e as ilustrações foram surgindo, espontaneamente, da leitura do texto. A minha infância e as Fábulas Clássicas foram, talvez, as principais fontes para as ideias.

Das Fábulas Clássicas, guardei a recordação de animais que falam e têm características humanas. Da minha infância, guardei uma outra relação com o espaço e a Natureza.

Os animais, sobretudo insetos, que surgem no texto, são mais pequenos que nós, mas, no livro, tentei aproximá-los do leitor.

Procurei que os desenhos realçassem a mensagem do texto: a importância da biodiversidade e dos insetos na Natureza. Assim, a lesma, a maria-café, as lagartas ou as formigas – para certas pessoas animais repelentes – são transformados em animais simpáticos, tanto no texto, como, espero, nas ilustrações.

Como foi o processo criativo? Que técnicas utilizou?

Foi um processo de experimentação de fenómenos visuais: escalas, pontos de vista e perspetivas. Nunca tive a intenção de fazer um desenho científico, no entanto para desenhar um louva-a-deus, por exemplo, tive que estudar as suas formas, para depois simplificá-las.

Para aproximar o leitor de pormenores só visíveis com lupa ou de sensações físicas, utilizei propriedades da cor – a transparência, a opacidade ou a temperatura – e tentei que o desenho nos levasse a imaginar o lugar e a vida destes animais.

Todas as ilustrações foram feitas num iPad, recorrendo sobretudo à mancha.



Maria Bárbara Grandiboul,

Formada em Design, pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, trabalhou em Serviços educativos em Museus e atualmente trabalha como ilustradora e designer.

Escolhi um formato de livro horizontal, para ser aberto e lido de forma confortável, pousado nas pernas – de preferência acompanhado! Como se, ao abrir, estivéssemos perto da terra, perto das personagens e do seu habitat.

Tentei também criar um diálogo visual entre alguns desenhos, que acompanhasse o folhear do livro.

Tem alguma personagem ou ilustração preferida?

A minha ilustração preferida é a da capa, pela sua composição, que acompanha o formato do livro e do título e valoriza o espaço e o ar, no qual a Violeta borboleta se desloca.

Que mensagem ou mensagens destaca desta história?

Destaco a importância da diversidade na Natureza (e essa diversidade também nos inclui a nós mesmos).

COVID-19 vs Criatividade. Ilustrações

Sofia Caranova Professora de Artes Visuais

Da antiguidade à época medieval, do Renascimento à contemporaneidade, muitos são os exemplos no universo da História da Arte de artistas que integram nas suas telas a realidade do seu tempo, as doenças que assolaram nações, as feridas causadas por razões misteriosas, as perdas de vidas humanas, o confronto com a mortalidade.

O passado está, por isso, cheio de padrões que revelam as lutas e as conquistas dos nossos antepassados em tempos de pandemia. Da peste negra à gripe espanhola ou à sida, a arte demonstra que os vírus sempre estiveram no caminho da Humanidade.

A situação inédita vivida desde março de 2020, com a pandemia provocada pela COVID-19, leva-nos a pensar bem sobre a fragilidade de muitas certezas quanto ao nosso modo de estar e viver.

Em período de confinamento e na nova realidade de ensino a distância, os alunos do 10.º ao 12.º ano na disciplina de Desenho A, foram estimulados a criar um conjunto de ilustrações sobre o tema - COVID-19 vs Criatividade. Da luta entre a Quimera e Belerofonte, ao tema do Distanciamento, o medo de respirar o ar contaminado, muitas foram as abordagens gráficas ao tema central da COVID. Ficam aqui algumas das ideias gráficas desenvolvidas pelos alunos do agrupamento de artes visuais.



Distanciamento, ilustração de Rodrigo Barrote 12.º 4



Ilustração de Mariana Afonso 11.º 4



Ilustração de Afonso Costa 11.º 4



Ilustração de Beatriz Vieira 10.º 4



“Para este trabalho inspirei-me na mitologia grega, na qual há um ser mitológico bastante conhecido que é a Quimera. Neste caso, a Quimera é a Covid-19 e o Belerofonte é o profissional de saúde que o tenta matar.”

Ilustração de Bárbara Madeira 10.º 4



What about them?

“Muitos enfermeiros e médicos passam muitas horas do dia a trabalhar para combater o coronavírus e, por vezes, quando vão aos supermercados comprar bens essenciais, os mesmos estão esgotados, uma vez que as pessoas, com medo de que isso aconteça com elas, compram quantidades desnecessárias de produtos. E, por isso, faço a pergunta *What about them?*”

Ilustração de Helena Mendas 10.º 4

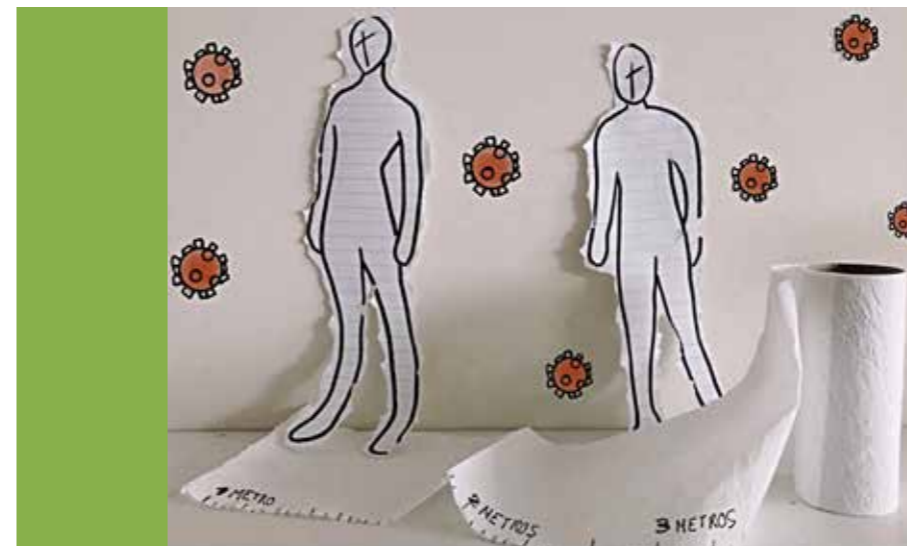


Ilustração de Beatriz Miranda 12.º 4



Ilustração de Mafalda Pinto 12.º 4



Ilustração de Sofia Carajote 11.º 4

“O medo de respirar está presente nas nossas vidas”



Ilustração de Manuel Do Ó 10.º 4

EDUCAR PELAS Artes e com as Emoções

“O meu estado de espírito em tempos de confinamento”

Sofia Caranova Professora de Artes Visuais

Desde março vivemos uma nova realidade de vida quotidiana. A mudança de rotinas, o confinamento dentro de casa, as incertezas, a ansiedade, passaram a estar presentes nas nossas vidas.

Confirmando que senti no geral os meus alunos empenhados, cumpridores na realização das tarefas propostas, pontuais nas aulas virtuais via Zoom, mas também senti nas suas vozes tristeza e ausência de sorrisos. Decidi numa das aulas à distância da disciplina de **Desenho A**, no passado mês de abril dar-lhes voz.

Pedi-lhes que através do desenho contassem como se sentiam naquele momento e como estavam a viver as novas rotinas em tempos de confinamento. Que utilizassem o desenho como uma terapia, pois o desenho, tal como a escrita, permite expressar sentimentos e emoções mais profundas.

Partilho alguns dos trabalhos sobre o tema realizados pelos alunos do 10.º, 11.º e 12.º ano.

“... senti no geral os meus alunos empenhados, cumpridores na realização das tarefas propostas...”



Beatriz Miranda 12.º 4



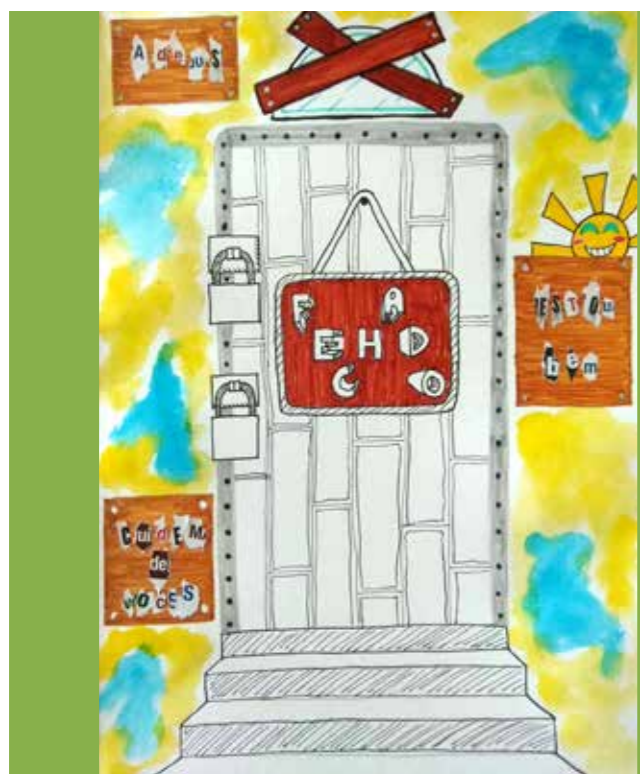
Madalena Carvalho 11.º 4



Rodrigo Barrote 12.º 4

“Neste tempo da nossa vida estamos presos em casa. A maior parte das pessoas está a ver esta situação como uma verdadeira prisão e, por isto, estão tristes. O meu estado de espírito é de felicidade e também de liberdade, pois, embora “presa”, continuo a sonhar.”

Barbara Madeira 10.º 4



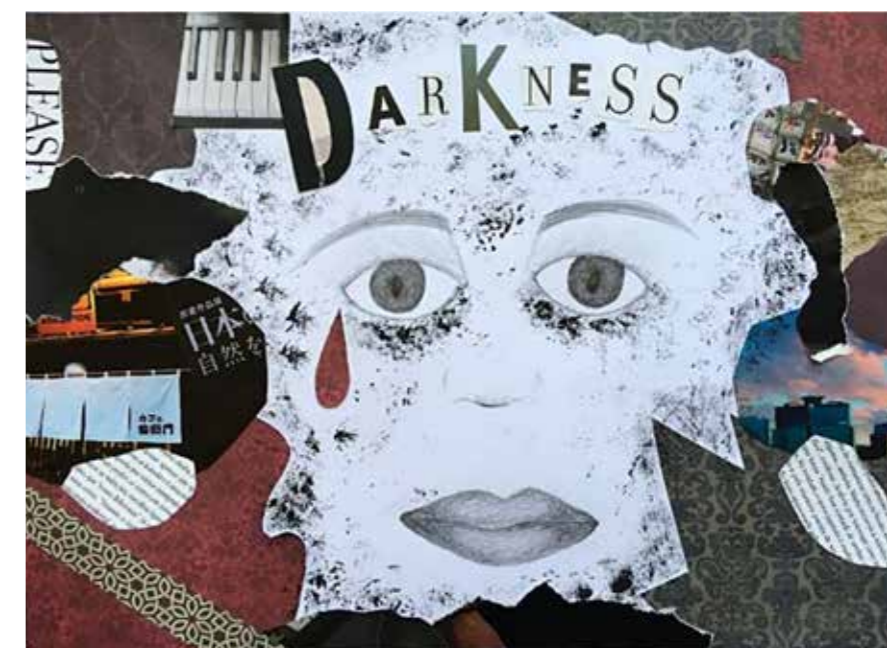
Afonso Costa 11.º 4



Helena Mendes 10.º 4



Ana Rita Biscaia 12.º 4



Beatriz Vieira 10.º 4

EDUCAR PARA as Artes e para a Liberdade de expressão

Expressão Plástica@distância: Uma experiência de reflexão em ação

Elsa Marques, Maria de Jesus Ferreira, Rita Coelho Professoras de Expressão Plástica
Teresa Valsassina Coordenação

A interrupção forçada das aulas presenciais revelava-se à partida um enorme desafio para a Expressão Plástica. Como replicar em casa as experiências e as aprendizagens que proporcionamos aos nossos alunos, sem o espaço, os recursos e os materiais existentes no atelier? Como manter a proximidade com os alunos? Como proporcionar a estabilidade e a confiança necessárias para continuar a estimular a criatividade, a vontade e o gosto de comunicar de forma visual?

Num curto espaço de tempo, aprendemos a trabalhar com modelos de ensino síncronos e assíncronos e testámos as suas potencialidades, pesquisámos experiências e navegámos insistentemente pela Internet à procura de respostas para as nossas inquietações. Não tendo encontrado qualquer experiência prévia de práticas de expressão plástica com crianças, de forma não presencial, que nos servisse de modelo e nos pudesse guiar ou inspirar, percebemos que seria preciso improvisar.

Teríamos de reinventar aulas e ensaiar novas formas de estar e comunicar com os alunos, sem abdicar dos princípios que orientam o trabalho realizado no atelier: a exploração do mundo pelo observar e sentir; a invenção que decorre da reflexão e da partilha de ideias e se concretiza no fazer artístico através da experimentação, não sujeita a convenções.

Tal implicaria delinear uma metodologia que estimulasse os alunos a continuar a trabalhar as competências que vinham a ser adquiridas no atelier de expressão plástica. Passaria também por identificar temas que os entusiasmassem e que os desafiassem a pensar, a refletir e a fazer associações com factos significativos das suas “novas” rotinas, e por definir um roteiro com os tópicos principais de trabalho que pudessem ser facilmente explorados e realizados em casa, de forma autónoma e sem a interferência dos adultos. E, acima de tudo, obrigaria a refletir continuamente sobre a forma de condução das atividades, impedindo-nos, à partida, de fixar um programa de trabalhos rígido para todo o período de aulas. Seria preciso analisar e compreender as reações dos alunos face ao tema e às técnicas propostas e à sua concretização nos tempos previstos e ir introduzindo as correções necessárias.

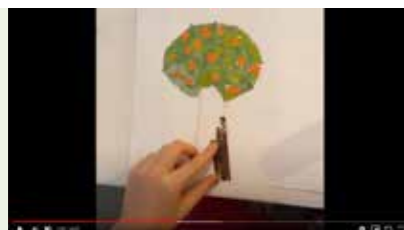
Sendo que as sessões síncronas apenas ocorreriam quinzenalmente, optámos por conceber as atividades a partir de um tema, o qual se desdobraria em duas tarefas a serem realizadas ao longo de duas semanas e em que cada uma teria o seu roteiro.

Começámos por desafiar os alunos com o tema “vai iniciar o 3.º período”, convidando-os a pensar como seria o regresso ao tempo de aulas e como as aulas iriam decorrer a partir de casa, num novo ambiente de aprendizagem. Facultámos um conjunto de instruções mínimas, idênticas às aplicadas nas aprendizagens anteriormente realizadas no atelier e, portanto, por eles conhecidas: manter a concentração na tarefa a realizar; formar representações completas dos ambientes dando atenção ao detalhe; preencher o fundo da composição; não usar borracha, nem régua nem esquadro, nem compasso e utilizar um único tipo de material, disponível em casa.

Recebidos os primeiros trabalhos, verificámos que muitos deles revelavam, em termos compositivos, níveis de complexidade elementares e reduzida expressividade, quando comparados com os trabalhos realizados presencialmente no atelier. Os trabalhos traduziam fraco investimento na sua realização e alguma desmotivação e desinteresse por parte dos alunos, o que posteriormente confirmámos nas sessões síncronas, ao refletir em conjunto sobre o tema e o modo como os trabalhos tinham sido conduzidos e realizados.



O reinício das aulas a partir de casa. Laura Ribeiro 3.º A



Percebemos, então, que seria preciso contrariar os obstáculos colocados pelo ambiente de confinamento forçado. Teríamos que reforçar estratégias que fomentassem um maior envolvimento dos alunos e contribuíssem para desenvolver o seu imaginário, as suas capacidades de invenção e de reinterpretação da realidade. Impunha-se ainda melhorar os roteiros de apoio ao trabalho e encontrar formas de incentivar a exploração da representação figurativa, fomentar o desenho livre de traçado espontâneo, inibindo o recurso a representações canónicas e estereotipadas, e apostar no desenvolvimento de noções espaciais e temporais. Ao mesmo tempo, havia que contornar a limitação dos recursos e materiais disponíveis em casa para a realização dos trabalhos, e apelar à aplicação de outras técnicas que exercitassem a coordenação motora e a destreza manual.

Inspirados nos princípios do modelo de “observação reflexiva” proposto por Robert Ott (2011), designado por Image Watching, conduzimos os alunos a interagir - observar e interpretar - com imagens, quer de situações reais quer de manifestações artísticas, relacionadas com os temas, com o propósito de ampliar o repertório visual e trabalhar em paralelo o sentido de observação, a memória visual e a perceção espacial. Paralelamente ao desenho de representação, apostou-se nas técnicas de recorte e colagem como forma de estimular a motricidade fina e a coordenação motora e visual.

Durante as sessões síncronas, assumimos o nosso papel de professores/educadores enquanto observadores e orientadores, familiarizando os alunos com diferentes manifestações artísticas e guiando a sua interpretação e compreensão. Chamámos a atenção para os aspetos expressivos das obras selecionadas, de forma a permitir a sua posterior transformação, livre e descomprometida, e apostámos na verbalização das experiências visuais, dentro da tricotomia Ver-Criar-Comunicar.

Nos momentos assíncronos comentámos os trabalhos que nos iam sendo enviados, procurando estimular o prazer de comunicar visualmente através do desenho. Ao mesmo tempo incentivámos os alunos a manterem a concentração e o compromisso na realização cuidada dos trabalhos.

O trabalho das semanas de 4 a 15 de maio ilustra a didática seguida. Tendo como tema a árvore, foi pedido aos alunos para representarem a sua árvore preferida, primeiro através do desenho e depois da colagem. De forma opcional foi-lhes dada a possibilidade de gravarem um pequeno vídeo enquanto realizavam a colagem.

Nas sessões síncronas chamamos a atenção dos alunos para

as características das árvores e para o que as distinguiu. Destacámos o modo como David Hockney reinterpretava os elementos recolhidos da realidade, representava as árvores e o campo circundante e revelava, através da pintura, as alterações porque passavam ao longo das estações do ano. Identificámos os elementos da Natureza destacados pelo artista e a forma como organizou a composição. Falámos sobre as cores e os efeitos de luz utilizados para traduzir as qualidades das diferentes estações. Discutimos ainda como a nossa experiência do mundo pode ser retratada através da pintura.

Nos trabalhos apresentados, as árvores surgem individualizadas ou inseridas em paisagens reportando para lugares idealizados. Os alunos trabalharam sobretudo a partir da memória e da imaginação, fazendo em alguns casos a síntese com a observação direta de árvores e das imagens fornecidas. Já nas colagens, a par da utilização de papéis coloridos e jornais reciclados, foi recorrente o recurso a materiais naturais, como folhas e troncos.

No trabalho seguinte, aplicámos a mesma metodologia, adaptada ao tema “Animal selvagem”, de novo insistindo no desenho e na colagem. Introduzimos pequenas alterações no enunciado e demos maior ênfase às discussões promovidas nas sessões síncronas e aos comentários enviados assincronamente. Terminámos o período com um trabalho sobre o tema “O Picnic”. Em tempo de desconfinamento progressivo, pretendemos levar os alunos a idealizar o espaço onde gostariam de celebrar o regresso ao convívio ao ar livre.

As discussões realizadas durante e após a experiência destes últimos meses confirmaram a importância do espaço e do tempo do atelier e a impossibilidade de replicar a diversidade de experiências oferecidas nas aulas de Expressão Plástica fora desse ambiente. Mostraram a dificuldade em ultrapassar as barreiras colocadas pela substituição da presença física por um ecrã e em manter a relação de proximidade com os alunos, tal como decorre no espaço e no tempo do atelier. Revelaram ainda que, para assegurar um ambiente de confiança necessário para trabalhar a imaginação a par do raciocínio espacial e da destreza manual, foi fundamental recorrer a técnicas anteriormente experimentadas pelos alunos e por eles assimiladas e dominadas e facilmente aplicáveis em casa.

A reflexão sobre o processo de condução dos trabalhos, realizada semanalmente ao longo deste período, permitiu repensar e adaptar progressivamente a metodologia adotada de modo a proporcionar a melhor experiência a todos os envolvidos e responder aos objetivos da disciplina de Expressão Plástica.

No enunciado inserimos várias imagens de árvores com características e portes distintos.



Anexámos também um conjunto de quatro pinturas de David Hockney representando, sequencialmente, as mesmas árvores ao longo das quatro estações do ano.



David Hockney (2007-08). *Three trees near thixendale*. Primavera | Verão | Outono | Inverno.

EM DESTAQUE Projeto Arte urbana – Mural Valsassina

Ana Vieira e Elsa Marques Professoras de Educação Visual

No contexto atual, a arte urbana tem vindo a desempenhar um papel fundamental enquanto exemplo expressivo da arte contemporânea acessível a grandes públicos. Pela sua especificidade, a *Street Art* estabelece contacto direto com a população em geral, especialmente com os jovens, que muitas vezes encontram na arte urbana um surpreendente ponto de contacto para o mundo da arte, demasiadas vezes enclausurada em museus e coleções privadas.

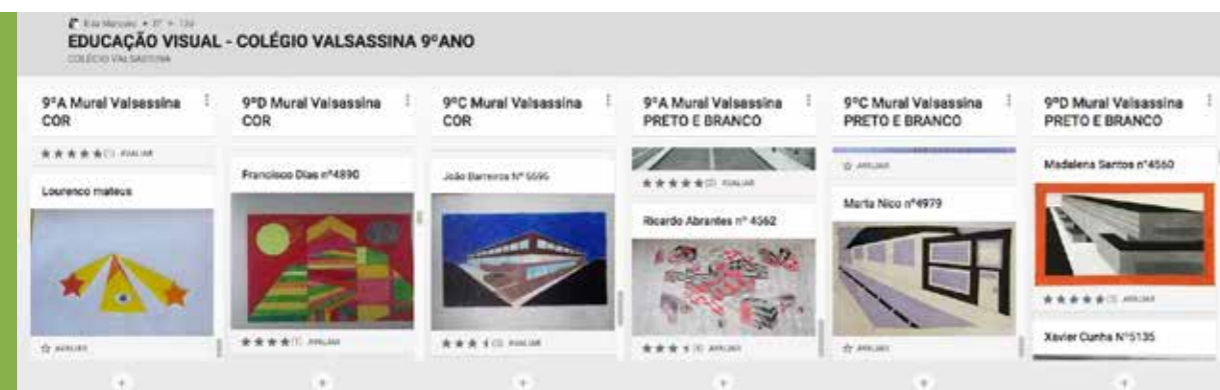
O projeto ARTE URBANA – MURAL VALSASSINA parte de um contacto inicial com a obra de Banksy, tendo os alunos tomado conhecimento do trabalho deste artista numa visita de estudo à exposição BANKSY: *Génio ou Vândalo?*, patente no início do ano letivo na Cordoaria Nacional em Lisboa.

Foi posteriormente lançado aos alunos o desafio de investigar alguns nomes de artistas urbanos com o intuito de os apresentarem aos colegas. Esta pesquisa materializou-se numa apresentação em grupo sobre artistas portugueses como Vhils, AkaCorleone, Vanessa Teodoro, Paulo Arraiano, Gonçalo Mar, Odeith, Frederico Draw ou Bordalo II e também artistas estrangeiros como BLU, Lady Pink, Blek Le Rat, Eduardo Kobra, David Choe,

Banksy, Roa, Mentalgassi, Hyuro, Spy, Smates e Sainer.

Enquanto recurso técnico-artístico, a Perspetiva Linear representa uma importante solução para o desenho de representação, sendo amplamente utilizada pelos artistas desde o renascimento até à arte contemporânea. Depois de uma apresentação sobre a utilização da Perspetiva Linear ao longo da história de arte e das suas soluções técnicas, foi proposto aos alunos a realização de um MURAL para o Colégio Valsassina, concebido com recurso à Perspetiva Linear e com inspiração nos artistas estudados.

Assim nasce o projeto ARTE URBANA – MURAL VALSASSINA, para o qual os alunos trabalharam intensamente com extrema dedicação e afínco. A multiplicidade expressiva dos trabalhos patentes nesta exposição evidencia a criatividade dos alunos em tempos de confinamento. Apesar de não ter sido possível concluir o projeto com a elaboração de um mural no espaço escolar, estes trabalhos atestam a capacidade de adaptação e resposta criativa de cada aluno que neles se empenhou, com resultados absolutamente fantásticos e dignos de um verdadeiro *street artist*.



EDUCAR PARA #perarduasurgo – Ler em todo o lado a promoção da leitura

Manuela Santos Coordenadora do Centro de Recursos Educativos



Maria Amélia 1.º A



Numa altura em que a todos nós, de algum modo, nos foi pedido que limitássemos o tempo no exterior das nossas casas, porque não aproveitar para preencher este novo tempo disponível com o poder dos livros, estreitando laços familiares na partilha de leituras e promovendo hábitos de leitura?



Mafalda Santos 11.º 1A



Manuel Varandas 6.º A



Leonor Coimbra 2.º A

Em abril comemoram-se datas importantes relacionadas com o livro e a leitura. No dia 2 de abril, celebramos o **Dia do Livro Infantil** e no dia 23 o **Dia do Livro e do Direito de Autor**.

O Dia do Livro Infantil⁽¹⁾, surge a partir de 1967 para celebrar o nascimento do escritor Hans Christian Andersen, e dessa forma lembrar a importância da leitura para a infância.

Já o Dia do Livro e do Direito de Autor, foi instituído pela UNESCO⁽²⁾ em 1995, para honrar o esforço daqueles que pela escrita têm contribuído para o progresso social e cultural da humanidade, com o objetivo de incentivar todos a descobrir o prazer de ler.

Foi escolhido o dia 23 de abril, por ter sido nesta data que morreu William Shakespeare, Miguel Cervantes, entre outros importantes escritores que nasceram ou morreram por esta altura. Este ano, lamentavelmente, perdemos o escritor Luis Sepúlveda.

Ainda a respeito do Dia do Livro, curiosamente, na Catalunha têm o hábito de festejar este mesmo dia com a oferta de um livro e uma rosa aos amigos. Já que neste dia se festeja o São Jorge⁽³⁾, dia equivalente ao dos namorados, este hábito associa uma flor ao livro!

Com o intuito de não deixar passar estas datas e, ao mesmo tempo, de incentivar e promover a leitura e desanuviar dos tempos de confinamento, foi lançado o desafio **#perarduasurgo – Ler em todo o lado** a toda a comunidade educativa do Colégio Valsassina.

Este desafio teve como ponto de partida a 10.ª Edição de "Ler em todo o lado", realizado pelas Bibliotecas Municipais de Lisboa (BLX) e a Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL). Ao longo dessas edições, são propostas atividades para todas as faixas etárias, no sentido de incentivar e promover os hábitos de leitura.

Deste modo, resolveu o Colégio lançar este desafio a todos alunos, pais, professores, colaboradores. Pretendia-se que fossem tiradas fotografias de momentos que ilustrassem pausas de leitura dentro de casa.

Partilhamos alguns desses momentos mais prazenteiros e alegres que a nossa comunidade educativa partilhou connosco.

(1) <http://dglab.gov.pt/dia-internacional-do-livro-infantil-2020/>

(2) <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/ptf0000101803.page=56>

(3) <https://www.barcelona-tourist-guide.com/pt/eventos/sao-jorge/festival-sao-jorge-barcelona.html>



CLIQUE... nas imagens e aceda ao site!

EM DESTAQUE

Projetos de Cidadania em tempos de emergência provocada pela COVID-19

Daniela Morais Professora de Educação para a Cidadania e de Filosofia

Disciplina de Cidadania, 6.º C e 6.º D Projetos #vaificartudobem e «A Saúde no Futuro»

A disciplina de *Cidadania e Desenvolvimento* funda-se como um espaço de partilha, diálogo e posicionamento crítico perante temas e problemas do mundo contemporâneo, sendo a missão educativa do professor preparar os alunos para a vida, para serem cidadãos autónomos e conscientes face aos outros e ao mundo. Assim, esta disciplina pretende dotar os alunos de um conjunto de aptidões que lhes permita serem capazes de compreender, ponderar e questionar o mundo que os rodeia. Para tal, consideramos ser fundamental ir ao encontro das necessidades cognitivas e emocionais dos alunos, procurando criar um espaço de discussão, onde estes se sintam seguros e no qual possam encontrar esclarecimentos para as suas dúvidas, receios e inquietações. Desta forma, e porque acreditamos que “cabe à educação fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permite navegar através dele” (DELORS, p.89), a disciplina de *Cidadania e Desenvolvimento* incidu sobre a situação atual da pandemia da COVID-19, com o objetivo de acompanhar e informar os alunos, acalmando-os e reforçando a partilha de uma mensagem de união e esperança.

Deste ímpeto nasceu o projeto #vaificartudobem, proposto aos alunos na primeira semana de aulas após a implementação do modelo de E@D. O resultado final demonstra a grande dedicação dos alunos na realização do projeto, transmitindo-nos, através dos seus cartazes, uma poderosa mensagem: a nossa casa é onde estamos seguros.

No decorrer do 3.º período e no sentido de estimular nos alunos o desejo de conhecimento, reforçando a sensação de calma e esperança, decidimos participar no projeto *A Saúde no Futuro*, proposto pelo Conselho Nacional de Saúde no âmbito da *Agenda da Juventude para a Saúde na próxima década: 2020-30*, onde os alunos participaram através de exercícios de questionamento e reflexão. Dado o empenho demonstrado pelos alunos ao longo da implementação deste projeto, decidimos desafiar-lhes a expressarem as suas ideias e emoções através de ilustrações, o que nos permitiu conduzir os nossos alunos por uma viagem de descoberta que fomentou não só novos conhecimentos (ilustrações das medidas de prevenção no âmbito da COVID-19, pensadas pelos alunos do 6.ºD), mas também fantasia e esperança (ilustrações dos super-heróis contra a COVID-19), ou não precisasse a educação “tanto de formação técnica e científica como de sonhos e utopias.” (FREIRE, p. 31).

Referências bibliográficas

DELORS, J. (org.), (2010). *Um Tesouro a Descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. Brasília: Setor de Educação da Representação da UNESCO no Brasil & Fundação Faber-Castell.

FREIRE, P. (2007). *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra (30ª edição).



Sofia Amaral 6.º D

“A disciplina de Cidadania foi importante para lidar com a pandemia do COVID-19, pois nas aulas podemos, todos juntos, falar e compreender melhor o que se passa. Nas aulas expressamos toda a nossa criatividade e imaginação, com trabalhos divertidos e originais.”

Madalena Rodrigues 6.º C

“Estes projetos foram muito importantes, pois ajudaram-me a manter a calma.”

Mariana Coelho 6.º C

“Estes projetos foram muito importantes para mim, pois lembraram-me que tenho de me esforçar pelo bem comum.”

Alexandre Guerra 6.º C

“Para mim foi importante porque me fez compreender ainda mais que precisamos de fazer a nossa parte para cuidarmos de nós e, ao mesmo tempo, cuidarmos dos outros.”

André Caetano 6.º C

“As perguntas da professora obrigaram-me a pensar melhor sobre esta atual pandemia da Covid-19.”

Carlos Claro 6.º C

“Eu acho que estes projetos foram importantes, pois os trabalhos realizados deram-me esperança de que vamos conseguir ultrapassar esta crise.”

Constança Alves 6.º C

“Os projetos foram importantes e ajudaram-me porque, além de me incentivaram a tentar divertir-me em casa, ajudaram-me a passar o tempo enquanto me divertia.”

Maria Pinheiro 6.º C

“Estas tarefas ajudaram-me a preparar-me mentalmente para lidar com a Covid-19 e a superar as dificuldades.”

Rodrigo Baltazar 6.º C

“Aprendi a falar de uma coisa que me deixava triste, mas graças à professora já não tenho medo de falar.”

Sofia Machado 6.º C

“Na minha opinião, os projetos foram importantes para que eu lidasse com a pandemia da COVID-19 porque fazer estes trabalhos mostrou-me que todos juntos com resiliência vamos conseguir vencer este vírus.»

Maria Rita Timóteo 6.º D



Sofia Fernandes 6.º C



Rita Machado 6.º C



“Temos de ficar em casa, para que o vírus não nos contagie, nem se propague.”

Sofia Costa, 6.º D

“Eu acho que foram os dois importantes, porque um ajudou-nos a perceber que vamos todos enfrentar isto juntos e vai ficar tudo bem e o outro deu-nos a saber mais sobre o COVID-19, como, por exemplo, as regras de higiene que devemos adotar neste tempo de pandemia. Por isso, os dois projetos foram importantes.”

Francisca Pinheiro 6.º D



projeto #vaificartudobem

“Os projetos que realizei nesta disciplina de cidadania foram muito importantes para lidar melhor com esta pandemia porque ajudaram-me a compreender o porquê de ficar em casa.»

Gonçalo Silva 6.º D

“Na minha opinião, os projetos foram importantes para que eu lidasse com a pandemia da COVID-19 porque fazer estes trabalhos mostrou-me que todos juntos com resiliência vamos conseguir vencer este vírus.»

Maria Rita Timóteo 6.º D

“Estes projetos foram importantes para mim, porque a professora mostrou-me um lado bom desta quarentena. Também me diverti com os projetos, e fez-me lembrar o Colégio, fazendo os nossos projetos, as atividades e as perguntas.»

Margarida Silva 6.º D

“O projeto #vaificartudobem ajudou-me a motivar-me para passar a mensagem de que estamos todos unidos e o projeto «A Saúde no Futuro» ajudou-me a compreender melhor o que se estava a passar no mundo.» Maria Eduarda Paiva 6.º D

EDUCAR PARA a sustentabilidade

Horta@distância – Projeto ValsaBio Mãos à Horta

Mariana Marques Professora do 1.º Ciclo e coordenadora do “Projeto ValsaBio – Mãos à Horta”
João Dias Professor de Geografia



O Projeto piloto “ValsaBio – Mãos à Horta” arrancou este ano letivo em duas fases distintas. A primeira fase, em outubro de 2019, com o início das obras de reabilitação da horta. A segunda fase, no início do mês de fevereiro de 2020, com as primeiras visitas de alguns alunos do 1.º ciclo e do 3.º ciclo que desde cedo se envolveram de forma entusiasta e participaram ativamente nas diversas tarefas que tiveram de executar, respeitando e, sobretudo, colocando em prática princípios de sustentabilidade ambiental.

Até ao mês de março, pouco antes de o Colégio encerrar, os alunos limparam o terreno, transportaram terra, iniciaram o desenho e a construção de estruturas de apoio, planearam os canteiros, construíram um compostor, fabricaram tintas ecológicas e plantaram 100 alfaces, 200 cebolas, 18 tomateiros, 8 curgetes, batata doce e muitas outras espécies.

O que aconteceu à horta depois de irmos para casa?

A nossa última visita à horta aconteceu a 13 de março, depois desta data a Natureza ajudou muito a que os nossos produtos continuassem a crescer. Choveu bastante, o suficiente para regar os nossos produtos e, logo que foi possível, o Sr. Miguel voltou e a manutenção da horta e as obras de reabilitação continuaram com o trabalho de alguns colaboradores do Colégio.

E os alunos envolvidos neste projeto, o que fizeram nas suas casas?

Os nossos alunos continuaram a participar em desafios que foram lançados online. Desde mini-hortas, produzidas em casa, a atividades experimentais, de poemas a adivinhas, de casas para caracóis a vasos criativos, muitas foram as fotografias e os trabalhos que nos fizeram chegar.

As nossas alfaces estavam prontas para ser colhidas, o que fazer?

Os produtos da horta biológica continuaram a crescer e, no início de maio, as nossas alfaces e outros vegetais estavam prontos para ser colhidos da terra. Assim, surgiu a iniciativa “Já há alfaces na Horta do Valsassina!”. No dia 15 de maio, equipados a rigor com máscara ou viseira, alguns alunos do Colégio, acompanhados por um dos seus pais, tiveram oportunidade de tirar da terra uma alface e recolher outros produtos da horta para levar para casa. Uma experiência única, vivenciada de forma muito especial por estes mini agricultores.

“Depois de 65 dias em casa, voltei ao Colégio. Nunca uma alface foi razão maior para sair de casa ou desculpa menor para enganar as saudades. É difícil explicar a emoção e muito menos o quão estranho é voltar ao Colégio, num silêncio quase abismal. Estive com a minha querida professora Mariana, mas não a pude abraçar. Encontrei três amiguinhos, mas não nos pudemos tocar. As máscaras atrapalham a fala, mas não o sorriso do olhar, a máscara dá calor na cara, mas não no coração... Que tudo isto passe rápido, para que, em setembro, possamos voltar a ser livres na nossa horta. Nunca uma alface tão verdinha e fresquinha me deu tanto!” **Guadalupe Miranda e pais 2.ºB**

Evolução da Horta



“Já há alfaces na horta do Valsassina”



“Nesta experiência, vivemos, sem dúvida, momentos únicos. Não só a plantar como a imaginarmos como iria ser a nossa horta e até, mais tarde, a ver o resultado final. Nunca tinha vivido algo assim...” **Vera Paixão 7.ºA**

“Acho que trabalhar na horta foi uma experiência enriquecedora e divertida. Acho que é uma boa maneira de nos divertirmos e aprendermos a trabalhar em equipa!” **Sofia Varandas 7.ºA**

O que nos reserva este projeto para o futuro?

O Projeto “ValsaBio – Mãos à Horta” terá novos desafios, nomeadamente, pôr os nossos alunos a pensar e a construir um sistema de recolha das águas pluviais, sensibilizando-os para uma gestão racional deste recurso vital. A horta biológica continuará a proporcionar aos alunos Valsassina momentos de aprendizagem que podem levar a mudanças de cultura e comportamentos, e a trabalhar valores e competências como a responsabilidade pessoal e social, a autonomia e a cooperação.

EDUCAR PELA investigação e por uma cidadania ativa

Ribeira da Lage, em Oeiras: sinais de contaminação comprometem potencial ecológico

Ana Francisca Martins, Carolina Gomes, Inês Braz, Inês Pereira, Lara Gonçalves, Pedro Nunes, Sofia Falcão, Sofia Pereira 8.º A
Trabalho realizado na disciplina de Ciências Naturais 8.º ano, sob a coordenação do professor João Gomes

Há espécies que ajudam a estudar os ecossistemas em que habitam, pela capacidade de integrar e refletir as condições do meio. É o caso dos macroinvertebrados bentónicos, usados num estudo de alunos do 8.º ano para avaliar a qualidade ambiental da Ribeira da Lage, em Oeiras. Identificaram 16 famílias destes animais, o que, segundo o índice biológico BMWP, revela sinais de contaminação.

Os rios e as ribeiras são fundamentais para o equilíbrio dos ecossistemas. Por isso, é tão importante garantir a sua proteção.

A determinação da qualidade biológica das águas pode ser feita recorrendo a macroinvertebrados bentónicos (animais que vivem no substrato de fundo de ecossistemas aquáticos pelo menos durante parte do seu ciclo de vida, em que se incluem, entre outros, larvas de insetos, anelídeos e moluscos). “São a base da cadeia trófica ribeirinha, servindo de alimento a crustáceos, peixes, anfíbios e aves, e são sensíveis a situações de contaminação, sendo capazes de integrar e refletir as condições do meio (são bioindicadores)” afirma a Bióloga Sara Correia, da Associação Zero.

A importância deste assunto levou um grupo de alunos do 8.º ano do Colégio Valsassina a desenvolver um estudo. Procuraram avaliar a qualidade biológica da Ribeira da Lage através do Índice BMWP (Iberian Biomonitoring Working Party)¹.

Esta ribeira tem como principais impactes “a deposição indevida de lixo, o assoreamento, a presença de espécies invasoras e a artificialização das margens”, afirma Selma Rodrigues, do Departamento de Ambiente da Câmara de Oeiras.

O troço escolhido para o estudo localiza-se na freguesia de Porto Salvo, no concelho de Oeiras. Na envolvente, o solo é ocupado por zonas urbanas e a norte encontram-se algumas ati-

vidades industriais, o que poderá justificar a observação de algum lixo nas margens (latas de refrigerante, papel, cartão, copos e sacos de plástico). António Silva, morador na região, considera que “a existência de lixo neste local tem vindo a melhorar nos últimos anos”. Para Selma Rodrigues, o município de Oeiras “procede à limpeza e manutenção regular das linhas de água do concelho, nomeadamente no que se refere ao controlo de vegetação invasora, o que contribui para a proteção dos ecossistemas e para evitar problemas de saúde e/ou de segurança pública”.

Para a captura de macroinvertebrados foram efetuados arrastos, ao longo de um troço de cerca de 10 metros, com uma rede de mão.



Técnica do arrasto para captura de amostras biológicas.



Trabalho de campo.



Amostras de indivíduos da família Erpobdellidae.



Amostras de indivíduos da família Oligochaeta.

Pontos	Famílias identificadas	Cálculo (IBMWP)
10	Leptophlebiidae	10
8	Calopterygidae Aeshnidae	16
7	Nemouridae Aeshnidae Ephemerelellidae	21
6	-	-
5	Planariidae Hydraenidae Hydropsychidae Tipulidae	20
4	Caenidae Stratiomyidae Baetidae	12
3	Erpobdellidae Planorbidae	6
2	-	-
1	Oligochaeta	1
	TOTAL	86 pontos

A amostragem foi efetuada de jusante para montante, e foi realizada de modo a remover, ressuspender e capturar os organismos presentes no substrato.

Foram identificadas 16 famílias, o que se traduz num valor de IBMWP de 86 pontos, sugerindo que são evidentes alguns sinais de contaminação nas águas desta Ribeira.

O resultado obtido parece encontrar apoio nos estudos desenvolvidos pela Cascais Ambiente, segundo os quais, em 2014, a Ribeira da Lage apresentava um elevado número de espécies nativas ao nível da fauna piscícola (durante o trabalho de campo foi possível encontrar um exemplar da espécie Boga portuguesa, que há alguns anos se pensava extinta neste local²), apesar da qualidade da água ter um nível considerado inferior (“poluída”), o que foi também apontado no estudo de 2015³. Sobre a biodiversidade aqui existente, Selma Rodrigues explica que está atualmente a decorrer um trabalho de levantamento da biodiversidade municipal, tendo sido identificada recentemente uma espécie de libélula protegida nesta ribeira. Trata-se da Libélula-esmeralda (*Oxygastra curtisii*), o primeiro registo na região de

Lisboa e Vale do Tejo. Na ribeira ocorrem também várias espécies de peixes nativos – Boga-portuguesa (*Iberochondrostoma lusitanicum*), Verdemã (*Cobitis paludica*), Escalo-do-sul (*Squalius pyrenaicus*) e Enguia-europeia (*Anguilla anguilla*) que, tal como a libélula, são predadores dos macroinvertebrados bentónicos, pelo que a sua presença é um bom indicador.

Sara Correia defende que a investigação dos alunos deve ser complementada, pois, “de acordo com a Diretiva Quadro da Água, o principal instrumento da política da União Europeia relativa à água, a classificação da qualidade de uma massa de água deve ter em consideração vários critérios de qualidade (biológicos, físico-químicos e hidromorfológicos)”.

Para Selma Rodrigues, estes resultados “poderão dever-se ao local onde foi realizada a recolha e época de amostragem”. Realça ainda que este “município realiza há vários anos a biomonitorização dos seus cursos de água em colaboração com a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Esta metodologia permite avaliar o nível de poluição das águas (por hidrocarbonetos aromáticos po-

licíclicos), recorrendo a musgos como biomonitores. Com base nestas monitorizações, a ribeira da Lage tem revelado concentrações reduzidas de poluentes, por vezes abaixo do nível de deteção. Existem, no entanto, focos de perturbação junto às áreas mais urbanizadas, relacionadas com a atividade humana”.

A Ribeira da Lage apresenta um elevado potencial ecológico⁴: Para a proteger “é necessário recorrer a instrumentos de ordenamento do território que visem a prevenção da destruição dos habitats e fiscalizar o cumprimento de legislação ambiental”, defende Sara Correia. Segundo Selma Rodrigues, “o município de Oeiras procede ao desassoreamento regular das principais linhas de água municipais e à remoção de lixo do leito, sendo ainda intenção do município investir no restauro de galerias ripícolas e na renaturalização de margens das ribeiras, existindo já um projeto de renaturalização previsto para um troço da ribeira da Lage e previsão de plantação de vegetação autóctone”.

É também um dever de cidadania adotar ações individuais que contribuam para a proteção dos rios e dos ecossistemas.

Referências bibliográficas

Alba-Tercedor, J. (1996). Macroinvertebrados acuáticos y calidad de las aguas de los ríos. Proceedings IV Simposio sobre el agua en Andalucía, Vol. II, Almería, Instituto Tecnológico Geominero de España, Madrid, 203-213.

Agradecimentos

Dr.ª Sara Correia, da Associação Zero, por toda a atenção, apoio e disponibilidade durante a realização deste trabalho.
Dr.ª Selma Rodrigues, Chefe de Divisão, Divisão de Gestão Ambiental, Departamento de Ambiente e Qualidade de Vida, Câmara Municipal de Oeiras. A sua disponibilidade e contributo foi essencial para a compreensão do assunto e para a elaboração do nosso trabalho.

¹ Alba-Tercedor, J. (1996). Macroinvertebrados acuáticos y calidad de las aguas de los ríos. Proceedings IV Simposio sobre el agua en Andalucía, Vol. II, Almería, Instituto Tecnológico Geominero de España, Madrid, 203-213.

² http://ecofun.fc.ul.pt/Docs/2011/oeirasactualn-208dez_jan2011_ribeiras.pdf. Consultado em 10 de maio de 2020.

³ https://ambiente.cascais.pt/sites/default/files/2o_relatorio_ribeiras_de_cascais.pdf. Consultado em 20 maio de 2020.

⁴ https://ambiente.cascais.pt/sites/default/files/ribeiras_de_cascais_1o_relatorio.pdf. Consultado em 10 de março de 2020.

EDUCAR PELA experimentação e para a sustentabilidade



No Colégio, o módulo com os sensores está instalado no átrio do liceu.

“... o módulo instalado no Colégio obteve, até agora, valores relativos ao dióxido de carbono, em ppm, que se enquadram na categoria da qualidade “muito boa”...”



Avaliação da qualidade do ar

Beatriz Palma 12.º 1B, Filipa Fernandes 12.º 1B, Flora Salem 12.º 1A e Marta Bastos 12.º 1A

Trabalho desenvolvido na disciplina de Física 12.º ano, sob a coordenação do professor Pedro Jorge

A poluição atmosférica é um dos principais fatores de degradação da qualidade de vida das populações. Na cidade de Lisboa, a qualidade do ar é influenciada, sobretudo, pelos níveis de tráfego rodoviário, em consequência do aumento significativo da mobilidade das populações.

A qualidade do ar indica-nos o nível de poluição do ar que respiramos, o qual é provocado por diversas substâncias químicas presentes no ar, que, por sua vez, alteram a composição natural da atmosfera.

As fontes de emissão dos poluentes atmosféricos podem ser de origem antropogénica (tráfego automóvel, atividade industrial, etc.) ou de origem natural (atividade vulcânica, incêndios de origem natural, ação do vento, etc.).

As substâncias químicas lançadas na atmosfera podem ter um maior ou menor impacto na qualidade do ar, consoante a sua composição química, a sua concentração, as condições meteorológicas e a topografia do local.

Esta problemática foi o mote para o projeto elaborado pelo nosso grupo de trabalho. Este consiste numa rede de pequenos módulos que têm a capacidade de monitorizar a qualidade do ar, bem como a sua temperatura e nível de humidade.

Cada um dos detetores é composto por um sensor de gases (MQ135), que recolhe valores de CO₂, NH₃, NO_x, benzeno, fumo, entre outros, por um sensor de humidade e temperatura (DHT11) e, ainda, por uma placa ESP32. Cada um destes detetores transmite a informação recolhida, através da rede Wi-Fi, para uma base de dados, criada na plataforma Firebase.

O nosso objetivo final é criar uma vasta rede de módulos na zona da grande Lisboa, de modo a comparar a qualidade do ar em diferentes locais.

De momento, temos um módulo instalado no Colégio Valsassina, outro em Alvalade (Lisboa) e outro em Alcochete. Importa salientar o caso específico do Colégio Valsassina, uma vez que os dados recolhidos evidenciam a importância do meio envolvente em que este se encontra inserido e, consequentemente, o impacto positivo na saúde dos que nele estudam ou trabalham.

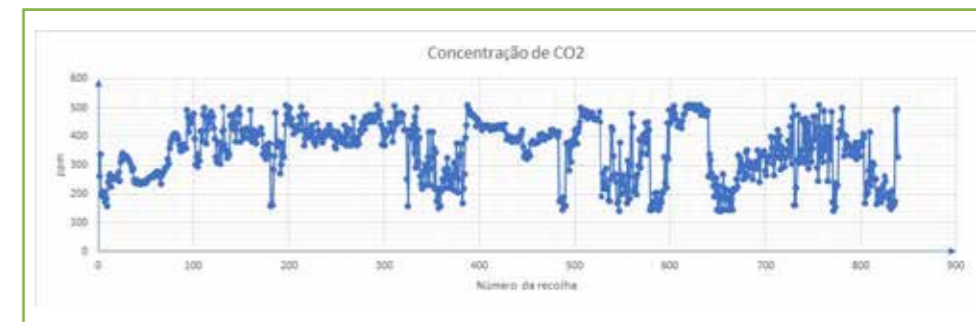
É expectável que nas zonas do centro da cidade com mais afluência de transportes rodoviários, zonas industriais e/ou com centrais elétricas, entre outros, a qualidade do ar seja menor.

É de realçar que o módulo instalado no Colégio obteve, até agora, valores relativos ao dióxido de carbono, em ppm, que se enquadram na categoria da qualidade “muito boa”, uma vez que os resultados têm uma média de 350ppm.

Este facto poderá ser justificado pela localização muito particular do Colégio, uma vez que, embora se encontre em plena cidade de Lisboa, trata-se de um espaço-quinta. Assim, o meio envolvente, que integra os mais variados elementos naturais, proporciona uma sensa-



Módulo instalado na freguesia de Alvalade (Lisboa).



Registo dos níveis de CO₂ (módulo instalado no Valsassina).

ção de paz e sossego naqueles que o frequentam e, mais importante, constitui um pequeno refúgio, uma pequena “cápsula de oxigénio”, resguardado de toda a poluição inerente ao ambiente urbano.

Numa primeira fase, a maior parte do trabalho foi desenvolvida em laboratório, com recurso a todo o tipo de materiais de que necessitámos (por exemplo: ferros de soldar, cabos jumper, wire wrapping, entre outros). Contudo, a declaração de Estado de Emergência, e a subsequente imposição de isolamento social, fez com que nos deparássemos com uma situação atípica, à qual tivemos de nos adaptar. De início, sentimo-nos um pouco cétricas, no que concerne a este novo método de trabalho. Não é fácil concretizar um projeto desta natureza sem estar no terreno, a trabalhar conjuntamente com os nossos pares. Porém, o fluir do tempo, a capacidade de adaptação, o espírito de grupo, bem como o apoio próximo do professor Pedro Jorge, não obstante a distância, foram fulcrais para conseguirmos retomar o ritmo de trabalho e concretizar o objetivo a que nos tínhamos proposto.

Assim, numa segunda fase, a maioria do trabalho teve de ser desenvolvida através da plataforma Zoom e, também, da troca de alguns materiais, sempre respeitando as normas de segurança inerentes à convivência com uma pandemia. Não foi um processo fácil, mas nada é impossível quando existe resiliência, espírito cooperativo e determinação. Cada obstáculo constituiu um momento de aprendizagem, especialmente quando cremos que este projeto poderá ser benéfico para a vida de todos.

Entendemos que a qualidade do ar é um indicador ambiental que deve ser monitorizado nas lo-

calidades onde existam fontes de poluição significativas de modo a salvaguardar o bem-estar das populações e evitar a exposição das mesmas a episódios de poluição, que poderão afetar a saúde dessas mesmas populações.

Com este projeto pretendemos dar um contributo para a sustentabilidade e para a concretização da Agenda 2030 sobre os ODS, designadamente para o cumprimento dos objetivos 13 (Ação Climática) e 14 (Proteger a vida terrestre).

Considerando que todos temos um papel a cumprir, partilhamos alguns conselhos para cuidar do ar:

- Diminua o consumo de eletricidade, em casa e no local de trabalho, pois dessa forma conseguirá baixar os níveis de CO₂ produzidos pelas centrais elétricas;
- Evite as viagens de carro desnecessárias;
- Utilize, preferencialmente, transportes públicos;
- Sempre que possível ande a pé ou de bicicleta;
- Não utilize produtos que contenham clorofluorcarboneto (CFC).



EDUCAR PARA

a reflexão e para a sustentabilidade

“Os líderes mundiais não mostram suficiente empenho em assegurar que as suas medidas são benéficas para manter a sustentabilidade da Terra, algo que é comumente atribuído à impossibilidade, em termos científicos, de desenvolver mecanismos “eco-friendly” que sustentem a humanidade. Ainda assim, perante a nova pandemia do Coronavírus, foi demonstrado que os níveis de poluição baixaram drasticamente. É um facto que isto se deveu a uma mudança demasiado repentina nas rotinas, e que, sem dúvida, originará repercussões económicas tremendamente devastadoras, mas mostrou-se que, logicamente de forma mais gradual e organizada e com o apoio necessário, é possível salvar o nosso planeta.”

Matilde Calado 10.º 1A

Dia da Terra



No dia 22 de abril, comemorou-se um pouco por todo o mundo o Dia da Terra, no 10.º 1A recordámos, através da escrita, o nosso compromisso com a Natureza, com o planeta que habitamos e com a vida de todos os animais com que partilhamos (sorte a nossa!) este mundo. Os alunos refletiram sobre a relação da Humanidade com o planeta Terra a partir da afirmação de Jacques-Yves Cousteau “Na verdade, não são os avanços científicos e tecnológicos que ameaçam o Homem e a Natureza, mas sim a maneira errada e inconsciente como a Humanidade aplica as suas conquistas tecnológicas.” As reflexões apresentadas são apenas exemplos das cerca de trinta reflexões partilhadas pelos alunos e alunas do 10.º 1A e pretendem alertar para o que há a fazer a diferentes níveis no caminho de preservação da Natureza.

“A Terra tem vindo a ser, desde há muito tempo, a nossa inestimável casa. E não é apenas porque vivemos nela, mas sim porque nos tem proporcionado dos melhores recursos para que possamos viver da melhor forma.

O Homem, que no início era um ser desprovido de qualquer meio de defesa, pois não tinha dentes afiados, garras fortes ou mesmo uma carapaça para se defender, acabou por se mostrar um ser com características diferentes de qualquer ser vivo ao qual a terra deu casa. Começou a desenvolver o cérebro e a pensar. Ganhou inteligência suficiente para encontrar um meio, mesmo que primitivo, de se defender e atacar os inimigos: o fogo. Este foi o início de uma longa jornada, onde este ser acabou por se desenvolver e reproduzir, de tal forma que a casa, anteriormente referida, já não pudesse suportar a imensidão de mentes que a cada dia descobriam algo novo. Tornou-se um verdadeiro parasita.

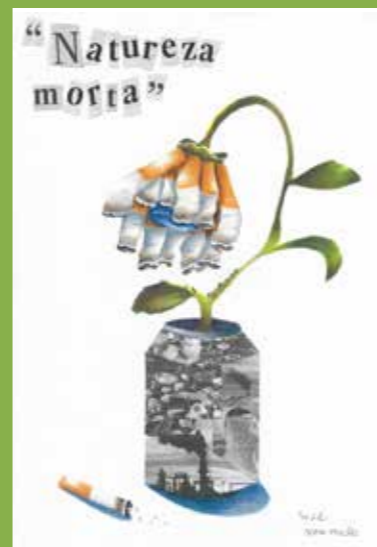
A sociedade evoluiu cada vez mais, e o Homem foi capaz de inventar todo o tipo de engenhos que facilitavam a vida das pessoas. No entanto, podendo ser inteligente, não é esperto. Começou a usar essa inteligência e criatividade para criar, por exemplo, armas. Um objeto inventado com o intuito de proteger o Homem do próprio Homem. É controverso, mas o Homem é egoísta e não é capaz de aceitar a opinião de outros, por isso destrói e mata.

É um pouco irónico que o ser humano utilize os recursos e os presentes que a terra lhe oferece para a destruir.”

Maria Pereira 10.º 1A

Maria Almeida 10.º 1A

“A nossa tecnologia pode ser um meio para ajudar a Natureza, basta começarmos a pensar no todo quando a aplicamos, em vez de termos constantemente comportamentos individualistas. É por isto que devemos olhar mais para o que está à nossa volta do que para nós próprios, devemos preservar para sobreviver porque, também nós, somos Natureza!”



“A própria natureza humana é também a causa de muitos dos problemas da Natureza. O Homem tenta sempre beneficiar-se a si e apenas a si, parando pouco para pensar nas consequências das suas ações. Os fogos postos são um excelente exemplo do seguinte, uma vez que estão relacionados a interesses económicos e acabam por afetar a Natureza gravemente.”

Tomás Canas 10.º 1A

Mensagem para o futuro

Mateus Andrade 8.º A



Terra 2100

Sílvia Firmino e João Gomes Professores de Ciências Naturais

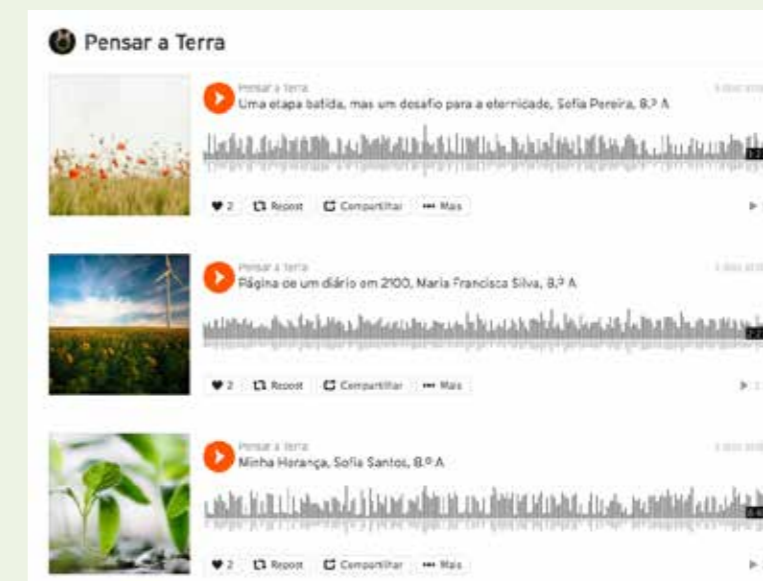
Em modelo de ensino a distância, na disciplina de Ciências Naturais, no 8.º ano, os alunos foram desafiados a desenvolverem trabalhos de reflexão crítica e de investigação, onde a imaginação e a criatividade devem ser complementadas com o conteúdo e o rigor científico.

Um desses desafios incluiu imaginarem-se daqui a 80 anos (nessa altura os alunos, que neste momento estão no 8.º ano, terão 93 anos!), de modo a apresentarem um texto criativo em resposta às questões: Como será o nosso planeta em 2100? Será que, com todas as nossas ações, destruímos o nosso planeta? Ou será que tomámos consciência das nossas ações e conseguimos inverter a situação problemática atual?

Cartas, páginas de diário, poemas, reportagens jornalísticas, artigos de opinião Foram várias as abordagens e as opções tomadas. Em comum, a demonstração do envolvimento ativo dos alunos neste desafio e as suas preocupações e visões sobre o futuro e a sustentabilidade.

Os alunos procederam também à gravação áudio da leitura expressiva do seu texto, o conjunto dos textos foi publicado em Podcast.

“... Como será o nosso planeta em 2100? Será que, com todas as nossas ações, destruímos o nosso planeta?”



Podem ouvir e seguir ENTRE (TANTOS) LIVROS nas plataformas digitais: Spotify e SoundCloud.



CLIQUE... nas imagens e aceda às plataformas digitais!



EM DESTAQUE O jardim da Quinta das Terezinhas como um “Learning garden”

João Gomes Diretor Pedagógico
Teresa Valsassina Presidente do Conselho de Administração

Caracterização do jardim da Quinta das Terezinhas

A Quinta das Terezinhas integra a tipologia de Quintas de Recreio construídas a partir do séc. XVIII nos arredores da cidade de Lisboa. Estruturava-se a partir de uma linha de fecho, num promontório natural sobre o rio, tirando partido das vistas sobre a cidade envolvente. Para além de acolher a residência do seu proprietário, tinha também associada uma área de produção agrícola.

A casa principal, localizada na parte mais alta da quinta, com dois pisos, logia e capela acoplada organizava-se em torno de um espaço exterior com características de pátio abrigado, acedido a partir de uma alameda ao qual se articula um jardim formal posicionado à cota da casa. Este espaço, que o proprietário usaria como elemento de destaque da propriedade e para entretenimento ocasional

de convidados, é delimitado em toda a sua extensão por um muro, que no limite exterior seria pontuado por aberturas - janelas contemplativas - com bancos adoçados e por um miradouro à cota mais alta da propriedade. Atualmente apenas se mantém uma dessas janelas. Com uma geometria retangular, incluía um circuito fechado de sebes à imagem dos jardins das Villas italianas, uma pérgula, um pequeno pavilhão revestido de vegetação - caramanchão - ainda existente, uma estufa e um pequeno lago disposto no centro, já demolidos, que definiam agradáveis locais de estada, em que sombra, luz, água, se conjugavam para criar uma ambiência especial. O sistema de água para rega apoiava-se num poço e num sistema de tanques e de caldeiras.



Jardim.

Espaço “Jardim da Latada”.

Espaço “Caramanchão”.

Espaço “Jardim da Tília”.

Um “Learning garden” no Valsassina

Assumindo a sua condição de espaço-Quinta, a utilização do jardim é uma prática frequente e transversal a todas as áreas disciplinares, constituindo um espaço de excelência, quer para a exploração de conteúdos relacionados com a Educação Ambiental quer para a fruição e estimulação sensorial. Para além de estarem ao ar livre e em contacto com a Natureza, os alunos são confrontados com um ambiente que estimula a curiosidade e a participação ativa, facilitando a aplicação de abordagens práticas (*hands-on*) e fomentando a aprendizagem pela descoberta.

No Jardim de Infância, o jardim é também um espaço privilegiado para atividades sensoriais, oferecendo às crianças a possibilidade de revolver a terra, tocar e experimentar as diferentes texturas através do tato, descobrir e reconhecer os cheiros e observar a diversidade de cores e formas, perce-

cionar e distinguir os sons. São experiências que enriquecem as aprendizagens e contribuem para o seu crescimento equilibrado.

Na sequência das medidas de desconfinamento definidas pelo Governo que determinaram o regresso do Jardim de Infância no dia 1 de junho, definimos, desde logo, que seriam privilegiadas as atividades ao ar livre, em todas as áreas disciplinares (incluindo Inglês, Filosofia para Crianças, Expressão Dramática e Musical), desfrutando das condições oferecidas pelo espaço-Quinta do Colégio e em particular pela proximidade ao jardim. Tirando partido das condições existentes no jardim foram recriados espaços dedicados às diferentes turmas, onde as aulas decorrem num ambiente de aprendizagem descontraído. As designações atribuídas a esses espaços são disso exemplo: “Caramanchão”, “Jardim da Tília”, “Jardim da Latada” e “Jardim das Canas”.

EDUCAR COM Ciência e Criatividade

A Física, como promotora de capacidades de pensamento crítico, no ensino a distância

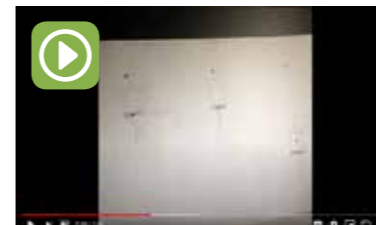
Dulce Sanches Professora de Física e Química



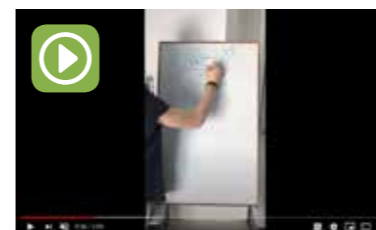
Gonçalo Santos 9.º C



Nayir Rajabali 9.º A



Pedro Saraiva 9.º B



Sara Hipólito 9.º C

O ensino das Ciências deve fomentar a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades de pensamento crítico nos alunos, capacidades que lhes permitam enfrentar as mudanças e participar numa sociedade democrática (Tenreiro-Vieira, 2004).

A ênfase nas capacidades de pensamento permite a construção, por parte dos alunos, de uma imagem mais real acerca da natureza da Ciência e dos trabalhos dos cientistas, uma vez que os processos e os produtos da Ciência desenvolvem-se nomeadamente pela utilização de capacidades de pensamento crítico. Estas capacidades incluem, entre outras: formular hipóteses explicativas, fazer previsões, planejar e conduzir investigações, efetuar observações, tomar decisões com base em evidências recolhidas, formular conclusões e comunicar (Sanches, 2009).

A comunicação, considerada como uma das capacidades do pensamento crítico e como um das fases do processo criativo, tem um estatuto especial dentro da sociedade contemporânea. O domínio da linguagem e a capacidade de comunicar de modo eficaz, quer oralmente, quer por escrito, constituem uma vantagem para aqueles que as possuem (Oliveira & Serra, 2005). **De facto, é impossível aprender ciência sem recurso à leitura, à produção de textos ou à comunicação oral.**

Uma estratégia, simples, para a promoção de capacidades de pensamento crítico, consiste em pedir aos alunos que, utilizando ideias científicas, expliquem, usando palavras suas, fenómenos do dia-a-dia. Neste sentido foi solicitado aos alunos, do 9.º ano, que realizassem, em casa, um pequeno vídeo, recorrendo ao telemóvel, sobre um dos conteúdos que estava a ser lecionado em Física (capítulo *Forças e Movimento*).

A resposta dos alunos excedeu as expectativas, tendo estes realizado vídeos criativos, divertidos e sem descurar a correção científica.

“Embora a teoria seja deveras muito importante, penso que a parte prática de toda a disciplina seja, também, bastante considerável e, ainda, mais apelativa – é, realmente, muito interessante perceber como é que funciona o mundo que nos rodeia.”

Inês 9.º A

“O método de ensino ao qual estamos, hoje, sujeitos é bastante diferente daquilo a que estávamos habituados. Na aula de Física e Química, foi-nos sugerida a realização de um vídeo, relativamente curto, sobre a presença da Física no nosso dia-dia. Foi um trabalho fora do comum, que me suscitou interesse, e que me permitiu olhar à minha volta de outra forma. A pesquisa que tive de realizar fez-me perceber fenómenos cuja complexidade eu desconhecia.”

Vicente 9.º C

Referências bibliográficas

Oliveira, M. & Serra, P. (2005). La creatividad, el pensamiento crítico y los textos de ciencias: La comprensión de los libros de texto de ciencias. Revista de Investigación e Innovación Educativa. TARBIYA, nº 36, 59-80.

Sanches, M. (2009). Estratégias de ensino das ciências promotoras de criatividade e pensamento crítico. Tese de Mestrado não publicada, Universidade de Lisboa.

Tenreiro-Vieira, C. (2004). Formação em pensamento crítico de professores de ciências: impacte nas práticas de sala de aula e no nível de pensamento crítico dos alunos. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias. Vol. 3 (Nº 13).

EDUCAR COM
Ciência e Tecnologia



LX-2620h, Moon Camp Challenge

Bárbara Madeira 10.º 4, Francisco Marques 10.º 1C e Teresa Correia 10.º 1C
Pedro Jorge Professor de Física e Química

Pensar, planear e desenvolver uma proposta para uma Colónia Lunar.

O desafio, apresentado pelo professor de Física e Química, Pedro Jorge, era irrecusável e colocava à prova a nossa imaginação e a capacidade de ir mais longe.

O projeto **Moon Camp Challenge** (<https://mooncampchallenge.org/pioneers/>), dinamizado pela **Agência Espacial Europeia**, levou-nos a explorar a Lua e a decodificar alguns dos complexos problemas que os futuros astronautas podem enfrentar.

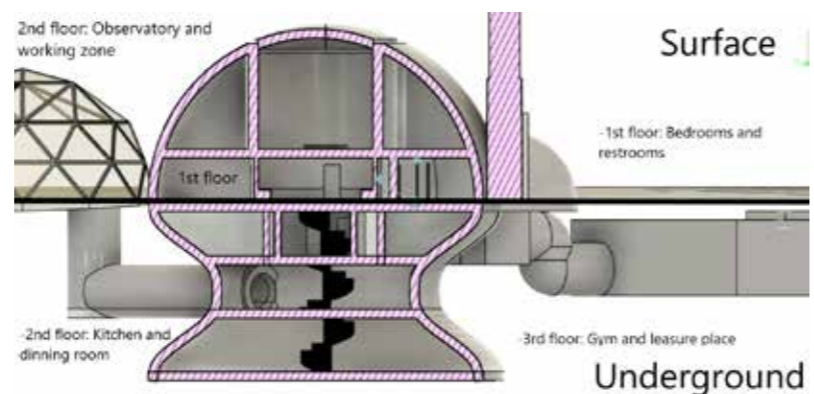
Decidimos que o nosso projeto deveria estar relacionado com a expansão da humanidade, neste caso para a Lua, pela curiosidade de conhecermos mais sobre o nosso sistema solar e galáxia.

O nosso projeto é uma proposta para uma futura colónia lunar com o objetivo de explorar este local e torná-lo num ponto crucial de pesquisa para avanços nas áreas de astronomia e cosmologia.

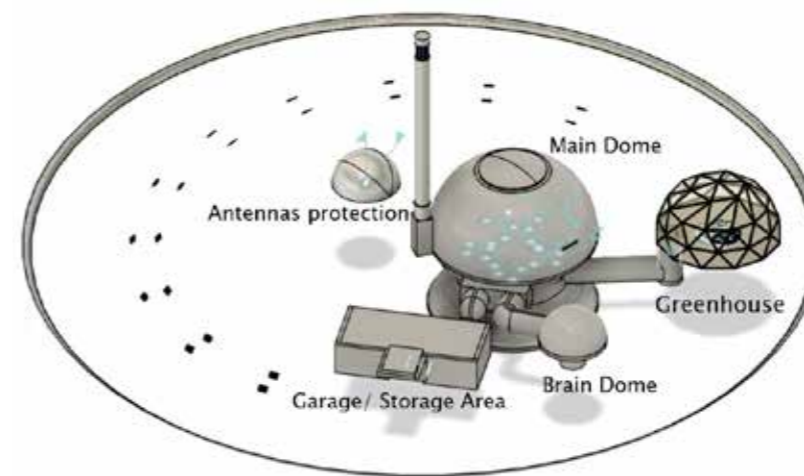
Nomeámos a nossa missão espacial de "LX-2620h", onde Lx representa a nossa cidade (Lisboa), o "h" é de humanidade e os números 2, 6 e 20 representam as iniciais dos membros do grupo.

Para a execução do projeto tivemos em conta a localização da base, exposição à radiação, variação da temperatura, exposição a micrometeoritos, fraca força gravítica, materiais, métodos de investigação, fornecimento de eletricidade, oxigénio, água potável, energia e comida, para além da elaboração do design3d em computador de toda a base (uma novidade, dado não estarmos familiarizados com a plataforma utilizada, Fusion360).

O complexo é composto por cúpulas diversas, sendo esta uma das formas mais resistentes existentes, feitas de rególito (solo lunar), 2219-T6Alumínio e policarbonato. O complexo é capaz de suportar cerca de 16 astronautas, tendo sido desenhado para futura expansão.



Planta do completo lunar (módulo principal).



Complexo lunar desenhado pela equipa do Valsassina.



CLIQUE... na imagem e aceda ao projeto!



Impressão 3D dos módulos (quartos) do complexo lunar, realizada pela impressora do Colégio Valsassina.



Moon Camp Challenge

In the future, to enable astronauts to stay on the Moon for long periods of time, new infrastructures must be developed to overcome important challenges. Such challenges include protection from radiation and meteorites, energy production, the extraction and recycling of water, food production and much more. The Moon Camp Challenge (<https://mooncampchallenge.org/>) invites students to explore the Moon and decode some of the complexities future astronauts may face.

In Moon Camp Pioneers each team's mission is to 3D design the complete Moon Camp using Fusion 360 and explain their project in a written report to the expert jury. The Moon Camp should be able to sustain at least 2 astronauts and keep them safe from hazards and the vacuum of space. The project should include:

- Use of local resources (e.g. lunar soil, water ice);
- Technological solutions (e.g. power source, recycling system, food growth chamber);
- Protection (from meteorites and radiation);
- Living and working facilities for the astronauts.

"Carl Sagan escreveu no seu livro Cosmos "Imagination will often carry us to worlds that never were. But without it we go nowhere." E foi isso que fizemos! Imaginámos o futuro da humanidade fora do nosso planeta, dedicámo-nos ao desenvolvimento desta ideia e nasceu um projeto de que nos orgulhamos. Agradeço a oportunidade de participar num concurso a nível mundial potencializado pela ESA"

Teresa Correia 10.º 1C

Um ponto fulcral nas opções tomadas relaciona-se com a sustentabilidade. A nossa proposta permite reciclar água, excreções humanas e restos de materiais através de impressoras 3d. A energia será obtida de uma composição de campo de painéis solares com um campo de espelhos que irão concentrar a radiação solar num painel solar único que permite obter energia ilimitadamente. A estufa será feita de painéis de policarbonato percorridos por cristais de cristais líquidos que, quando afetados por corrente, simulam a noite.

Este complexo poderá fazer parte do futuro da Humanidade...

"A pandemia complicou um pouco o nosso projeto, mas a organização da equipa superou este obstáculo. Estou muito feliz por termos levado este projeto até ao fim e quero agradecer à Bárbara e à Teresa por fazerem parte deste momento que marcou a minha vida."

Francisco Marques 10.º 1C

"Embora esteja em Artes, se tivesse a oportunidade de voltar a trabalhar num projeto semelhante, não pensaria duas vezes. Adorei trabalhar com os meus colegas neste projeto, que considero ter sido uma experiência inesquecível!"

Bárbara Madeira 10.º 4

Explore todos os detalhes deste projeto



EM DESTAQUE **A experiência de ensinar Matemática a distância**

Frederico Valsassina e Nelson Gomes Professores de Matemática

Desde que o Governo anunciou o encerramento das escolas (que se concretizou no dia 16 de março), que procurámos organizar o processo de ensino-aprendizagem em ensino a distância, conscientes de que este modelo pressupõe, por parte do aluno, uma grande capacidade de organização e de trabalho independente, bem como um esforço de autorregulação constante. Perante um paradigma completamente novo, a nossa preocupação imediata foi procurar assegurar um ambiente de normalidade sem abdicar da exigência e do rigor que nos caracterizam, assim como do acompanhamento de proximidade, que ocorre habitualmente em sala de aula.

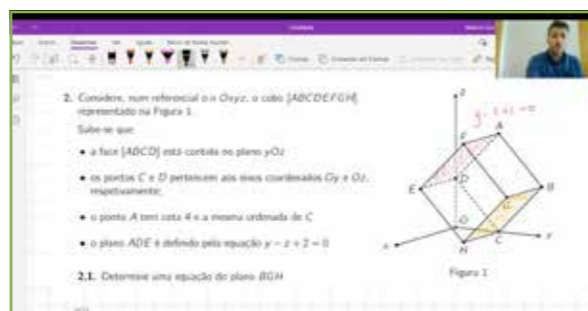
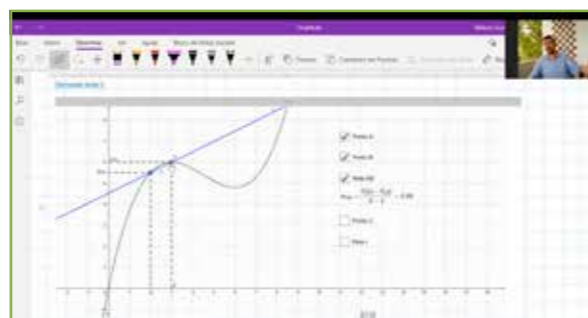
Começámos por experimentar as potencialidades do Zoom: i) a videoconferência com todos os alunos mitigava a perda do lado social da aprendizagem; ii) a partilha de tela ou o quadro em branco permitiria uma interação dinâmica na exposição de conteúdos ou procedimentos de forma faseada e atenta à forma – e à formalidade – no ensino da Matemática; iii) as diversas funcionalidades de chat, “braço no ar” ou de ligar/desligar os microfones permitiriam manter as aulas, como um tempo de aprendizagem organizado e rigoroso.

Dia 16 de março iniciámos um novo modelo de ensino a distância, assumindo que as duas semanas de aulas que faltavam até à pausa da Páscoa, seriam essencialmente dedicadas a atividades de reforço e consolidação. Esta opção, tomada pela Direção Pedagógica de forma transversal a todos os níveis de ensino, teve em conta a necessidade de todos os intervenientes no processo de ensino/aprendizagem passarem por um período prévio de aprendizagem e adaptação.

Pela especificidade da nossa disciplina, e pela necessidade sentida de dar um feedback imediato e constante aos alunos – quer para partilhar e esclarecer dúvidas em tempo real, quer para realizar ou corrigir exercícios – tornou-se clara a importância de adotar estratégias adequadas à autonomia dos alunos, bem como recorrer a ferramentas de fácil utilização que permitissem partilhar a escrita em tempo real – nomeadamente canetas para tablets/portáteis com ecrã táctil ou mesas digitalizadoras – assegurando que as aulas online tivessem dinâmicas semelhantes às das aulas presenciais.

A pausa da Páscoa foi utilizada para discutir e analisar as estratégias adotadas e preparar o 3.º período, tendo em conta a necessidade (que se afigurava provável) de lecionar conteúdos novos. Assim, desde dia 14 de abril que começámos a utilizar o Google Classroom (além da fiabilidade da plataforma, permite-nos partilhar materiais, de modo a que os alunos pudessem aceder aos conteúdos lecionados remotamente, por exemplo, para rever matérias abordadas nas sessões síncronas) e, em alternativa, ao quadro branco do Zoom, recorremos ao Openboard, Google Jamboard, Microsoft Whiteboard ou ao Microsoft OneNote. Estas plataformas, para além da função de quadro branco, permitem associar outras funcionalidades, tais como adicionar imagens, colocar formas pré-definidas e até animações, que complementam o trabalho desenvolvido em sala de aula. Além disso, permitem criar um documento PDF, que depois é partilhado com a turma para que os alunos tenham acesso aos apontamentos da aula.

Para manter as dinâmicas habituais, bem como a relação de proximidade professor-aluno, optámos por iniciar as sessões síncronas com o esclarecimento de dúvidas e a correção do trabalho de casa.



Por sua vez, em modelo de ensino a distância, selecionámos ferramentas digitais que nos permitissem recriar as dinâmicas habituais na exposição de conteúdos, como, por exemplo, o recurso a applets Geogebra, vídeos ou apresentações Powerpoint. Da mesma forma, procurámos desenvolver estratégias que estimulassem a organização e o trabalho autónomo dos alunos – com a entrega regular de exercícios ou a dinamização de Concursos de Apontamentos. Outra preocupação foi oferecer aos alunos ferramentas de auto-monitorização à distância, como o feedback regular aos trabalhos entregues (com comentários inseridos no trabalho) ou a realização de quizzes regulares.

Contudo, apesar da continuidade dada aos conteúdos lecionados e da capacidade de adaptação demonstrada à nova realidade, algumas dificuldades foram sentidas ao longo do processo. Em particular, sentimos a falta do contacto mais direto com os nossos alunos, sendo de realçar a importância da “comunicação não-verbal” e o desafio de conseguir uma intervenção mais individualizada, aluno a aluno, em ensino a distância.

O processo de ensino a distância pressupõe, por parte dos alunos, uma grande motivação e autonomia. Se, para os alunos mais velhos, do Secundário, se espera um maior nível de empenhamento e responsabilidade, até pela importância que a disciplina de Matemática terá no prosseguimento dos estudos a nível do Ensino Superior, compreendemos que, para os alunos mais novos, seja um processo muito exigente.

Os bons indicadores e as mensagens recebidas de muitos pais foram uma parte importante do processo, não só pela força e motivação transmitida, mas também pelo contributo que deram para a avaliação do que foi desenvolvido durante este período de tempo.

Consideramos que dificilmente há um modelo que substitua a interação professor-aluno e aluno-aluno, “cara a cara” em sala de aula, mas julgamos que o modelo seguido pelo Colégio e as múltiplas estratégias adotadas pelo Departamento de Matemática permitiram oferecer aos alunos uma continuidade pedagógica entre o ensino presencial e não presencial, mantendo como objetivo principal o rigor e exigência no Ensino da Matemática que caracteriza o modelo pedagógico do Colégio.

Método da Substituição

Sistema 2

1º PASSO: Resolver uma equação (a que for mais fácil) em ordem a uma das incógnitas

$$\begin{cases} 2x + 4y = 300 \\ x + y = 100 \end{cases} \Leftrightarrow \begin{cases} 2x + 4y = 300 \\ x = 100 - y \end{cases}$$

2º PASSO: Substituir na outra equação a expressão encontrada para essa incógnita

$$2(100 - y) + 4y = 300 \Leftrightarrow 200 - 2y + 4y = 300 \Leftrightarrow 2y = 100 \Leftrightarrow y = 50$$

3º PASSO: Resolver a equação obtida (a que resta) para a outra incógnita

$$x = 100 - y \Leftrightarrow x = 100 - 50 \Leftrightarrow x = 50$$

4º PASSO: Substituir o valor encontrado para a incógnita na outra equação

5º PASSO: Indicar a solução (o conjunto-solução) do sistema

Indica o declive e a ordenada na origem das retas de equação: $y = mx + b$

a) $y = \frac{2x+5}{5} \Leftrightarrow y = \frac{2}{5}x + \frac{1}{5}$ $m = \frac{2}{5}, b = \frac{1}{5}$

b) $y = \frac{15x}{4} \Leftrightarrow y = \frac{15}{4}x + 0$ $m = \frac{15}{4}, b = 0$

c) $y = \frac{-4x-8}{2} \Leftrightarrow y = -2x - 4$ $m = -2, b = -4$

d) $y = -7$ $m = 0, b = -7$

Resolva as seguintes equações em ordem à variável indicada entre parêntesis.

a) $y - x = \frac{y+x}{3} \Leftrightarrow 3y - 3x = 2y + 2x \Leftrightarrow 3y - 2y = 2x + 3x \Leftrightarrow y = 5x$

Concurso de Apontamentos

No 7.º A, 7.º D, 8.º A e 10.º 4, os alunos foram incentivados a “competir” com os colegas para obter o melhor apontamento sobre determinado conteúdo. Após o feedback do professor e a correção dos documentos entregues, foram selecionados os apontamentos que se distinguiram pela (i) qualidade científica; (ii) seleção dos conteúdos e capacidade de síntese; (iii) apresentação; e (iv) originalidade. Enquanto o vencedor foi premiado (com um gelado ou outro bem alimentar enviado via Uber Eats), os restantes colegas passaram a ter acesso aos apontamentos vencedores. Mais que uma competição, este desafio procurou estimular o trabalho em equipa e o desenvolvimento de uma comunidade de aprendizagem.



EM DESTAQUE Matemática aqui e ali

Ana Paula Ferreira Professora do 1.º Ciclo

As aulas de Matemática dependem, essencialmente, da ênfase em tarefas matematicamente ricas, em particular as de natureza exploratória e investigativa que permitem gerar interações de aprendizagem. De uma forma geral, uma aprendizagem eficaz requer que os alunos se envolvam ativamente em tarefas significativas e diversificadas. Esta situação é ainda mais importante perante a rápida mudança de paradigma a que os alunos foram sujeitos desde o dia 16 de março, data em que passaram a estar confinados e em isolamento social.

Em modelo de ensino a distância temos que continuar a ensinar e a aprender, num processo de reinvenção constante. Tornou-se ainda mais importante pensar e desenhar experiências educativas e tarefas que estimulem o pensamento, a criatividade e o raciocínio.

Perante este contexto, surgiu a oportunidade. Era necessário recordar a noção de área e introduzir a sua unidade fundamental: o metro quadrado. E agora?

Já não estávamos na sala de aula com os alunos, não conseguíamos construir com eles “o metro quadrado” e não parecia aceitável ficarmos-nos pela sua representação! Para muitas crianças de 8 ou 9 anos, um quadrado com um metro de lado, tanto pode corresponder a um quadro que tenham lá por casa, como a um campo de futebol!

A exploração de padrões e de formas, além de favorecer o desenvolvimento de conceitos matemáticos, contribui para a aquisição de aprendizagens significativas e promove o desenvolvimento de capacidades transversais de resolução de problemas, raciocínio e comunicação. Neste sentido, e realçando o importante papel que a criatividade desempenha no desempenho dos estudantes, foi lançado o desafio aos alunos do 3.º B: com a colaboração dos pais, cada aluno tinha de construir ou descobrir “um metro quadrado” na sua casa, com “o que tivesse à mão”.

Não era necessário comprar nada. Só usar a imaginação e ter por companhia o rigor de uma fita métrica!

As imagens partilhadas revelam que a Matemática está em todo o lado, mas também mostram a imaginação e a criatividade dos alunos.



Vicente Freitas 3.º B



Francisco Pica 3.º B



Constância Fidalgo 3.º B



Miguel Machado 3.º B



Mariana Gomes 3.º B



“Acho esta disciplina bastante útil, principalmente em quarentena, pois adoro fazer as tarefas e tenho aprendido muito com elas.”

Marta Bernardo 6.º C

“Gestão doméstica está a ajudar-me a aprender algumas tarefas domésticas que nunca tinha feito.”

Matilde Silva 6.º C

“Gosto muito da disciplina de Gestão doméstica porque distrai-me do que se está a passar, mantém-me com um pensamento positivo e alegre e aprendo muitas coisas novas.”

António Noronha 6.º D

“As aulas de Gestão domésticas são importantes para o nosso futuro porque aprendemos a passar a ferro, a cozinhar e muitas mais outras coisas.”

João Souto 6.º D



A disciplina de Gestão doméstica

Maria Valsassina e Patrícia Castela Professoras de Gestão Doméstica

A disciplina de **Gestão doméstica integra o currículo do Colégio Valsassina no 6.º ano de escolaridade**. As aulas são essencialmente práticas, tendo como objetivo que os alunos se tornem mais autónomos em casa e que também possam colaborar mais nas tarefas domésticas. Com a suspensão das aulas presenciais não quisemos deixar de ter a componente prática e, sempre que possível, criativa. Como tal, tivemos de fazer algumas adaptações à planificação, apelando, por vezes, à colaboração dos pais.

Em casa, os alunos foram sujeitos a inúmeros desafios: fizeram a identificação dos símbolos de tratamento de roupa, passaram a ferro e coseram bainhas ou botões, puseram a mesa formal e informal, lavaram a loiça ou aprenderam dicas das melhores formas de a colocar na máquina, analisaram rótulos e organizaram um livro de receitas, e falaram de separação do lixo e de desperdício alimentar. Não quisemos interferir com as dinâmicas familiares e, por isso, não os “obrigámos” a cozinhar determinadas receitas, como o teriam feito no modelo presencial, mas fizemos um livro de receitas de cada turma e os alunos foram desafiados a fazer as receitas dos colegas. Nestas aulas online, ainda houve tempo para abordar regras de convivialidade, as caixas de primeiros socorros e as caixas de ferramentas para terem em casa.

Lavar a loiça à mão



Dicas de receitas de arroz, massa com atum e frango assado



“Na minha opinião, as aulas não presenciais na disciplina de Gestão doméstica têm a vantagem de estarmos em casa, que é o local onde fazemos as tarefas.” **Manuel Mendes 6.º A**

“Tenho aprendido muito nas aulas de Gestão doméstica porque antes eu não fazia muitas tarefas de casa, mas agora já faço.” **Marta Santos 6.º A**

“As aulas online têm sido uma peripécia (no bom sentido, claro!), no meio disto tudo é em Gestão doméstica que eu consigo pôr à prova as minhas capacidades, ora para cozinhar ora para passar a ferro, etc., e logo assim vou conhecendo e pondo à prova novas atividades e capacidades. É em Gestão doméstica que consigo ter umas aulas mais “relax”, pois não é só ouvir a professora, mas sim experimentarmos em nossa casa com a nossa família.” **Rita Braz 6.º A**

“Eu estou a gostar das aulas de Gestão doméstica a distância porque estão a ser muito úteis, como, por exemplo, já aprendemos a cozer e a passar a ferro, coisas que eu nunca tinha feito.” **Gonçalo Benoliel 6.º B**

EDUCAR PARA a Cultura

O Centro de Recursos E@D do 1.º Ciclo

Isabel Raimundo Coordenadora 1.º Ciclo
Maria João Craveiro Lopes Professora de Expressão Musical e Expressão Dramática



Tópico: Visitas virtuais.



Tópico: Artes performativas.



Tópico: Desafios.

"O Centro de Recursos é aquele cantinho do Classroom onde encontramos ideias de coisas giras para fazer ou somos surpreendidos por algo especial que nem sabíamos que existia e que serve muitas vezes de ponto de partida para uns momentos bem passados com os miúdos. Diversão, descoberta ou inspiração são acompanhadas de enriquecimento pessoal e alargamento de horizontes. Mil obrigadas pela partilha. Estamos a adorar!"

Catarina Becker
(Encarregada de Educação)

No contexto de ensino não presencial, pensou-se que seria interessante e inovador criar uma Sala no Classroom que fosse de acesso livre para todos os nossos alunos, que constituísse um desafio para novas descobertas e interesses.

A ideia surgiu por acharmos que, tendo os alunos habitualmente no Colégio a possibilidade de frequentar diariamente vários espaços lúdicos e culturais, neste novo contexto de ensino a distância (E@D), estariam privados deste tipo de vivências.

Sem obrigatoriedade de aceder a esta área ou de apresentar trabalhos, este espaço permite dar a conhecer e divulgar materiais que se pretende serem pedagógica, lúdica e culturalmente enriquecedores.

Todos os recursos são selecionados por uma equipa que semanalmente lança novos conteúdos que estão divididos por "Tópicos", permitindo um fácil acesso e uma melhor organização para que, autonomamente, os alunos possam consultar o que lhes suscite maior curiosidade.

Os Tópicos estão organizados por: Artes Performativas, Artes Visuais, Curiosidades, Desafios, Nós e os Outros, Solidariedade e Visitas Virtuais

Foi ainda criado mais um Tópico, mas este dedicado sobretudo a Fernão de Magalhães, revivendo as Comemorações dos 500 anos da primeira Viagem de Circum-navegação e o Projeto multidisciplinar do 1.º Ciclo " (2019-2020) "Uma viagem pelo Mundo... Conhecer para Proteger".



EDUCAR PARA a compreensão do mundo

Uma viagem pelo mundo... conhecer para proteger

Isabel Raimundo Coordenadora 1.º Ciclo
Maria João Craveiro Lopes Professora de Expressão Musical e Expressão Dramática



Fernão de Magalhães e Astrolábio no Colégio Valsassina – pintado por Luís Cássio (colaborador do Colégio Valsassina).

Em articulação com o tema do projeto desenvolvido no passado ano letivo "O Mar é Tudo", esta "Viagem pelo Mundo" iniciou-se no dia 19 de setembro, data que assinalou a partida de Fernão de Magalhães na sua viagem à volta do Mundo.

O objetivo seria dar a conhecer e a compreender aos alunos o mundo que os rodeia e, deste modo, contribuir para uma maior consciencialização dos problemas ambientais e para a necessidade de uma intervenção ativa.

O projeto foi construído para articular diferentes conteúdos relacionados com a biodiversidade e sustentabilidade do nosso planeta. Foram trabalhados nas várias componentes do currículo - Português, Matemática, Estudo do Meio, Ciências Experimentais, Inglês e Expressões Artísticas e Físico Motoras - estimulando a curiosidade e o papel ativo dos alunos na recolha de informação, na observação, na experimentação, na discussão e na apresentação dos resultados. Permitiu-se, desta forma, consolidar aprendizagens essenciais e, ao mesmo tempo, motivar o *prazer de aprender*. Neste sentido, vários foram os trabalhos desenvolvidos por cada turma.

No âmbito deste projeto foi dado particular destaque ao mar e ao contributo que os portugueses deram, ao longo da sua História, para as descobertas e conhecimentos com ele relacionados.

Este é um tema que continua a despertar nos alunos do primeiro ciclo grande curiosidade e interesse, tanto ao nível da História e da Ciência, como fonte de inspiração artística, sendo o mar o maior e menos explorado lugar do nosso planeta, onde ainda há tanto por descobrir.



Trabalho coletivo realizado por alunos do 1.º Ciclo.

EM DESTAQUE

Valsassina em casa

Maria Lucília Batista, Inês Raimundo, Mariana Casimiro Educadoras de Infância
(Turmas dos 4 anos)

Em breves instantes, a vida de todos mudou, alterou as rotinas, os espaços e as dinâmicas e fomos obrigados a não sair de casa, um dia a dia completamente alterado, adaptados a um computador para chegar àqueles de que mais gostamos... tudo cinzento, estranho e cheio de incertezas, ao mesmo tempo novo, criador e desafiador. Do ato presencial de ensino passámos ao ato de ensino a distância, com a certeza de que conseguiríamos ultrapassar as dificuldades e alcançar um processo de aprendizagem onde os nossos alunos se sentissem felizes. De um “currículo no papel”, passámos a um currículo baseado na nossa prática educativa, no Projeto Valsassina e na nossa intuição e criatividade, somando uma força de toda a equipa do Jardim de Infância, mais concretamente a equipa dos 4 anos. Iniciámos assim uma corrente de ideias, trabalhos e atividades, das quais destacamos, a germinação do feijão, a figura humana com recortes, a recriação de uma obra de arte de Nadir Afonso, os retratos criativos do Dia da Mãe, as rimas com o nome, os trabalhos monocromáticos alusivos à Primavera e à folhagem das árvores, os mobiles cuisenaire e o Quiz da Rota de Fernão de Magalhães.

Quando os dias começaram a aquecer e a Natureza convidou às primeiras saídas, sentimos uma grande transformação, tudo estava mais verde, sereno e calmo. Sugerimos fazer algo diferente, algo que marcasse este tempo de pausa do homem na Natureza, tempo de liberdade para a Natureza jubilar as suas cores e alegria e, assim, surgiu a ideia de fazer em família um Herbarário que ainda continua em construção.

Todo este trabalho e partilha só foi possível com a entrega dos pais e das famílias em geral, às quais deixamos um enorme agradecimento e, deste lado do ecrã, sentimos um crescimento grande nos nossos alunos, sempre presentes, responsáveis, empenhados e felizes.



Trabalhos monocromáticos alusivos à Primavera e à folhagem das árvores.

A Nossa Quarentena
Foi uma Aventura
Valeu bem a pena
Houve muita ternura

Uns dias bons
Outros assim-assim
Lá fomos de mãos dadas
Ansiando pelo seu fim

Aulas pela manhã
Trabalhos pela tarde e pelo fim do dia
A mãe tentando manter-se sã
A filha sempre a pular de alegria

No meio da confusão
Um Pai que procurava trabalhar
Uma pausa para o fogão
Ou para um desenho pintar

Casa suja, casa limpa
Mil recortes para apanhar
Uma mãe sempre entretida
Sem ter tempo para descansar

Entre muita brincadeira
Um grito aqui, outro acolá
Fomos uma família verdadeira
Onde falta de Amor não há ❤️

Família da Valentina 4.º C

Também os pais deixaram alguns testemunhos deste tempo:

“Valsassina em casa – a nossa experiência

“O início foi turbulento, com uma mudança repentina de trabalho e escola a 100%, para uma situação de autonomia total, de teletrabalho e telescola, sob o medo de um vírus que paira, mas que não se afasta. O alento chegava da saudade imensa em estarmos mais tempo juntos, mas agora tão intensamente.. muito mais do que em férias, pois concentrados num mesmo espaço familiar, sempre em família e com direito a tudo e ao mesmo tempo: birras, fazer as pazes, jogar às escondidas, pintar, fazer mímica, contar histórias, cantar, fazer ‘trabalhos para a escola’ em vez de ‘trabalhos para casa’ e, parecendo que não, com tarefas domésticas a cargo e a teletrabalhar, com chamadas ‘sempre importantes’, videoconferências, relatórios e prazos sempre aí, apregoando irremediavelmente uns descreditos “só mais um bocadinho”, “são só mais cinco minutos”, “a mamã/o papá agora não pode”.

Em velocidade de cruzeiro, optámos por fazer turnos e calendários, tornamo-nos menos perfeccionistas e descontraídos, sendo até mais cumpridores nos trabalhos para a escola’, na participação nas aulas zoom, na necessidade de fazer chamadas e na escolha e prioridade das reuniões. Tem sido bom para aproveitarmos melhor esta oportunidade única de estarmos juntos em família, mas fica o receio do ‘novo normal’, em que o vírus ainda paira, a vida retoma o excesso de velocidade e nós ficamos saudados outra vez.”

Mãe do João Vieira



“A realidade é que no final da aula, que fez sem a presença dos pais, pois outras obrigações e o próprio sentido de responsabilidade e autonomia a isso nos levam, os trabalhos estão feitos. E logo após a aula, na maioria das vezes, quer ir fazer as atividades que são propostas para fazer em casa. Sendo o nosso sentimento, e como a própria professora diz: “Está a reagir muito bem, está um crescido, está superatento na aula, gosta de responder, está muito mais à vontade e muito mais confiante, o que eu acho piada. Foi um miúdo que teve aqui uma transformação grande”. É tão bom sentir que temos trilhado o caminho certo e que fizemos a melhor aposta (já conhecida porque sou ex-aluna!) na educação do nosso filho, sabendo que está um boas mãos, ou mesmo num bom ecrã... Todo este enorme desafio nos brindou com muitos aspetos positivos, e os tempos Zoom foram um deles. Welcome, Zoom!”

Mãe do Tomás Ribeiro

“Se houve momentos de desânimo? Certamente. Queriam os amigos e quantas vezes era aborrecido estar em frente a um computador, sossegados, concentrados. Mas nada de dramas ou tragédias. Emocionalmente bem equilibrados. E aprenderam coisas novas – já sabem mexer no rato e no Zoom, fazer hiperligações, ... Numa das atividades propostas, fizemos a recorrente experiência de plantar um feijão e ver o desenvolvimento da planta.. E foi isso que aconteceu neste confinamento eu vi os meus filhos crescer!! Tenho orgulho de ser uma mãe presente, mesmo em tempo de não pandemia. Entrego-me aos miúdos de corpo e alma. Porque sei e sinto que crescem depressa, foi um prazer, sincero, viver isto na melhor companhia possível, a deles, os meus “feijões”.

Mãe do Rafael Domingos



EM DESTAQUE Ensino a distância, Uma “nova realidade”

Ana Ribeiro Pereira, Inês Afonso e Joana Pires da Costa Educadoras de Infância (Turmas dos 5 anos)

“Criámos uma relação de pertença a este novo espaço virtual, que se tornou na nossa sala, com regras e rotinas próprias, onde interagimos, onde aprendemos, onde rimos, onde existe a cumplicidade natural da educadora com os seus alunos.”

Como medida para conter a propagação da Pandemia de COVID-19, as aulas presenciais tiveram de ser abruptamente substituídas pela modalidade de ensino a distância (EaD). A partir deste momento, a nossa vida de educadoras mudou. Deparamo-nos com um cenário completamente atípico. Estávamos perante uma nova realidade, desconhecida...

Estávamos perante um novo desafio para o qual teríamos de nos empenhar o melhor que podíamos. Que expectativas de aprendizagem esperar?

Com todo o apoio da direção do Colégio, à qual estaremos eternamente gratas, pois foram uma fonte imprescindível de motivação e ofereceram-nos um vasto leque de soluções tecnológicas, resolvemos enfrentar este desafio com o melhor que tínhamos para dar de nós!

Esperavam-nos grandes transformações nas nossas rotinas de trabalho. Motivadas, mais seguras e perante esta nova modalidade de ensino, sabíamos que era preciso continuar o processo de ensino-aprendizagem, transmitir conteúdos, manter a interação com os nossos alunos. Tinha chegado o momento da reorganização, mudança de rotinas, de planificações, de atividades.

Pouco a pouco, com o tempo, a experiência e o hábito, fomos adaptando e, neste momento, já criámos uma relação com os nossos alunos que, embora seja à distância, tornou-se muito “próxima”. Criámos uma relação de pertença a este novo espaço virtual, que se tornou na nossa sala, com regras e rotinas próprias, onde interagimos, onde aprendemos, onde rimos, onde existe a cumplicidade natural da educadora com os seus alunos.

Não nos podemos esquecer das famílias, que foram grandes aliadas em todo este processo. Mesmo estando a maioria em teletrabalho, facilitaram e proporcionaram estes momentos de aprendizagem que, apesar de curtos, foram muitíssimo ricos. Sentimos também a alegria das crianças por terem este apoio e companheirismo da família em todo o processo de ensino-aprendizagem, o que revela a importância das emoções nesta área de desenvolvimento. Agradecemos, por isso, aos pais dos nossos alunos, sem a sua ajuda não teria corrido tão bem!

Desta vivência virtual ficarão as memórias, as recordações, as experiências, as aprendizagens, os afetos, os momentos. Momentos esses que, com todas as suas particularidades e especificidades, se tornaram únicos e inesquecíveis!



Famílias e educadores no Zoom.



Sequências (Matemática).



Expressão plástica: dobragem e desenho.

“Do que mais gostaste nas aulas virtuais?”

Gosto de ser a primeira a chegar às aulas e as aulas de que mais gosto são as da Inês. **Maria Leonor Maroco**, 5 anos A

Gostei muito da música das casinhas dos números, que a Inês pôs. **Sebastião Guerreiro**, 5 anos A

Gostei de continuar a ver os amigos e a Inês mesmo que fosse online; de poder continuar a fazer atividades divertidas como fazemos no Colégio; Gostei também de fazer as atividades do Cuisenaire [Matemática], de criar ritmos com sacos de plástico na aula da Teresa [Expressão Musical] e da história do Peter Rabbit das aulas da Mrs Paula [Inglês]. **João Francisco Sampaio**, 5 anos A

Gostei de aprender muitas coisas nas aulas online. Adorei a última aula da Inês, as aulas de ginástica, da Mrs. Paula e das aulas de música. Mas acho que aprendo mais na escola e brinco com os amigos. **Francisco Claudino**, 5 anos A

É bom continuar a ver os meus amigos e também é bom ter a minha mãe ao pé de mim enquanto estou a fazer os trabalhos. **Dinis Almeida**, 5 anos A

Gostei muito porque consegui ver os meus amigos, se não os visse ficava cheio de saudades por causa do Coronavírus. Adorei aprender as frutas em Inglês. **Duarte D'Alessandria**, 5 anos A

Eu gosto muito das aulas com o Dex [Inglês]... e eu gosto muitas das aulas da Inês, porque é a minha professora favorita! **Lucas Efe**, 5 anos A

O que eu mais gostei das aulas online foi de voltar a ver os meus amigos, das aulas da Teresa [Expressão Musical] e de fazer o cubo com a Inês e das suas histórias. Gostei de fazer os trabalhos da Celeste e da Inês Campos com a minha mãe. Mas gostava de ir brincar com os meus amigos no recreio! **Manel Freitas**, 5 anos A

Gosto da parte em que perguntamos como é que nos sentimos hoje. Aprendemos de uma forma diferente. **Aurora**, 5 anos B

Ter ganho um computador para mim! **Camila**, 5 anos B

O que mais gostei destas aulas virtuais foi de fazer trabalhos para entregar, das aulas da Joana e de ver os meus amigos! **Diogo Santos**, 5 anos B

Gostei de experimentar as aulas no computador, porque foi engraçado ver os meus amigos e todas as professoras ali. Nunca tinha visto. As aulas com a Joana são sempre divertidas porque podemos sempre dizer aquilo que pensamos. Os trabalhos que a Joana manda fazer são divertidos e fazem-nos aprender sempre. Gostei muito de escrever a carta à Bitá e gostei de a conhecer. **Duarte Marques**, 5 anos B

Aprender coisas, ver os amigos, ver a Joana e as professoras, os trabalhos que fizemos. **Francisco Caldeira**, 5 anos B

Gostei mais de dizer como eu sentia. Gostava de falar com os amigos e com a Joana. Gostei das fichas. **Isabel Rolo**, 5 anos B

O que gostei mais foi ter aprendido a mexer bem no computador. **Joaquim**, 5 anos B

O que eu mais gostei foi de ver os amigos e a Joana. Tinha muitas saudades das aulas da Joana. **Madalena Formigal**, 5 anos B

Gostei de aprender, de ouvir as histórias e gostei muito dos trabalhos de casa da Joana! **Maria Pedro**, 5 anos B

Gostei mais de estar com os meus amigos e com a Joana. Gostei muito de estar nas aulas virtuais. **Salvador**, 5 anos B

Gostei mais de aprender as sílabas e as frases. **Duarte Mamede**, 5 anos B

Quando ouvia "como é que te sentes hoje?", ficava mais alegre. **Sofia Gonçalves**, 5 anos B

Gostei muito dos trabalhos de casa, gostei muito de ver os amigos e a Professora Ana. Mas estou triste por não poder brincar com os amigos. Também gostei de estar com os meus pais. **Clara Jeremias**, 5 anos C

Gosto de trabalhar no computador com a Ana. Aprender no computador e estar no quarto, a ter aulas. Estar com a Ana e os amigos. **Ester Figueiredo**, 5 anos C

Aprendi muitas coisas novas. Gostei de estar com os amigos e com a professora. As aulas foram muito boas, diferentes, porque estávamos em casa. Os pais ajudaram. Gostei muito de mexer no computador. A professora também aprendeu muitas coisas connosco e deu-nos muitas coisas para nós aprendermos e deve estar feliz porque aprendemos muito bem. **Leonor Pinto Coelho**, 5 anos C

Eu estou a gostar muito. Adorei aprender a letra L.

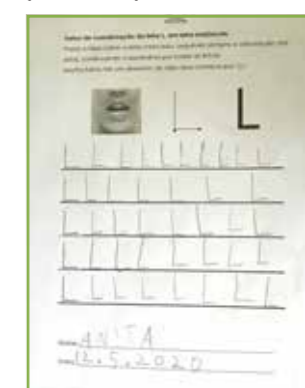
Gostei muito de estar a ver os amigos e gostei muito dos trabalhos que a professora Ana enviou. **Luísa Raposeiro**, 5 anos C

Ver os amigos. Gostei de fazer Matemática e os outros trabalhos com a Ana. **Eva Marques**, 5 anos C

Gostei mais de falar com os amigos e com a Ana. **Madalena Falcão**, 5 anos C

Senti saudades da Ana e dos meus amigos porque só os vi no computador. **Manuel Gomes**, 5 anos C

Gostei das aulas do Zoom, mas gosto mais das aulas na escola porque aprendo melhor e brinco com os amigos. O que gostei mais das aulas pelo Zoom foi aprender coisas novas que posso fazer pelo computador. **Manuel Xavier**, 5 anos C



Grafismo: método das boquinhinhas.

EDUCAR PARA a leitura, criatividade e imaginação

Hora do Conto

Inês Campos Educadora de Infância



“... foram convidadas a dar voz a alguns personagens as auxiliares, para que este momento, feito à distância, fosse ainda mais afetivo para a criança.”

No Colégio Valsassina, a leitura de histórias ocupa um lugar privilegiado na rotina diária das crianças, não só no espaço da sala de aula, mas também durante o período do prolongamento diário ou no ATL.

Na casinha de madeira existe uma área de biblioteca, onde as crianças podem ver/ler livros sozinhas ou com os amigos, podem representar ou recontar com as suas próprias palavras. Os livros e os fantoches estão sempre presentes neste espaço de atividades, permitindo assim que as crianças acedam a ele sempre que pretendam.

Por esta prática pedagógica ser uma atividade mais lúdica e proporcionar um momento especial no dia a dia do Jardim de Infância, viabiliza, através da leitura de uma história, o imaginário da criança. A hora do conto tem uma importância significativa, pois através de uma história, é possível fomentar a descoberta do seu mundo interior e do envolvente. Tal como afirma Cavalcanti (2002) “a partir das histórias é possível apresentar à criança o infinito que ela tem dentro de si”.

Através das histórias, a criança tem oportunidade de desenvolver a imaginação, a memória e a criatividade, ampliar o seu vocabulário, desenvolver o pensamento lógico, o espírito crítico, a curiosidade, a concentração e os valores para a vida.

A *Hora do Conto* faz parte da rotina do Jardim de Infância proporcionando um grande momento de afeto para o grupo de crianças. Uma história pode ser contada nos mais diferentes lugares do Colégio - no recreio, na casinha de madeira, na sala de aula, no espaço-quinta ou no caramanchão do jardim.

Neste período de confinamento que todos estamos a viver, sentimos a necessidade de promover e dar continuidade aos momentos de Hora do Conto. Com o Modelo de ensino a distância (E@D) do Colégio foi possível incluir este tópico na plataforma Classroom e, assim, permitir o seu acesso a todas as crianças do Jardim de Infância.

Esses momentos foram sempre gravados em vídeo, das formas mais diversificadas e com recurso a vários materiais, reinventando formas de dinamização de contos tradicionais ou modernos, dando-lhes “toques mágicos” de luz, cor, sons e cenários, completamente improvisados, mas capazes de prender a atenção e transportar cada um para um mundo de fantasia.

O vínculo criado durante a hora de conto terá bastante importância aquando da sua dinamização. Por esse motivo, foram convidadas a dar voz a alguns personagens as auxiliares, para que este momento, feito à distância, seja ainda mais afetivo para a criança. É relevante que quem conta as histórias conheça bem as crianças, que torne a hora do conto à distância num ambiente acolhedor, e que, com uma boa expressão oral, dê vida às histórias dos diferentes autores.

Dado que em idade pré-Escolar a criança ainda não adquiriu a competência da leitura, o seu único recurso será “ler” os livros através das ilustrações que estes possuem. Desta forma, a escolha de apresentação das histórias em suporte audiovisual foi diversificada - desde utilizar apenas o livro, ao uso de outros materiais como sombras chinesas, fantoches, dados ilustrados e tapetes de histórias.

As histórias estão disponíveis na plataforma Classroom todas as semanas, permitindo que os alunos as possam ver sozinhos ou em família, ao longo do dia ou na hora de ir dormir.

É em casa, no seio familiar, que são agora vividos os momentos da *Hora do Conto* tornando-os um momento de aprendizagem tranquilo, prazenteiro e de afetividade, fomentando a aprendizagem pelo mundo que as rodeia.



“Eu adoro pedir à minha mãe para ver as histórias antes de ir dormir.” Vasco 3 anos

“Hoje não quero história de livro, quero ouvir a Lúcia a fazer de Carochinha!” Maria Clara 3 anos

“Quero que seja a Inês a contar o Monstro das Cores.” Maria 3 anos

“O que mais gostei foi do arco-íris a entrar no quarto!” Vasco 4 anos

“Quando a Inês conta esta história do João a fazer muitos disparates eu fico sempre a rir muito.” Leonor 4 anos

“Eu e o meu irmão gostámos muito da história.” Mariana 4 anos

“Adoro esta história! Obrigado!” João Francisco 5 anos

“Decidi também fazer um teatrinho para todos. Adorei esta ideia dos ímanes e fiz uma história para o meu Dia da Mãe” Manel 5 anos

“Muito giro! Não conhecíamos esta história! Beijinhos e obrigada a todas!” Maria Pedro 5 anos

“Sabes que eu também já me senti assim como o Jerónimo? Obrigado por mais esta história.” Duarte 5 anos



“Como mãe que tem um filho a frequentar o Colégio fiquei mais uma vez surpreendida pela forma positiva como geriram toda esta situação tão preocupante para todos. Quando vi pela primeira vez na plataforma Classroom, que tinham disponibilizado uma Hora do Conto pensei: “Uau, isto foi pensar no coletivo, em todos que vão ficar em casa!” Fiquei encantada! Continuaram a dar importância ao desenvolvimento global das crianças, impulsionando a criatividade delas e continuaram a assumir-se como dinamizadoras fundamentais das aprendizagens deles. Para mim, que adoro livros e tento inculzir esse gosto desde tenra idade aos meus dois filhos, penso que um dos objetivos da Hora do Conto é contar histórias de forma alegre e agradável, a fim de atrair as crianças para o universo da literatura e dessa forma ajudar na formação de novos leitores. As histórias têm o poder de dar asas à imaginação das crianças, estimulando-as à curiosidade pelos saberes e ao gosto pela descoberta. E terem criado estas formas alternativas de momentos de leitura, estas atividades com encenação, revelaram-se autênticas surpresas de expressão artística para estas crianças. Li algures pela Internet que estava a ser lançado uma campanha com o tema “Uma história por dia não sabe o bem que lhe fazia”, e é mesmo isto! O João ansiava pela publicação de mais uma hora do conto para poder assistir. Sentiu-se abraçado, ainda que virtualmente, por todos vós! Foram autênticas soluções criativas com conteúdos de qualidade! Conseguiram proporcionar momentos de aproximação da criança à escola e a todas as suas pessoas de referência lá! Ao longo desta quarentena que nos foi imposta por circunstâncias de saúde pública, conseguiram torná-la mais “leve”, com o compartilhar de dicas de brincadeira e de jogos, com atividades lúdicas e educativas, mas também divertidas. Cuidaram da vossa gente, foi um grande gesto de profissionalismo, pois arregaçaram as mangas e continuaram a demonstrar todo o carinho e preocupação que têm por estes vossos meninos! Conseguiram manter uma atmosfera criativa e de imaginação nestas mentes pequenas! Levaram a arte e a cultura a todos em todos os lugares. Um Bem-Haja!”

Ana Sampaio (Mãe do João Francisco Sampaio, 5 anos)

Quase todos os adultos e pais de hoje têm acesso à informação sobre literatura infantil, representada sob o formato digital. Às vezes são tantas as propostas que até a nós, adultos, nos fazem dispersar. Na minha opinião, a mais-valia da iniciativa da “Hora do Conto” produzida integralmente pela Equipa Valsassina assenta na junção do valor do conto à memória afetiva da criança sobre o Colégio. Ao ver e a ouvir a história, contada pelas vozes familiares de pessoas da sua referência, senti que se fazia mais uma ponte entre as duas famílias - a nossa e a do Valsassina. Esta ponte surge em aspetos tão simples, mas tão profundos ao mesmo tempo, desde a escolha dos temas, a produção e cuidado com os cenários, as personagens que rapidamente cativam e levam a criança a poder viajar pelo seu imaginário. Um momento que os ajuda a compreender-se a si e aos outros, pondo em palco ao mesmo tempo as suas emoções, a inteligência e a fantasia.

Rita Ferreira da Costa (Mãe da Maria do Carmo Dias, 4 anos)

EM DESTAQUE Entrevista à Professora Patrícia Castela

Patrícia Castela

Professora de Física e Química Colégio há 26 anos. É coordenadora do Departamento de Física e Química no 3.º ciclo e tem sido responsável pela dinamização de vários projetos na área do ensino experimental das Ciências.

As suas práticas e dinamismo foram alvo do reconhecimento de alguns dos seus antigos e atuais alunos que a indicaram para o Global Teacher Prize Portugal 2020. Neste contexto foi convidada a participar no prestigiado “Teachers of the World Unite Summit” que se realizou no dia 26 de maio.

Foi nomeada para o Global Teacher Prize Portugal (GTPP). Como teve conhecimento da indicação para o prémio e qual foi a sua reação?

Recebi uma chamada no Colégio da GTPP, em que fui informada que tinha sido nomeada por atuais e antigos alunos e respetivos encarregados de educação. Foi com grande surpresa e até algum ceticismo que recebi a notícia (que curiosamente coincidiu com o dia do meu aniversário!). Passados alguns dias recebi um e-mail oficial, confirmando a minha nomeação.

Que elementos destaca da sua candidatura?

Esta candidatura fez-me (mais uma vez) recordar e concluir que a opção que tomei há 27 anos, trocando a indústria pelo ensino, foi acertada. Continuo a lecionar com a mesma paixão e motivação com que iniciei esta carreira.

Na sua opinião, qual deve ser atualmente o papel do professor?

O papel ativo do professor deve contribuir para a formação completa de cidadãos autónomos e responsáveis, promovendo o espírito crítico, o trabalho em equipa, a criatividade e a capacidade de resolução de problemas.

No âmbito da seleção para o “Global Teacher Prize” foi convidada pela “Varkey Foundation” para participar no “Teachers of the World Unite Summit”, que se realizou no passado dia 26 de maio. Este fórum organizou um conjunto de debates e discussões em torno do documento publicado

pela “UNESCO’s Teacher Taskforce” sobre a reabertura das escolas. Quais foram os principais objetivos desta reunião?

O principal objetivo desta reunião foi solicitar a centenas professores de todo o mundo a sua opinião sobre um documento produzido pela Unesco em colaboração com a Varkey Foundation. O documento (<https://teachertaskforce.org/knowledge-hub/supporting-teachers-back-school-efforts-guidance-policy-makers>) trata de recomendações dirigidas a professores, diretores de escolas e governos sobre a forma mais adequada à reabertura de escolas após a pandemia.

Eu estive integrada num grupo latino de 6 professores, onde se incluíam três brasileiros e três portugueses, dirigidos por uma docente da argentina. O tema de debate da minha equipa foi formação e treino dos professores.

Algumas sugestões que foram acolhidas por unanimidade, abordam a adaptação dos conteúdos programáticos, a formação atempada de professores e alunos para o ensino a distância, com ou sem recurso à Internet (em meios mais carenciados).

O documento final está disponível em <https://www.varkeyfoundation.org/media/6229/briefing-teachers-of-the-world-unite.pdf>

Como foi representar o Colégio Valsassina e Portugal neste evento?

Foi com muito orgulho que representei o Colégio onde trabalho, e o nosso país, e pude apresentar algumas das práticas inovadoras e de sucesso do mesmo.



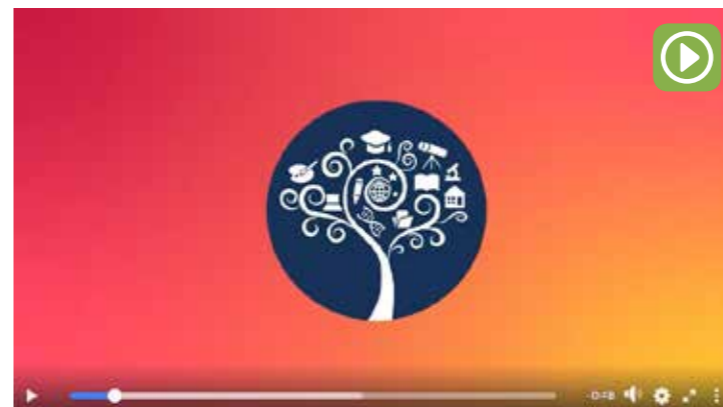
Participaram centenas de professores de muitos países, que partilharam entre si as suas experiências educativas. Quais foram os casos que mais a impressionaram?

Vou referir os dois casos que mais me impressionaram de professores que mantiveram as suas atividades letivas durante a pandemia. O primeiro caso é do professor Peter Tabichi do Quênia. Tinha que lecionar todas as suas turmas sem recurso à Internet. A comunicação era feita através dos encarregados de educação, utilizando apenas o seu próprio telemóvel e distribuindo o material de trabalho porta a porta.

O segundo caso é da professora Maggie MacDonnell, do Ártico Canadense, que se mostrou muito preocupada com o aumento da taxa de suicídio nos adolescentes e a má nutrição dos jovens, agravada pela pandemia.

Que lições ou mensagens destaca da participação neste fórum?

Sou uma sortuda! Apesar de todos estarmos a atravessar momentos muito difíceis e desconhecidos, a comunidade do Colégio Valsassina está muito acima da média das realidades que tive a oportunidade de conhecer neste Global Summit.



Valsassina em casa de uma avó em apuros

Maria Belo Psicanalista

Stiegler, a propósito do não saber hoje generalizado, diz: “ninguém sabe o que é a cibernética... O que é um smartphone e o que isso produz. Trata-se de um não saber que nos afeta a todos... Os engenheiros fabricam-nos, mas também não sabem absolutamente o que isso produz no Homem e nas suas relações sociais.”¹

Foi de facto Valsassina em casa. O meu neto tem treze anos, idade para orientar-se no estudo com alguma autonomia, nem sempre fácil. E não foi só aprendizagem de matérias, mas também das diferenças pela mediação das relações com professores, colegas e conteúdos, com possibilidades de “evadir” às obrigações sociais. Ao dizer isto, quero mostrar o enorme apreço que tenho pelo trabalho docente, e pela inventividade e capacidade de adaptação aos novos formatos em que controlar os alunos mostra-se difuso. E sei como aulas à distância são cansativas. Assim, comparado ao final do 2.º período, o modelo tornou-se bem mais flexível.

Mas o que me interessa descrever é este tipo de ensino em geral. E cito dois autores. Primeiro, como não podia deixar de ser, Freud: “*Há três profissões impossíveis, educar, governar e psicanalisar.*”² Impossíveis porque não se trata de um saber fazer que garanta resultados... Trata-se de trabalhar através da fala numa transmissão interpessoal de coisas que não controlamos. No caso do ensino que aqui interessa, a matéria é pretexto para esta transmissão. Por exemplo, o exercício da Matemática, tal como evoluiu, servirá tal e qual a poucos estudantes. Mas transmitida como lógica e razão, servirá a todos por toda a vida. E para isso é preciso que os docentes não se contentem com ensinar somente a matéria, mas através dela, do que é só implicitamente dito suscitar nos alunos a compreensão pelo saber oferecido pelo docente para auto-identificação. Também com o Português: não se trata de conhecer de memória as regras gramaticais, mas de aprender a pensar através delas para engrandecer as relações e encher fala com o que vem de dentro, e não se deixa esvaziar pela técnica. Por isso, no que foi possível, o Valsassina foi sem dúvida melhor neste período, mas anseio e desejo que estas relações voltem à escola para que a transmissão, que já de si parece “impossível”, volte a acontecer olhos nos olhos, fala com fala e de corpos inteiros.

¹ STIEGLER, Bernard, 2019

² FREUD, Sigmund, 1937

EDUCAR PARA a reflexão crítica

Um exercício de reflexão e de comentário crítico

Benedita Sarmento Professora de História



As aulas estão diferentes: falta o contacto físico, o ambiente de descontração do recreio, o toque da entrada, o burburinho dentro da sala de aula, a proximidade... Mas, como em tudo, há aspetos positivos que podemos aproveitar: materiais infundáveis ao nosso dispor (documentários, excertos de filmes, museus virtuais, música) que podemos apresentar aos nossos alunos, pedindo-lhes que os explorem de uma forma muito mais autónoma, respeitando o ritmo de cada um e os seus interesses pessoais.

Assim se processou este trabalho: foram apresentados aos alunos do 9.º ano dois documentários sobre aspetos diferentes da 2.ª Guerra Mundial: "Hiroshima: o dia seguinte" e "The Lady in number 6". Para cada documentário foi escolhida uma frase e foi pedido a todos os alunos que escrevessem um comentário sobre uma das frases, à sua escolha, tendo em conta o documentário respetivo.

«A civilização acaba de elevar-se ao último degrau da selvajaria. É preciso pois escolher entre o suicídio coletivo ou a utilização inteligente das conquistas científicas [...]»
Albert Camus

Ao Homem ou à civilização é exigida responsabilidade na investigação científica. O conhecimento conquistado pela investigação deve permitir avanços e melhorias civilizacionais, a "utilização inteligente das conquistas científicas". Qualquer conquista de conhecimento que dê origem a um resultado cujo aproveitamento seja perigoso ou ponha em risco a própria civilização, "suicídio coletivo", deve ser resguardado de

forma responsável, e não deve ser utilizado. O processo da investigação científica parte de uma base conhecida, e na maior parte das vezes desenvolve resultados imprevisíveis. Quer isto dizer que os resultados podem ser bons ou maus para a humanidade. Se o Homem não consegue distinguir os riscos para a humanidade que determinadas descobertas constituem, e decide utilizá-las em prejuízo da própria civilização, revela o seu lado mais negro, e manifesta profunda incapacidade em lidar com o conhecimento científico "A civilização acaba de elevar-se ao último degrau de selvajaria".

Leonor Aires 9.ºD

“Até nos piores momentos é possível encontrar beleza” Alice Sommer

Tudo pode ser visto de duas perspetivas, a positiva e a negativa. Muitas vezes somos movidos e consumidos pela nossa raiva, rancor ou tristes recordações, outras simplesmente pela esperança e pelo apreço que temos pela vida.

Todo o nosso percurso está repleto de momentos menos felizes, sofrimento e perda, mas a única coisa que podemos fazer é aprender com eles, estimar aquilo que nos foi concedido e aproveitar até que este nos seja retirado. Mesmo quando nos encontramos à beira do abismo, existe sempre algo por que lutar.

Falando do documentário "The Lady of number 6", este mostra como, no meio de um gigantesco desastre, uma alma se manteve sã a partir da música e do prazer que esta lhe proporcionou, contribuindo igualmente para um minorar da dor e do tormento de terceiros. A música serviu de refúgio, de consolo, de partilha e, mesmo no meio do Holocausto, permitia viajar, mesmo que por momentos fugazes, para um lugar mais feliz, mais tranquilo, onde lhes era possível encontrar beleza.

O planeta Terra pode ser um lugar controver-

so, num momento calmo, noutra revoltado, mas aquilo que temos de aprender é a encontrar beleza, até nos piores momentos, não deixar que a infelicidade derrube o melhor que há em nós e retire a capacidade da humanidade de se redimir fazendo destes momentos uma lição para o futuro.

Guilherme David 9.ºA

(Alice Sommer) também nos ensina que é importante conseguirmos ter um sentimento de gratidão e perceber que a vida é frágil e que tudo o que existe agora pode deixar de existir. Mas, como diz Alice, "até o mau é bonito quando sabes para onde tens de olhar".

Hoje em dia passamos também por uma situação de calamidade universal e no meio de tudo podemos ainda pensar positivamente.

Famílias têm tempo para estarem juntas, pais têm mais tempo para estar com os filhos, as pessoas ajudam-se umas às outras... é preciso apenas manter a calma e "saber para onde olhar".

Catarina Marques 9.ºA

EDUCAR PARA os valores

“Vidas prisionáveis”, uma aula de História e de Ciência Política com António Vilarigues

Luís Marinho Professor da Ciência Política
Benedita Sarmento Professora de História

Biografia de António Vilarigues

Catarina Marques 12.º 3



Portugal esteve durante 48 anos sob uma ditadura, o Estado Novo, que negou a vários portugueses o seu direito à liberdade de expressão e que os obrigou à clandestinidade. Exemplo de uma das famílias da resistência a este regime é a do nosso convidado – António Vilarigues.

António Nogueira de Matos Vilarigues nasceu a 27 de dezembro de 1953, na clandestinidade, no hospital Bensaúde. É filho de dois resistentes antifascistas, dirigentes do Partido Comunista Português: Sérgio Vilarigues e Alda Nogueira.

O seu pai foi preso aos 19 anos, em 1934 (logo após Salazar ser nomeado Presidente do Conselho), quando colocava cartazes em Lisboa contra a fascização dos sindicatos. Esteve preso no Aljube, em Peniche, São João Baptista (Angra do Heroísmo) e no Campo de Concentração do Tarrafal. Foi amnistiado em 1940, passando à clandestinidade dois anos mais tarde, onde permaneceu até ao dia em que se deu o golpe militar que pôs fim ao Estado Novo.

A sua mãe envolveu-se desde cedo na vida política, em particular na luta pelos direitos das mulheres no Movimento Democrático das Mulheres. Foi presa em 1959 e condenada a 8 anos de prisão, mas acabou por estar presa 9 anos e 2 meses. Mais tarde, depois de 25 de abril de 1974, foi deputada à Assembleia Constituinte e à Assembleia da República.

Por questões de segurança, António Vilarigues foi viver com a sua avó materna quando tinha 4 anos, que procurou isolá-lo de qualquer influência dos pais, não falando de política e ocultando mesmo o seu apelido, de que só tomou conhecimento quando se inscreveu na escola.

A sua mãe foi presa quando tinha 6 anos. Durante os 9 anos seguintes, visitou-a na prisão de Caxias, sendo que, a partir dos 10 anos, passa a ir quase sempre sozinho. Quando já era aluno do liceu, as visitas eram aproveitadas para que a sua mãe lhe desse algumas explicações: durante essas explicações álgebra foi proibida por incompreensão dos guardas e geografia também, após se referir o conceito de "placas tectónicas".

Aos 17 anos, em 1971, já membro do PCP, António Vilarigues passa à clandestinidade, escapando a uma onda de prisões da PIDE, juntamente com a sua companheira, Lídia Calapez. Depois de irem para o Porto, partem para Paris, onde nasce a sua filha. Até ao 25 de abril, viu o seu pai 3 vezes e a sua filha passou por três casas clandestinas, nunca sabendo o nome verdadeiro dos pais.

Regressou a Portugal, onde se manteve clandestino mesmo depois do 25 de abril, só abandonando a clandestinidade em setembro de 1974.



Conversa com António Vilarigues

No dia 16 de junho, o Museu do Aljube Resistência e Liberdade, retomando a sua atividade denominada “Vidas prisionáveis”, proporcionou aos alunos do 12.º ano 3, numa atividade conjunta de História e Ciência Política, a oportunidade de conhecerem um pouco da vida de um antigo combatente antifascista, que viveu na clandestinidade, assim como a dos seus pais, ambos presos políticos.

A conversa com António Vilarigues foi conduzida pela jornalista Ana Aranha, tendo sido também proporcionado aos alunos, no final, um espaço para perguntas.

Ao longo de cerca de uma hora, António Vilarigues falou da sua vida desde o nascimento, em circunstâncias muito especiais, uma vez que os seus pais eram militantes clandestinos do PCP. Embora as circunstâncias da clandestinidade tenham obrigado a que, a partir dos 4 anos de idade, fosse viver com a sua avó materna, senhora da média burguesia que o tentou afastar dos caminhos da política, a verdade é que, logo na adolescência, quando frequentava o liceu D. João de Castro, em Lisboa, se envolveu nas lutas estudantis, iniciando assim um trajeto que o levaria a aderir ao PCP, em 1970, com 17 anos e a entrar na clandestinidade.

António Vilarigues revelou que o acontecimento que o fez verdadeiramente decidir intervir politicamente foi a saída forçada do padre António Janela, professor no liceu D. João de Castro, pelas autoridades da época, por considerarem a sua forma de ensino subversiva.

Na clandestinidade, viveu nos arredores do Porto, tendo passado por várias casas, evitando assim que a sua atividade, assim como a da sua companheira, Lígia Calapez, fosse detectada pela polícia política, a DGS, ex-PIDE.

Viveram ainda em Paris, dois anos, mas foi em Portugal que viveu o 25 de abril de 1974, embora de forma peculiar, uma vez que, por instruções do seu partido, fosse um dos vários militantes que não saíram imediatamente da clandestinidade, o que só aconteceu em setembro.

No final da conversa com Ana Aranha, alguns alunos quiseram fazer algumas perguntas. O aluno Pedro Machado perguntou a António Vilarigues como viveu o 25 de abril. Na verdade, como não abandonou nessa altura a clandestinidade, António Vilarigues confirmou que não pôde festejar na rua o 25 de abril, nem tampouco o 1.º de maio, uma vez que, por instruções do PCP, se manteve clandestino.

A aluna Margarida Paim quis saber se tinham ficado alguns traumas da vida da clandestinidade. António Vilarigues reconheceu que isso aconteceu com alguns camaradas seus, mas, no seu caso, garantiu que não teve qualquer problema em se adaptar à “vida normal”.

O aluno Vasco Costa perguntou se no período anterior ao 25 de abril se sentiu alguma vez discriminado por ser filho de dirigentes comunistas. O entrevistado respondeu que nesse período nunca se sentiu discriminado, mas que sente essa discriminação atualmente. Vive em Penalva do Castelo, no distrito de Viseu e, segundo afirmou, é sempre olhado como “o comunista da terra”, sentindo “sistemática hostilidade”.

Finalmente, o aluno Ricardo Esteves quis saber como se mobilizavam os estudantes do ensino secundário naquela época. António Vilarigues explicou que o trabalho de mobilização estava enquadrado por um movimento denominado MAEESL – Movimento Associativo dos Estudantes do Ensino Secundário de Lisboa, clandestino, e que o trabalho de mobilização se fazia com pequenos grupos, ao mesmo tempo que se defendia a eleição de chefes de turma, se promoviam campanhas de solidariedade com estudantes presos, sempre na perspetiva de lutar por outro tipo de ensino.

O Museu do Aljube Resistência e Liberdade promoveu este ano letivo um concurso de Contos subordinado ao tema “Censura”. Os alunos do 12.º ano 1A, 1B, 2 e 4 foram convidados a participar neste concurso, consolidando, assim, as aprendizagens relativas ao género conto, estudado no 2.º período do 12.º ano. A participação neste concurso pretendia, ao mesmo tempo, promover a cidadania participativa no respeito pelos valores democráticos e pelos direitos humanos, assim como incentivar à escrita criativa e a uma reflexão sobre a Censura em regime ditatorial e nas suas diferentes vertentes de incidência.

Objetivismo

“Sentado na sua cama, David olhava, encurvado e enrijecido, para a parede à sua frente. Sim, na sua cama, pois desde há largos anos que era um com a cela onde o quiseram reduzir à existência.

Inevitavelmente, o seu corpo fora enrijecendo com o tempo, fruto putrefacto do confinamento e do próprio envelhecer, mas, para contrariedade do mundo lá fora, o seu coração nunca endurecera, pulsando continuamente por todo o organismo, num gesto de solidariedade de si para consigo mesmo.

“O truque é saber-se múltiplo”, dizia David ao guarda que o velava, já não sabe se amargurada ou amargamente, e assegurava já há dois anos que este permanecia naquele espaço, e na miséria toda da situação de que fora vítima. Novo e tolo, objetor de consciência categórico, mas deveras seguidor de um imperativo hipotético (e pior que tudo isso falso), procurava apaziguar a sua consciência e esquecer o quanto lucrava com aquela injustiça no consolo das histórias de vida que o velho lhe contava.

...”
Início do conto da aluna Maria Inês Lopes, do 12.º 1A, enviado para o concurso “Censura” do Museu do Aljube.



CLIQUE... para aceder e ler o conto completo!

EDUCAR PARA Ensinar línguas à distância o multilinguismo

Vivemos num mundo global dotado de uma elevada diversidade cultural e linguística. A língua é a via para a compreensão de outros modos de vida, o que, por sua vez, abre o caminho para a tolerância intercultural. Além disso, as competências linguísticas tornam mais fácil trabalhar, estudar e viajar e permitem a comunicação intercultural.

A mudança de paradigma do ensino presencial para o modelo de ensino a distância levou a repensar as práticas e as tarefas no ensino das línguas lecionadas no Colégio. Procuramos conhecer um pouco sobre este processo com o contributo dos professores: Ana Paula Gouveia (Alemão e Inglês), Andreia Salvado (Francês), Juan Prado (Espanhol), Maria João Godinho (Alemão e Inglês), Marta Arrais (Inglês, Jardim de Infância e 1.º ciclo), e Mónica Silva (Português).

Em modelo de ensino a distância (E@D), quais foram as principais estratégias adotadas para dar continuidade ao ensino-aprendizagem de uma língua?

Mónica Silva A primeira preocupação foi tentar não dar aulas demasiado expositivas. Neste sentido, procedeu-se a uma pesquisa de atividades que permitissem, sobretudo, a interatividade entre professor/aluno e aluno/aluno.

Juan Prado Procurei recorrer a modelos que permitissem aos alunos continuar em contacto com a língua e treinar a compreensão tanto auditiva, por meio de vídeos e registos de áudio, como de leitura, sugerindo visitas a sites e blogs.

Marta Arrais Entre as estratégias utilizadas destacamos: o uso de manuais digitais, de vídeos de histórias contadas pelos seus autores, e de canções com suporte visual.

Andreia Salvado Dar aulas à distância exige sobretudo uma grande capacidade de gestão e motivação dos nossos alunos. Assim, em todas as aulas síncronas, o contacto com os alunos privilegia a dimensão afetiva e emocional. A responsabilização dos discentes face às suas aprendizagens assenta numa comunicação transparente e justa, explicitando regularmente os critérios de avaliação. Responder às dúvidas, mas também aos receios, saber ouvir críticas ou desabaços, reforça a ligação de confiança entre todos. Nas aulas síncronas, tentei sempre envolver todos os alunos com perguntas diretas, leitura de textos, correção de exercícios...

Maria João Godinho e Paula Gouveia Tivemos de nos certificar que as cinco competências, ouvir, interagir, falar, ler e escrever, eram devidamente trabalhadas. No que se refere às competências de “entrada” ou de “input” (ouvir e ler), recorremos a audição de gravações, ao visionamento de curtos vídeos, à leitura de diversos tipos de texto e à análise da estrutura dos textos.

Que estratégias foram utilizadas para trabalhar a oralidade e a escrita de uma língua em E@D?

Mónica Silva Para trabalhar a oralidade e a escrita, parti-



Infografia de Vicente Silva e Gonçalo Santos 9.º C (Espanhol)

Infografia de Santiago Silva 8.º D (Espanhol)

mos, geralmente, do visionamento de “pequenos vídeos” que estimulavam o debate, a reflexão e apuravam o espírito crítico dos alunos. Muitas vezes, além do debate, procedia-se à produção escrita a partir dos pensamentos/raciocínios apresentados.

Juan Prado De uma forma geral, utilizei, na plataforma Classroom, a ferramenta “Perguntas”, que permite desafiar os alunos a dar respostas escritas curtas a questões tratadas em aula e até interagir com outros alunos, comentando as suas respostas. Um dos maiores problemas causados pelo uso da tecnologia para a produção de textos em língua estrangeira é o (ab)uso dos tradutores automáticos, ineficazes na tradução de textos longos. Optei por abordar os alunos com perguntas relacionadas com o seu contexto de vida e opiniões pessoais para obter pequenos textos escritos próprios sem necessidade de usar tradutores. A oralidade foi treinada nas sessões síncronas (muitas vezes criando pequenos grupos de trabalho em salas paralelas de Zoom).

Marta Arrais Optou-se por pedir aos alunos que realizassem pequenos vídeos ou áudios onde podiam falar livremente sobre temas ou imagens significativos. No caso dos alunos mais novos, esta competência foi trabalhada através de canções, histórias ou textos auditivos curtos. No que respeita à competência da escrita, fomos pedindo aos alunos que escrevessem sobre temas da sua esfera mais pessoal (a família, o melhor amigo, a cidade ou local onde vivem).

Maria João Godinho e Paula Gouveia Em relação às competências de “saída” ou de “output” (interagir, falar e escrever), promovemos um momento inicial de speaking em cada aula. Os alunos eram convidados a partilharem uma notícia, um pensamento, um curto texto ou um extracto. Desta forma, procurávamos estimular a comunicação sobre temas ou assuntos do interesse dos jovens e promover o debate. A produção escrita foi sendo formativamente avaliada, através da escrita de pequenos textos (cujo feedback foi dado na Classroom). Também



CLIQUE... nas infografias!

foi dada especial atenção às questões gramaticais, dado que houve a preocupação de manter o rigor sintático na produção escrita, numa altura em que os meios físicos da escrita mudaram. Constatámos que os alunos, de modo geral, escrevem com maior correção, quando usam os meios eletrónicos.

Em Alemão, no 11.º ano, continuámos com as tarefas que tínhamos planificado: produção escrita e oral de enunciados gradualmente complexos sobre a identidade e os interesses pessoais dos alunos, sobre relações pessoais na escola, na família e na comunidade.

Como é que tiraram partido das tecnologias para diversificar os desafios e as tarefas pedidas aos alunos?

Mónica Silva Os alunos fizeram pesquisas e visitaram sites, sobretudo relacionados com a leitura. Ouviram recitais de poesia e escolheram os seus vídeos preferidos. Tiraram partido do ecrã para partilharem, na tela, a criatividade de cada um, como acrósticos ou caligramas. Várias vezes também lhes foi pedido que desligassem os ecrãs, abrissem um livro e lessem durante uns bons minutos.

Juan Prado Tirei partido do fácil acesso a material autêntico em língua espanhola disponível na Internet, destacando sites com atividades interativas. Aproveitámos para fazer pesquisas sobre temas abordados nas aulas e pedi tarefas que passavam por tirar proveito das tecnologias utilizadas, como, por exemplo: elaborar infografias, explorar/analisar filmes e transformar as imagens vistas em palavras.

Andreia Salvado As tecnologias estiveram ao nosso serviço para manter esta ligação, organizar as tarefas dos alunos de acordo com um plano de trabalho detalhado e facilitador das aprendizagens. A tecnologia também permitiu a monitorização das aprendizagens e a responsabilização dos alunos em relação à entrega das tarefas. A criação de testes de avaliação com questionários na Classroom e uma componente de avaliação oral pelo Zoom permitiram avaliar com rigor e equidade.

Marta Arrais Para além dos manuais digitais, associados às temáticas estudadas, os alunos puderam fazer jogos de vocabulário adequados à respetiva faixa etária. O YouTube, com todas as canções e histórias, foi também bastante útil.

Maria João Godinho e Paula Gouveia No geral, foram usadas ferramentas que já nos eram familiares, como por exemplo o SurveyMonkey.

Em Alemão, foram proporcionados exercícios de Hörverständnis (compreensão do oral), de modo que os alunos mantivessem o contacto com a língua e apurassem a sua capacidade auditiva, determinante para a compreensão da mesma. A utilização dos manuais digitais foi uma mais-valia neste contexto.

Que projetos/trabalhos desenvolvidos durante este tempo de aulas à distância gostariam de destacar?

Mónica Silva Destaco os trabalhos de vídeo que os alunos prepararam. Destaco também o trabalho que alguns alunos prepararam com a participação de elementos da família, que consistiu na filmagem da declamação de um poema, de forma expressiva e dramatizada, por pais e alunos.

Juan Prado Gostaria de destacar a criação de infografias

sobre diversos temas, o que permitiu desenvolver competências de comunicação, combinando a língua escrita com a parte visual (gráficos, símbolos, imagens).

Marta Arrais Merecem destaque os áudios e vídeos realizados pelos alunos do 3.º e 4.º anos, e os momentos de *Show and Tell* que decorreram em formato síncrono (1.º e 2.º anos).

Maria João Godinho e Paula Gouveia Em relação à disciplina de Inglês, destacamos as atividades de *Speaking* promovidas ao longo de todas as aulas, o que permitiu momentos de partilha, de reflexão e debate. Em relação a *Writing Skill* destacamos a elaboração de uma formal *Letter of Complaint*, onde os alunos tiveram de utilizar uma linguagem mais cuidada e formal. Quanto à apresentação oral final, foram-lhes dadas duas hipóteses à escolha: a *Personal Statement* ou *An Article Review*.

Em Alemão, no 11.º ano, continuámos com a correspondência com os alunos da escola Sueca de Vellinge, o que permitiu uma estimulante troca de dados sobre duas culturas.

Como manter a motivação e continuar a estimular a criatividade dos alunos num terceiro período que se alongou e se revelou bastante diferente de qualquer experiência pedagógica anterior?

Mónica Silva Foi difícil manter a motivação dos alunos, pois acusavam algum cansaço pela extensão do ano letivo e pela especificidade do modelo não presencial. De modo a envolver os alunos no processo de forma ativa, eram desafiados a partilharem ideias de atividades que gostassem de desenvolver. Muitas atividades incluíram jogos de oralidade e de escrita criativa.

Juan Prado O prolongamento do 3.º período resultou num certo cansaço e, por isso, foram implementadas atividades mais lúdicas, como os *quizzes*.

Andreia Salvado Gostaria de destacar a comunicação em francês através do grupo de *WhatsApp* com sugestões culturais e musicais. Criou-se também uma animação em vídeo com desenhos e mensagens de esperança subordinadas ao tema 'tout ira bien'.

Marta Arrais Grande desafio! Os recursos tecnológicos que associamos às nossas práticas letivas acabaram por facilitar e contribuir para diversificar os exercícios e tarefas pedidas. Além de todas as tarefas mais formais, os alunos também tiveram oportunidade para explorar recursos autonomamente (ou em conjunto com os encarregados de educação no caso dos alunos mais novos), de forma a personalizar e adequar o processo de ensino aprendizagem às suas características. Não podemos deixar de salientar também a importância de dar oportunidade aos alunos para que expressassem os seus sentimentos e emoções.

Maria João Godinho e Paula Gouveia Estimular os alunos e a sua criatividade ao longo deste período foi talvez a tarefa mais exigente deste processo. Houve que manter um contacto constante e o mais próximo possível dos alunos, dando-lhes sempre *feedback* das suas tarefas e preocupando-nos em valorizar tudo o que era feito. Estarmos atentas, disponíveis, permeáveis e conscientes para com os nossos alunos não é trabalho fácil nestas circunstâncias, mas é trabalho imperioso e, no final, acaba por revelar proveito para ambas as partes.

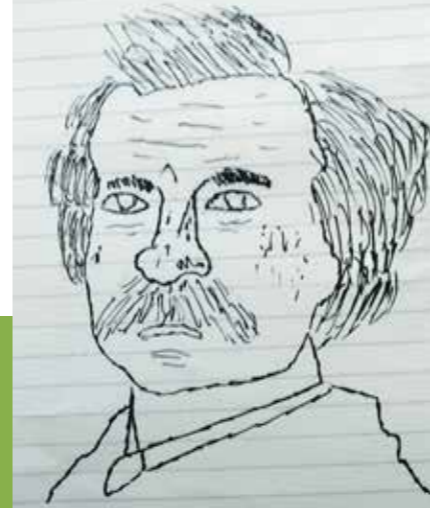
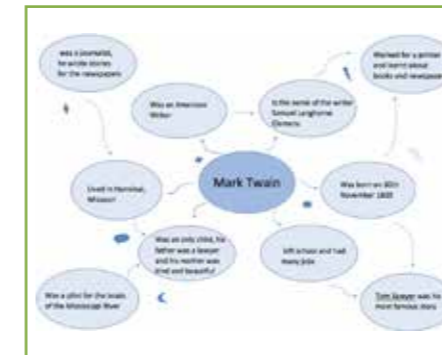


Ilustração de Mark Twain.
Tiago Piedade 7.º B



Mind map. **Mafalda 7.º C**

What does coronavirus mean for climate change?

Lockdowns and distancing won't save the world from global warming. But amid this crisis, we have chance to build a better future.

Beatriz Garcia e Maria do Mar Ferreira 8.º C



Mind map. **Sofia Andrade 7.º C**

Atividades de leitura extensiva e textos de opinião na aula de Inglês

Margarida Marques e Patrícia Mendes Professoras de Inglês

"Thinking together so we can act together to make the futures we want"

UNESCO

Os alunos do 7.º ano de escolaridade foram desafiados a fazer várias atividades a propósito da leitura extensiva do livro *The Adventures of Tom Sawyer*, de Mark Twain, como, por exemplo: recensão crítica, escrita criativa e elaboração de um mapa da história/mind map.

Her blue eyes shine like the sea and her yellow hair glows like the sun-description of Becky Thatcher.

Vera Paixão e Sofia Varandas 7.º A

Por sua vez, os alunos do 8.º ano de escolaridade foram desafiados a pesquisar os canais da BBC no âmbito do desenvolvimento do tema dos *mass media*.

Criaram manchetes ou pequenas crónicas da sua autoria, procurando ir ao encontro da atualidade nacional ou internacional. Ficam aqui alguns exemplos:

BBC News and BBC 2 are the most interesting channels as they give you a perspective of the latest news all over the world, especially if you are stuck at home. You can watch documentaries about wildlife.

Mateus Andrade 8.º A

I prefer BBC 3 because of its comedies and dramas. Its target audience is young people!

Sofia Falcão 8.º A

I believe that our "normal" is our present and not our past. Our past was being outside, meeting family and friends while right now we have to stay at home to help and protect our community.

Madalena Ramos 8.º D

What I value the most during the quarantine is to be able to spend more time with my family.

Simão Mendes 8.º D

Every man is
GUILTY
of all the good he did not do.

Do programa da disciplina de Inglês do Ensino Secundário faz parte o estudo e a produção de texto argumentativo. O texto argumentativo realiza-se por excelência na presença de ouvintes. Assim, as Professoras de Inglês procuram que os alunos tenham um palco para exponenciar esta atividade didática.

Deste modo, realizámos sessões de turma, em que os oradores se submetiam à apreciação pelos seus pares e pela professora. Os nossos alunos revelaram grande maturidade e problematizaram temas muito relevantes e atuais como: energia nuclear, religião, economia limpa, direitos das mulheres, redes sociais, marketing, saúde mental, condições de trabalho, inteligência artificial...

Nos anos anteriores seguia-se uma sessão de escola realizada no auditório perante uma audiência que incluía todos os alunos do 10.º e do 11.º anos e a avaliação de um painel de jurados que incluía os alunos oradores vencedores do ano anterior e alguns professores.

Os excertos que se seguem ilustram estes trabalhos dos alunos do 11.º ano. O princípio orientador proposto este ano foi ilustrado pela frase de Voltaire: *Every man is guilty of all the good he did not do.*

The Rise of Corporations

The society we live in depends greatly on our need for constant entertainment and instant gratification, which is opening the way for the rise of corporations and all that encompasses. Right now, our privacy is being violated, our data collected by companies and used to profile the market. We gave the already powerful the raw power that is to know what to expect, to be able to predict people's reactions, and all we asked for in return was blissful ignorance. **Beatriz Abreu 11.º 1A**

The Price of the Silence

What many don't realize is that there's a cost for all the shame and silence that we choose to pursue. And if the topic of menstruation isn't addressed, women and girls will not be provided with the confidence and dignity that every human being deserves to live and thrive. Every single one of you, you can help these women by speaking about the importance of periods as a matter of providing their basic needs. **Inês Galvão 11.º 1A**

Religion

Of course, others may argue that the money earned by selling 1000€ Holly Saint statues to distracted

tourists is totally honest and designed to help the poor and the unprivileged, but, from where I stand, it is clear that huge churches covered in gold do not resemble the spirit of helping others. **Duarte José 11.º 1A**

Abortion

And shockingly making abortion illegal does not reduce the number of abortions taking place. Instead, it often drives women into the hands of black-market abortionists, who perform illegal and unsafe operations." said by debatingeurope.eu. What's going to happen if nothing changes and abortion is still not legalized is more women are going to die! Politicians should be the first to take a step forward and legalize abortion, if not, they will be guilty for the deaths of many women and every man is guilty for the good he didn't do. **Inês Caldeira 11.º 1B**

Euthanasia

Can someone that has spent all his days living the most outstanding adventures and travelling around the world consider to be laid on a hospital bed, without the ability to move, being alive? I don't think so. I think that living is not only to be able to feel, to think and to love but also to create a

book of memories that make us feel fulfilled. More than being able to breath you should be able to laugh and that won't happen if life stops having a meaning for you. **Francisca Luís 11.º 1B**

Consumption

I find it hard to believe that people are in favour of watching their fellow humans in this type of situations, but we are selfish, we don't care about the others if it implicates changing our lifestyle or habits even for a slight bit. Voltaire once said that "Every man is guilty of all the good he did not do" and it's quite accurate at this moment, after all, why can't we think about the millions of children and adults that are being forced to do their work with nothing in return just so we can feed our addiction? **Lourenço Centeno 11.º 2**

Music

Moreover, music can be crucial in turning one's life around. An example of this is Michael Balzary, better known as "Flea", often considered one of the world's best bass players. His childhood was incredibly tough, especially due to his stepfather's drinking problem, and Flea himself states that learning an instrument is what saved him from a truly miserable life. Had he not learned the trumpet, Flea would have probably resorted to selling drugs, paving the path for a lifetime of petty crimes and both financial and physical hardship. Instead, he went on to play bass for the Red Hot Chili Peppers, selling over 80 million records since they started playing in 1983. **Francisco Neves 11.º 2**

Empathy

It all begins with empathy- empathy -the ability to understand and care about how other people feel, a fundamental aspect of humanity. And sometimes, I don't think people quite know how important this word is. As Daniel H. Pink, a New York Times best-selling author on books about human behavior, said "Empathy is about standing in someone else's shoes, feeling with his or her heart, seeing with his or her eyes. Not only is empathy hard to outsource and automate, but it makes the world a better place." But how is such a feeling like empathy important, especially in the times we live in, for our society and why do we need it so much? **Marta Maurício 11.º 2**

Adoption by same-sex couples

At last, you need to understand that homosexuality isn't a cultural question, you can't learn it or be it by influence. Did you realize that children adopted by the same sex couples won't, most likely, have any preconception about that type of relationship, just like many heterosexuals doesn't have it anymore? And that most of the homosexuals are sons and daughters of heterosexuals' parents? **Francisca Leite 11.º 4**

Nuclear Energy

Most of you have already heard a thing or two about nuclear energy, maybe some of you even have an opinion on the subject. I have mine, the right one, and that is: we should go nuclear. (...) this controversy around nuclear energy is caused by a big misunderstanding of how it works, how it affects the environment and the dangers regarding radiation and nuclear accidents. **Diogo Camargo 11.º 3**

Freedom of the Press

Wouldn't it be ridiculous if a journalist was criminally charged for revealing decisive acts of judicial corruption? If Glenn Greenwald's allegations are true, that's exactly what happened in Brazil on the 21st of January when Glenn Greenwald was charged with allegedly helping hackers who accessed cell phone messages between prosecutor Deltan Dallagnol and Sergio Moro, who is currently President Bolsonaro's Minister of Justice and Public Security and was a judge at the time of the conversations. These messages, which have been published progressively since June 2019, reveal alleged collaboration between Moro and Dallagnol as, respectively, the judge and the prosecutor responsible for the controversial corruption case against former Brazilian President Lula. **Fernando Fonseca 11.º 3**



EM DESTAQUE **Um ano atípico!**

Vanessa Freitas, Maria João Craveiro Lopes e Teresa Silva Professoras de Expressão e Educação Musical

O início do ano letivo decorreu com a normalidade habitual, ansiosos por começar mais um ciclo sempre renovado. Mal sabíamos que a renovação seria, afinal, reinvenção...

No dia 1 de outubro, dia em que se comemora a Música como arte e linguagem universal, partilhámos, no Colégio, a música de diferentes formas e com variadas apresentações. O Ensemble de Trompas do Conservatório d'Artes de Loures criou momentos de pura magia entre os mais novos. Houve ainda espaço para que os professores, funcionários e alunos se reunissem para cantar e tocar dentro de um espírito de partilha entre gerações.

No dia 31 de outubro, os alunos do 2.º ano, nas disciplinas de Inglês e Educação Musical, organizaram uma história musical dedicada à temática do "Halloween". Foi um momento de encantamento com uma encenação participada e divertida.

Como é tradição, o Concerto de Natal aconteceu no dia 11 de dezembro e foi marcado pelas bonitas interpretações dos nossos alunos de diversos grupos corais e instrumentais de vários níveis etários, também por esta altura, no dia da Reunião de pais, organizou-se, com alunos do 4.º Ano, uma pequena apresentação de Canções de Natal.

O Concerto de Natal estendeu-se até um Lar de Idosos onde oferecemos, não só as nossas canções, mas cartões personalizados com palavras de ternura e conforto.

No dia 7 de janeiro, saímos das nossas salas e percorremos o Colégio, tocando e cantando cânticos tradicionais, cumprindo-se, em mais um ano, esta tradição.

O tão aguardado Concerto Solidário aconteceu no dia 19 de fevereiro e primou pela união e partilha de ideias entre os vários intervenientes. O objetivo era comum: angariar bens para apoiar a Associação de Assistência Social e Evangélica de Marvila.

A nossa convidada foi a compositora e guitarrista Luísa Amaro que apresentou excertos do seu último CD "Mar Magalhães". Luísa Amaro, além de nossa artista convidada, foi também, a "ponte" para a atuação dos nossos alunos.

No dia 9 de março, iniciava-se a Semana da Música, mas não imaginávamos ainda que esta iria ser interrompida.

Entre concertos e mostras de talento, entre aulas especiais e dedicadas à arte da Música, pairava a inquietude de realizar os espetáculos, estando mais cautelosos e optando por realizar as atividades ao ar livre. Pouco depois, os concursos foram interrompidos, os concertos cancelados, devido às circunstâncias que se conhecem e já se adivinhavam.

Dia 16 de março foi a data em que o Colégio deixou de ter alunos de forma presencial. Cada um a seu modo sentiu a incerteza e a ansiedade do que estava para chegar.



Dia Mundial da Música. Concerto com o Ensemble de Trompas do Conservatório d'Artes de Loures.



"Nesta altura tão especial que todos vivemos, as aulas de Expressão e Educação Musical a distância têm sido muito importantes para os meus dois filhos mais novos,

A condução das aulas é feita com alegria, emoção, grande rigor e atenção ao detalhe. Promove o ensino criativo, apela constantemente à intervenção e participação dos alunos, tanto nas aulas síncronas, como nas assíncronas. Nestas últimas, através de vídeos muito apelativos e desafiantes (...) Não é de estranhar que as aulas de Expressão e Educação Musical sejam das preferidas pelos dois."

Filipa Abrantes,
Encarregada de Educação

"Estes últimos 2 meses e meio foram uma experiência única com as aulas de Música Online. O António e a Mãe, participaram muito bem nas aulas e também utilizaram instrumentos musicais. Parabéns, as aulas foram muito produtivas!"

Patrícia Rangel de Lima Moreira,
Encarregada de Educação

"As aulas de música são muito divertidas! Gostei muito de ver e ouvir a professora no vídeo que ela fez para nós, logo nos primeiros dias. E gosto muito dos vídeos que vemos durante as aulas zoom para praticar. Treinámos flauta, conhecemos a História da Música. Às vezes, treinamos músicas sobre os Reis e assim também aprendemos História, enquanto cantamos."

Santiago Becker 4.º A

Mais do que nunca o nosso alicerce foi confiarmos no nosso Colégio e arranjar força para tudo reestruturar num curtíssimo espaço de tempo. As formações de professores foram importantes e ainda o empenho das várias equipas em ter brio nos reajustes necessários.

Como em qualquer prática pedagógica de ensino a distância (E@D), foi necessário readaptar estratégias e reinventar formas de envolver os alunos de modo ativa em disciplinas essencialmente práticas.

O centro é o aluno, mas o papel do professor "virtual" é fulcral para que os conteúdos se desenvolvam com qualidade e assertividade. O professor de Artes é o "mediador" que incentiva à participação, curiosidade, investigação e reflexão.

Como afirma Guimarães (2011), "Um professor que se importa com o aprendiz é mais apreciado na E@D que um detentor notório de conhecimentos, mas que não é capaz de se relacionar com o aluno."

Foi uma preocupação comum entre os vários ciclos que a Música não constituísse apenas a participação passiva do aluno, mas o incentivo ao "fazer fazendo", sempre com desafios que exigiram muita pesquisa e se foram avaliando ao longo deste tempo.

Várias investigações demonstram que existem quatro aspetos essenciais a ter em conta:

- A adaptação aos novos ambientes de aprendizagem (neste caso de início ao Moodle e Zoom, e depois ao Classroom com apoio do Zoom).
- A promoção constante e o incentivo à autonomia do aluno.
- A relação e interação entre professor/aluno.
- A qualidade do Material didático disponibilizado.

Passando assim por uma adaptação repentina aos novos ambientes virtuais constatámos virtualidades e fragilidades no que diz respeito à Educação Musical. Uma delas foi a impossibilidade de cantar em coro e de tocar instrumentos musicais coletivamente! Foi, e continua a ser, uma aventura diária que nos incentiva a procurar alternativas e a adequar estratégias.

No entanto, tem sido admirável assistir ao entusiasmo dos nossos alunos, com a receção de vídeos de momentos musicais individuais ou em família, tendo o privilégio de conhecer, assim, particularidades de alunos que, inseridos nas turmas habituais, poderiam não ter espaço para se mostrar e expressar deste modo.



EM DESTAQUE

Um ginásio em casa

Elsa Braz e Nuno Galvão Professores de Educação Física

O modelo “Valsassina em Casa” trouxe a toda a comunidade escolar, professores, alunos e pais, desafios inimagináveis. Na área da atividade física o desafio foi a dobrar, tivemos de nos reinventar. Por um lado, precisámos de nos adaptar, de um dia para o outro, a uma forma de ensino que desconhecíamos e recorrer a ferramentas tecnológicas que não dominávamos. Por outro, sabíamos que confinados às nossas casas e associada a natural necessidade de movimento que as crianças possuem, a atividade física ganhava ainda maior importância para combater o sedentarismo e promover a saúde, o bem-estar físico e psicológico, a par do desenvolvimento motor, aspetos incluídos nos princípios pedagógicos da Educação Física.

Somos professores de uma disciplina transversal a todos os ciclos de ensino, e tendo cada escalão etário características muito próprias, o ensino à distância precisou de as salvaguardar em sintonia com os nossos princípios pedagógicos. Para as crianças mais novas, a nossa abordagem centrou-se na coordenação motora geral, e com o avançar da idade, a preocupação do trabalho foi-se progressivamente direcionando para a condição física.

Para fazer face a este novo desafio, cada um de nós precisou de criar um ginásio em casa, um espaço onde fosse possível realizar uma atividade física consistente. Ao mudar da escola para casa, deixámos de dispor de espaços amplos e do material habitual, para cada aluno possuir o seu próprio “ginásio”, usando objetos que facilmente existem em qualquer lar. Trocámos bolas, colchões, alteres, bastões e outros, por rolos de papel higiénico, toalhas, vassouras, almofadas e tudo o que a nossa imaginação ditava.

Mas como operacionalizar e conciliar todas estas necessidades, limitações e objetivos pedagógicos inerentes à Educação Física e ao processo de ensino-aprendizagem?

Decidimos que dos dois momentos letivos semanais atribuídos à disciplina, um seria realizado de forma síncrona, de preferência, o primeiro, e o outro, em modelo assíncrono, privilegiando o trabalho autónomo. Assim, podíamos em direto com os alunos apresentar e explicar as tarefas da semana, possibilitando o esclarecimento de dúvidas e correção da execução dos exercícios, para que depois pudessem replicá-los.

Procurámos também disponibilizar, como suporte a cada aula, um PowerPoint (PPT), com a descrição das tarefas e imagens e vídeos, que possibilitassem a ilustração/demonstração daquilo que pretendíamos. Conseguíamos desta forma conduzir a aula com recurso à partilha da tela no Zoom e, no dia da aula assíncrona, os alunos ficavam com uma ferramenta que lhes permitia fazer o mesmo, seguindo os passos descritos no PPT. Ao longo das semanas, verificámos que havia alunos que imprimiam a informação disponibilizada. Passámos então a fazer acompanhar cada PPT de um ficheiro Word, para facilitar a impressão dos materiais de suporte à aula.

Fomos ao longo das semanas ajustando todo o processo. Aquilo



UM GINÁSIO EM CASA

Educação

Física

3º Período



COLÉGIO
VALSASSINA
em casa

EDUCAÇÃO
FÍSICA

CONDIÇÃO FÍSICA
COM
CADEIRA



COLÉGIO
VALSASSINA
em casa

que no início demorava horas intermináveis a preparar, quer pela incerteza da eficácia, quer pelo menor domínio dos vários recursos disponíveis, passou a acontecer de forma mais natural e rápida. No entanto, algumas dificuldades persistem. Destacamos duas: a primeira diz respeito às limitações do espaço e material que condicionam as propostas de trabalho. O “ginásio” em casa não é o ginásio da escola ou a quinta do Valsassina; a outra prendeu-se com o facto de haver alunos que persistiam em realizar as aulas com a câmara desligada, impossibilitando o acompanhamento à execução dos exercícios.

O balanço foi, no entanto, bastante positivo. Tivemos uma boa adesão e um desempenho positivo dos alunos ao longo de todo o processo. A maioria respondeu como seria de esperar, dando continuidade ao trabalho realizado presencialmente, mas vários surpreenderam-nos positivamente.

Não é demais dizer, ajudar a criar um “ginásio” em casa valeu a pena, foi desafiador, mas gratificante. No entanto, nós não nos formámos para estarmos sozinhos neste processo de ensino, formámo-nos para colaborar com os nossos alunos, contribuindo para a sua evolução e sentindo o seu crescimento. Vermo-nos privados do contacto humano foi o mais difícil de ultrapassar.

“... confinados às nossas casas e associada a natural necessidade de movimento que as crianças possuem, a atividade física ganhava ainda maior importância para combater o sedentarismo e promover a saúde, o bem-estar físico e psicológico, a par do desenvolvimento motor, aspetos incluídos nos princípios pedagógicos da Educação Física.”

Estudar e aprender em tempos de pandemia

Isabel Carvalho, Encarregada de educação | João Cordeiro, Aluno

Neste tempo que estamos a atravessar, os alunos e os professores têm pela frente um desafio de aprendizagem de novos métodos de trabalho.

O esforço extraordinário dos professores, o seu empenho e dedicação no ensino aos alunos têm superado todos os obstáculos, obstáculos que esta pandemia criou e que foram impostos a todos. Têm sido momentos de aprendizagem, que nos permitem pensar e avaliar o ensino não presencial. Tendo sempre presente o “Valsassina em casa” é gratificante, pois permitiu-nos encontrar novas

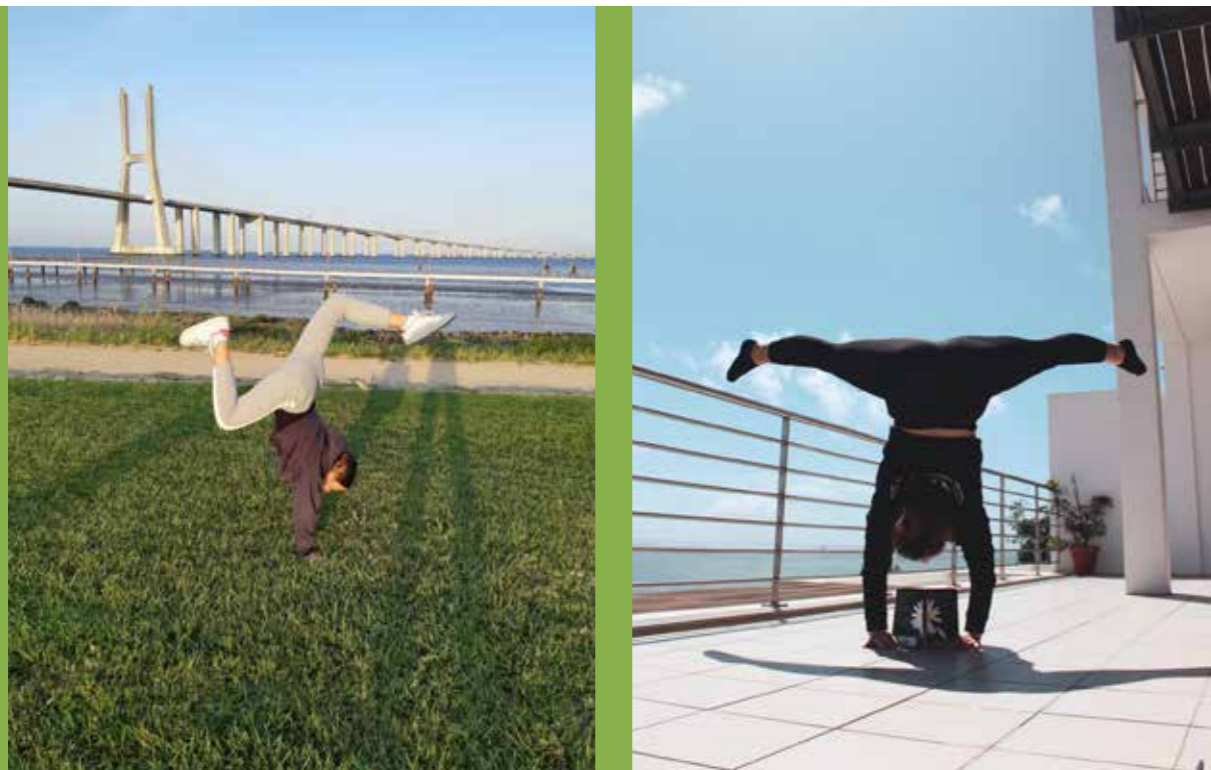
formas de estudo e de acompanhamento. Nestes tempos de E@D, foi possível aperfeiçoar a escrita e a leitura.

Não podemos esquecer o papel fundamental do seio familiar, a família no seu espaço, a escola no seu espaço, mas a trabalhar todos em conjunto.

Assim sendo, a comunicação entre os professores e os alunos nestes tempos é de louvar e o trabalho que fazem em conjunto proporciona aos alunos novas formas de aprender, educando os jovens de hoje, fazendo os homens de amanhã.

EM DESTAQUE Inovar através do ensino a distância – Ativando e Crescendo

Equipa Healthy and Active



“... condicionados e com menos espaço, continuam-se a trabalhar sequências e esquemas, apelando também à criatividade”.

Em contexto de isolamento social motivado pela pandemia de COVID-19 e face à incerteza da data do reencontro, os treinadores responsáveis pela dinamização dos desportos coletivos, futebol, voleibol, ginástica e hip-hop, resolveram dar continuidade ao trabalho desenvolvido até então, propondo um conjunto de atividades de uma forma que podemos considerar inovadora. Com efeito, tornou-se necessário introduzir no processo de treino profundas adaptações, adaptações estas que têm representado um desafio para todos, uma vez que eles passaram a ser ministrados à distância. Um tempo de exceção, que requer medidas de exceção.

Assim, tendo consciência de que as atividades não presenciais comprometem as metas inicialmente previstas, procurou-se com esta metodologia que os alunos atingissem os seguintes objetivos:

- manterem-se ativos, física e mentalmente;
- continuarem a crescer como pessoas, física e tecnicamente;
- fortalecerem o espírito de equipa/grupo e os laços familiares;
- trabalharem a autodisciplina e a responsabilidade.

O ensino a distância é inovador. Porquê?

Porque se pretende atingir objetivos através de um método, que contradiz o paradigma e a prática utilizada na filosofia e na metodologia de treino, senão vejamos:

- a) Os exercícios são fundamentalmente individuais. Nos treinos fazemo-los em equipa/grupo(s);
- b) As atividades foram adaptadas para serem realizadas em espaços reduzidos que acreditamos que todas as famílias tenham disponíveis, ou que possam criar para exercício físico regular, procurando-se evitar exercícios que prejudiquem o ambiente familiar;
- c) Nos jogos desportivos coletivos são propostas habilidades sem bola, enquanto, nos treinos, esta nunca é dispensada;
- d) No que diz respeito à ginástica e ao hip-hop, recorreu-se ao desenvolvimento do ritmo, sem esquecer a flexibilidade, a condição física e a alguns elementos gímnicos. Apesar de condicionados e com menos espaço, continuam-se a trabalhar sequências e esquemas, apelando também à criatividade;
- e) Os treinos deixaram de contar com a presença física do(s) treinador(es) para ensinar, explicar, corrigir, motivar, traçar objetivos e muitas vezes disciplinar, pelo que os alunos terão de apelar à sua autodisciplina e concentração;
- f) Uma vez que não há “competição/exibição”, tenta-se encontrar motivação para competirmos “contra nós próprios”;
- g) Os alunos estão a treinar individualmente, mas não estão sós, pois contam com o apoio dos treinadores e da família que, à semelhança da equipa, impele e ajuda na consecução dos objetivos e a ultrapassar desafios.

Passadas várias semanas após o início deste modelo de ensino, é oportuno fazer um balanço. Sendo que a atividade desenvolvida nunca tinha sido realizada nestes moldes, surgiram alguns constrangimentos que têm vindo a ser ultrapassados, com base no feedback recolhido dos alunos e encarregados de educação e na análise interna do grupo de treinadores.

As expectativas têm sido superadas, denotando-se um empenho por parte da maioria dos alunos na tentativa de cumprirem os desafios que lhes vão sendo propostos.

Este período, a que ainda nos estamos a adaptar, proporcionou a todos um momento de reflexão e uma oportunidade de crescimento pessoal que é importante aproveitar, tornando esta experiência muito gratificante e enriquecedora.



EDUCAR PARA a criatividade e empreendedorismo

Alunos do Colégio Valsassina vencem a 4.ª Edição do Concurso de Sardinhas PSP-EGEAC 2020

O Concurso “Sardinhas PSP/EGEAC 2020” é um concurso inserido na temática das Festas de Lisboa 2020 e tem como principal objetivo difundir conselhos de segurança e prevenção criminal a todos os lisboetas e visitantes que participam nas referidas festas populares, pretendendo simultaneamente envolver e estimular o público mais jovem, do Ensino Básico e Secundário, bem como da população sénior, nas iniciativas desenvolvidas pela PSP que concernem à segurança pública.

As sardinhas vencedoras integraram as Festas de Lisboa 2020 a par das restantes sardinhas anualmente desenvolvidas pela EGEAC.

Foram escolhidas três sardinhas (por grupo) sendo as vencedoras de cada grupo impressas e distribuídas pela PSP.

- No Grupo 1, destinado a alunos do Ensino Básico, a sardinha apresentada pela aluna **Flor Ferreira**, do 4.º ano, Turma B, ficou classificada em **1.º lugar**.
- No Grupo 2, destinado a alunos do Ensino Secundário, duas das sardinhas apresentadas por alunos do 12.º Ano, Turma 4 (Curso de Artes Visuais), foram premiadas. O aluno **Rodrigo Barrote** venceu o **1.º lugar** e a aluna **Ana Rita Biscaia** o **3.º lugar**.

“Foi uma honra, das duas vezes que concorri, ter sido premiado pelo meu empenho.”

Rodrigo Barrote 12.º 4

“Senti-me muito orgulhosa quando soube que o meu trabalho foi reconhecido.”

Ana Rita Biscaia 12.º 4

“Estou muito feliz pelo 1.º lugar no concurso das “Sardinhas”. Desfrutei muito enquanto fazia a sardinha com o apoio da minha mãe. Estou muito grata por ter participado neste concurso”.

Flor Ferreira 4.º B



Flor Ferreira - 1.º prémio - GRUPO 1 - Ensino Básico



Rodrigo Barrote - 1.º prémio - GRUPO 2 - Ensino Secundário



Ana Biscaia - 3.º prémio - GRUPO 2 - Ensino Secundário

O nosso processo de trabalho foi bastante semelhante, ambos nos inspirámos parcialmente nos nossos trabalhos de anos anteriores, pois o tema do concurso era o mesmo (difundir conselhos de segurança e prevenção criminal). Embora a nossa inspiração tenha sido praticamente idêntica, o nosso método de trabalho foi definitivamente diferente.

O **Rodrigo** aventurou-se pela primeira vez no mundo da arte digital, no que respeita a trabalhos para concursos, e eu (**Ana Rita**) experimentei uma junção de desenho manual (as figuras) e digital (a pintura).

Ao realizarmos este trabalho, tentámos transmitir uma ideia de segurança e competência por parte da polícia, e ambos estamos bastante satisfeitos com o resultado.

Rodrigo Barrote 12.º A e Ana Biscaia 12.º 4



Chegar tão longe num concurso foi uma experiência diferente e desafiadora que puxou pela nossa criatividade e empenho, ao mesmo tempo que nos obrigou a trabalhar bastante. Podemos dizer garantidamente que nos divertimos imenso, não só na final, bem como ao longo de todo o processo de conceção e caracterização da aplicação "LifeUp: cuidar do mundo". Poder ser ouvidas por um júri constituído por pessoas tão importantes e receber um feedback positivo foi algo que nos motivou para continuar, num futuro pós-exames, com o nosso projeto. Foi uma honra termos ficado em 2.º lugar e ouvir tantos participantes com ideias igualmente boas, pelo que temos de agradecer ao nosso professor de Aplicações Informáticas, José Rainho, pela oportunidade e por todo o apoio prestado.

Maria Inês Lopes e Catarina Cruz 12.º 1A

Concurso AppLica-Te: alunas do Colégio conquistam segundo lugar nacional

José Rainho Professor de informática

Estão de parabéns as alunas **Maria Inês Lopes** e **Catarina Cruz**, da turma 12.º 1A, que alcançaram o segundo lugar a nível nacional no concurso AppLica-Te, organizado pela Nova IMS.

Os alunos de Aplicações Informáticas tiveram a oportunidade de participar neste interessante concurso, tendo desenvolvido, durante as aulas da disciplina, as suas ideias para aplicações para smartphone que contribuam para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável enunciados pela Organização das Nações Unidas. Foram recebidas pela organização do concurso AppLica-Te várias dezenas de propostas de todo o país. Destas, apenas 5 foram apuradas para a final, que se realizou no dia 5 de junho. Eis a ideia das nossas alunas, premiada com o segundo lugar a nível nacional.

LifeUp - Cuidar do Mundo

A maior parte das pessoas não sabe exatamente o quão sustentável é o estilo de vida que leva a cabo, nem de que formas concretas o pode melhorar. Para ajudar todos a começar essa alteração nos seus caminhos, a aplicação LiveUp recorre a um questionário que engloba perguntas de escolha múltipla e de inserção de dados, de modo a averiguar em que patamar é que o utilizador se encontra e indicar quais as medidas mais apropriadas para efetuar uma transição adequada para o futuro. Ao mesmo tempo, o utilizador poderá, através da aplicação, encontrar negócios locais aos quais poderá adquirir bens e serviços, devidamente selecionados pela LifeUp para o ajudarem nesse sentido. Os custos operacionais da aplicação seriam financiados por esses mesmos negócios locais, que assim atingirão clientes que, provavelmente, nunca teriam sabido sequer da sua existência. Com a aplicação LifeUp, reconhecemos que cada indivíduo é único, que nos encontramos em contextos geo e socioculturais diferentes, e que por isso precisamos de um apoio personalizado, não apenas numa determinada vertente da sustentabilidade, mas em todas elas, contribuindo também, com recurso à publicidade, para o desenvolvimento de negócios locais sustentáveis.



EDUCAR Finalistas 12.º ano, 2019/2020

Chegou ao fim o ano letivo 2019/2020 e este grupo de finalistas foi desafiado a marcar este momento com um livro especial: uma coletânea de textos dos 90 alunos que terminam o 12.º ano. O livro pretende guardar em memória o percurso de cada um no Colégio, mostrar o que destacam das suas aprendizagens, dos valores consolidados, da relação com os colegas, da relação com os professores e funcionários, do que significa para cada um ser um aluno Valsassina.

Do conjunto destes textos ficou evidente a energia, a maturidade, a união, a amizade e a alegria que caracterizam este grupo que é, afinal, mais do que a soma de 90 alunos.

Não podendo aqui publicar todos os textos (e nem todos os excertos que gostaríamos), deixamos alguns e o convite a ler o *Livro de Finalistas 2019/2020*.



12.º 1A



“Em setembro de 2016, saí de casa com as malas cheias. Levava roupas, documentos e, principalmente, inseguranças. Atravessei o Atlântico e aterrei

numa Quinta. Felizmente, a Quinta das Teresinhas não tinha apenas um Colégio. Tinha uma casa. O Valsassina tornou a minha nova realidade um sonho. Aqui, aprendi imenso e conheci pessoas que mudaram a minha vida. (...) A memória pela qual tenho mais carinho foi no jantar de finalistas do 9.º ano, onde havia cartas coladas numa parede com o nome de cada aluno, para que as pessoas deixassem pequenas mensagens. Ao longe, eu achava que a minha estava vazia. Fiquei muito comovido quando, antes de ir para casa, vi a minha cartinha cheia de papéis, que guardo até hoje. Senti uma enorme felicidade e um pequeno suor nos olhos quando li o que lá estava escrito.”

Fabio Studart 12.º 1A

“Este Colégio tornou-se no meu dicionário vital. Quando o abro, encontro o significado de Amizade, Amor; encontro o significado de Conexões, ligações tão próximas, que esta casa permitiu que estabelecêssemos com alguns dos nossos pares e que, decerto, nos acompanharão ao longo da vida; encontro o significado de Felicidade, palavra sinónima das manhãs frias sob o calor que o conforto da presença dos meus amigos sempre proporcionou, dos almoços no bar onde a balbúrdia encontra a sua habitação, ou mesmo das aulas onde analisámos poemas de Ricardo Reis; e, sobretudo, encontro o significado de Identidade: porque, apesar de aprendizagens que me constituíram numa cidadã consciente, o Valsassina permitiu a minha distinção, através das consequências derivadas de diversos elementos. Entre estes, os quatro anos na equipa de voleibol do Colégio, onde adquiri espírito de equipa, de liderança, e a realização de um discurso no âmbito da disciplina de Inglês acerca da valorização do nosso corpo aos meus colegas do secundário, que proporcionou o desaparecimento do meu receio de comunicar em público e desenhou um traço extrovertido na minha personalidade, revelam-se como os mais marcantes.”

Catarina Ferreira 12.º 1A

12.º 1B



“No meu texto, não posso não falar nas inúmeras iniciativas para apoiar o próximo em que o Colégio nos incentivou a participar, quer fosse doar comida e roupa ou ajudar no

Banco Alimentar, oferecer materiais escolares ou dar explicações a crianças que precisam de ajuda e que não conseguem tê-la. Esta escola sempre nos incentivou a ajudar o próximo, e isto não só ajuda quem precisa como também nos permite crescer como indivíduos. Nesta escola eu cresci, não só em altura e idade, mas também como pessoa. Só vos posso agradecer por ser quem sou.”

Ricardo Conchinha 12.º 1B

“Cheguei a este Colégio (há três anos) com uma amiga de sempre e saí com uma família de companheiros para a vida. Sinto que fui adotada, acolhida por um novo mundo que me recebeu de braços abertos e que me ofereceu um lugar à mesa, como se este tivesse estado sempre guardado para mim. A maior parte desta nova família tinha crescido aqui, muitos deles filhos e netos de antigos alunos. Não era o meu caso. Vinha de uma escola pequena e lembro-me do entusiasmo e nervosismo quando passei os portões do colégio pela primeira vez, dos cheiros, do verde. Ia para o 10.º ano e faltava tanto para o final do secundário. Só que o tempo mal nos deixa respirar e, agora, a meta está tão perto. Já conheço os cantos e recantos, deixei de ser uma estranha. Para trás fica muito trabalho, muitas noites sem dormir, muitos nervos e ansiedade, muito cansaço, lágrimas, suspiros de alívio, algumas derrotas, muitas vitórias.”

Beatriz Palma 12.º 1B

12.º 2



“Foram 15 anos a entrar pelo grande portão verde, agora com torniquetes, do “Jardinzinho banhado de Luz”. Nos primeiros

anos entrava de mão dada com os meus pais, depois com o meu irmão e nos últimos anos com os meus amigos.

Lembro, com carinho, o primeiro Carnaval ou o dia em que a Lista da qual fiz parte venceu a Associação de Estudantes. Nos anos em que andei na infantil, chegava a casa a cheirar a Eucalipto, com os bolsos do bibe quase

a rasgarem porque vinham recheados de “cheirinhos” e com as mãozinhas pegajosas de brincar com estes.”

Maria Braga 12.º 2

“Com os professores, funcionários e colegas aprendi que na vida é fundamental o respeito pelo outro e pelo mundo. Que sempre que caímos alguém nos ajuda a levantar, tal como nós ajudamos a levantar quem cai. A organizar e a criar métodos de estudo, aprendi o valor do trabalho, do esforço, pois só assim poderemos obter sucesso na nossa vida. Neste momento, como finalista levo o coração cheio de experiências que me definem, de amigos para a vida, de memórias, de fotografias que fazem a minha história e que guardo com muito carinho.”

Maria Margarida Silva 12.º 2

12.º 3



“Nestes três anos, fui desafiado todos os dias a ir mais longe, a fazer mais e melhor, a participar em projetos de solidariedade, de cidadania, a levar

o nome do Colégio além portas, projetos que nos desafiam em várias áreas, que extrapolam a sala de aula e os manuais, que nos levam a aprender de novas formas, como o *Nós Propomos*, o *Parlamento dos Jovens*, entre outros. Do Valsassina, levo também amigos para a vida, disse que no primeiro dia de aulas o receio se transformou em à vontade e convívio, que o Valsassina é uma segunda casa, e para ser um lar, precisámos de conforto, amizade e companheirismo.”

Ricardo Esteves 12.º 3

“Nunca gostei de despedidas. Sempre me foi difícil dizer adeus a algo, sobretudo quando esse algo tem tanta importância para mim. Entrei neste Colégio com três anos e saí agora com os dezoito feitos. Podia começar por dizer que o melhor deste Colégio é a sua excelência e a sua competência, sendo que tudo isto é verdade, porém, para mim, o melhor é sem dúvida as pessoas que o constituem, seja os professores, ou os funcionários que, genuinamente, só querem o melhor para nós. Apesar de parecer irrelevante, é tão bom passar por pessoas que mesmo às oito e meia da manhã de uma segunda-feira nos dirigem um sorriso ou um “Bom-dia” animado, que nos perguntam como estamos e se preocupam conosco. Penso que foi muito importante crescer rodeada por pessoas que celebraram as minhas vitórias comigo e que me repreenderam quando errei.”

Catarina Marques 12.º 3

12.º 4



“Esta escola deu-me uma segunda família, um novo sentido de confiança, deu-me exatamente o que eu precisava. Vou ser muito sincera, tive de

parar de escrever este texto durante uns momentos, porque tinha umas lágrimas chatas a escorrer pelas bochechas até à minha camisola. Isto acontece sempre que relembro os sorrisos que vivi neste lugar e as memórias de tempos mais complicados que superei com a ajuda de colegas e até professores, embora duvide que estes o saibam. (...) Se me perguntarem o que significa ser um aluno Valsassina, sinceramente penso que se resume ao quanto nos importamos uns com os outros, colegas, pro-

fessores e funcionários. Resume-se aos laços formados entre todos nós, e aos momentos que partilhamos. Nós defendemo-nos uns aos outros e eu vou ter muitas saudades desta minha segunda casa.”

Ana Rita Biscaia 12.º 4

“E para os meus colegas do 12.º 4, se chegarem a ler isto, foi dos maiores prazeres que tive encontrar a minha voz artística ao vosso lado. De ultrapassar todos os obstáculos do secundário, todos os trabalhos, apresentações e testes, sempre juntos, a apoiarmo-nos. Espero ver-vos ter todo o sucesso e alcançar tudo o que querem, porque todos vocês o conseguem fazer. Foi fantástico partilhar todos os risos e lágrimas que partilhámos e passar estes anos ao vosso lado, e principalmente saber que o vamos continuar a fazer.

O Colégio e as suas pessoas vão para sempre estar no meu coração, independentemente de onde a vida me leve. E nada me deixa mais feliz.”

Mariana Reis 12.º 4

Quadro de Honra 2.º P 2019/2020

Do Quadro de Honra fazem parte os alunos que, no final de cada período, apresentem excelentes resultados escolares (média de 5 no Ensino Básico e de 17 valores no Ensino Secundário), quer no domínio curricular, quer no domínio dos complementos curriculares. Devem apresentar também um bom comportamento.

Número	Nome	Turma
5.º ANO		
5260	Daniel Marques	5.º A
5274	Miguel Zlotnikov	5.º A
5378	Sara Abrantes	5.º A
5671	Maria Ana Carvalho	5.º A
5276	Alex Xu	5.º B
5320	Joana Parreira	5.º B
6712	Teresa Raposeiro	5.º B
5279	Catarina Mestre	5.º C
5310	Matilde Pinto	5.º C
5462	Duarte Mendes	5.º C
5561	André Enes	5.º C
5724	Madalena Paiva e Silva	5.º C
5533	Verónica Li	5.º D
5712	Rodrigo Pissarra	5.º D
6.º ANO		
5091	Inês Quental	6.º A
5129	Leonor Santana	6.º A
5339	Madalena Cunha	6.º A
6375	Rita Braz	6.º A
5084	Vasco Martins	6.º B
5115	João Claudino	6.º B
5831	Vasco Isidoro	6.º B
5068	Tomás Mateus	6.º C
6460	Sofia Carvalho	6.º D
6508	Maria Rita Timóteo	6.º D
7.º ANO		
4896	Vera Paixão	7.º A
4907	Tomás Martins	7.º A
4926	Joana Resende	7.º A
4974	Sofia Varandas	7.º A
5003	Diogo Ferreira	7.º A
6212	Júlia Mateus	7.º A
6234	Benedita Fernandes	7.º A
6281	Carolina Cavaco	7.º A
6296	Marta Costa	7.º A
4947	Mariana Francisco	7.º B
4989	João Miguel Castro	7.º B
5385	Maria Gabriela Pastilha	7.º B
5458	Rita Amaral	7.º B
6214	Inês Dias	7.º B
6229	Luís Henriques	7.º B
6257	Tiago Piedade	7.º B
4905	Diogo Sousa	7.º C

Número	Nome	Turma
7.º ANO (continuação)		
6253	João Bota	7.º C
6277	Maria Rita Henriques	7.º C
6285	Ana Sofia Andrade	7.º C
6675	Mafalda Mesquita	7.º C
5013	Maria Inês Alves	7.º D
5043	Beatriz Mendes	7.º D
6231	Vera Cavalheiro	7.º D
6781	Maria Correia Ribeiro	7.º D
8.º ANO		
4814	Carolina Gomes	8.º A
4828	Ana Francisca Martins	8.º A
5144	Sofia Pereira	8.º A
5151	Xavier Videira	8.º A
5946	Inês Braz	8.º A
6117	Lara Gonçalves	8.º A
6792	Sofia Falcão	8.º A
4746	Rodrigo Carvalho	8.º B
4785	Mafalda Conceição	8.º B
4807	Maria Madalena Nunes	8.º B
5938	Rita Rodrigues	8.º B
5963	Raissa Rajabali	8.º B
6011	Ana Carolina dos Reis	8.º B
4750	Leonor Guerra	8.º C
5346	Maria do Mar Ferreira	8.º C
5461	Sara Pinheiro	8.º C
5992	Beatriz Garcia	8.º C
6371	Arthur Sampol	8.º C
4790	Pedro Silva	8.º D
5365	Chengxiang Xu	8.º D
9.º ANO		
4562	Ricardo Abrantes	9.º A
4585	Inês Paixão	9.º A
5054	Pedro Machado	9.º A
5158	Martim Carneiro	9.º A
5716	Nayir Rajabali	9.º A
4607	Guilherme Moreira	9.º B
4646	Pedro Saraiva	9.º B
5720	Jéssica Nunes	9.º B
6321	Pedro Martins	9.º B
6344	Margarida Nunes	9.º B
4775	Matilde Carvalho	9.º C
4943	Vicente Silva	9.º C
5347	Madalena Filipe	9.º C

Número	Nome	Turma
9.º ANO (continuação)		
6353	Carolina Pignatelli	9.º C
6387	Gonçalo Santos	9.º C
6750	Maria Inês Silva	9.º C
6758	Sara Hipólito	9.º C
4523	Beatriz Jansen	9.º D
4560	Madalena Santos	9.º D
4579	Leonor Aires	9.º D
4824	Tiago Silva	9.º D
5136	Catarina Paiva e Silva	9.º D
5756	Mafalda Pinho	9.º D
10.º ANO		
4330	Maria Saldanha Almeida	10.º 1A
4808	Inês Félix	10.º 1A
4950	Tomás Canas	10.º 1A
4961	André Matos	10.º 1A
5194	Inês Ribeiro	10.º 1A
5530	Pedro Ferreira	10.º 1A
5614	Miguel Henriques	10.º 1A
5701	Rita Simões	10.º 1A
6756	Joana Bicha	10.º 1A
6759	Inês Nunes	10.º 1A
6810	Madalena Viana	10.º 1A
4357	Dinis Silva	10.º 1B
4369	António Gameiro	10.º 1B
4370	Joana Monteiro	10.º 1B
4409	Manuel Nabais	10.º 1B
4425	Margarida Leite	10.º 1B
5517	Maria Madalena Pastilha	10.º 1B
5572	Vera Faria	10.º 1B
4401	Rafael Cruz	10.º 1C
4431	Gonçalo Abreu	10.º 1C
6156	Maria Teresa Correia	10.º 1C
6175	Constança Lourenço	10.º 1C
4371	Maria Leonor Vinagre	10.º 2
4427	Maria Teresa Coalho	10.º 2
5198	Maria Felner	10.º 2
5323	João Costa	10.º 2
5324	Beatriz Seoane	10.º 2
6742	Maria Gaspar	10.º 2
4400	Catarina Alves	10.º 3
4948	Marta Dias	10.º 3
5563	Helena Mendes	10.º 4
11.º ANO		
4234	Duarte São José	11.º 1A
4242	Sofia Simas	11.º 1A
4556	Vera Leal	11.º 1A
4591	Alexandre Leal	11.º 1A
4602	Bruno Mendes	11.º 1A
4670	Inês Silva	11.º 1A
4689	Diogo Canas	11.º 1A
4830	Rui Martins	11.º 1A
5195	Inês Galvão	11.º 1A
5420	Maria Joana Brito	11.º 1A
5428	Maria Carolina Alemão	11.º 1A

Número	Nome	Turma
11.º ANO (continuação)		
6141	Zihao Xu	11.º 1A
6386	Mafalda Santos	11.º 1A
6531	Beatriz Abreu	11.º 1A
6782	Ana Silva	11.º 1A
4219	Pedro Gomes	11.º 1B
4258	Francisca Luís	11.º 1B
4276	Tomás Pacheco	11.º 1B
4506	Inês Silva	11.º 1B
4584	Maria Inês Caldeira	11.º 1B
6100	Luísa Fernandes	11.º 1B
6544	João Pedro Matta	11.º 1B
6609	Tomás Teixeira	11.º 1B
6735	Madalena Matos	11.º 1B
4199	Marta Maurício	11.º 2
4265	Lourenço Centeno	11.º 2
4540	Joana Leitão	11.º 2
5010	Joana Novo	11.º 2
5443	Francisco Neves	11.º 2
6812	Carolina Carreira	11.º 2
4735	Maria Leonor Mauritty	11.º 3
6559	Maria Beatriz Granado	11.º 3
6606	Beatriz Freitas	11.º 3
6620	Fernando Fonseca	11.º 3
4182	Francisca Leite	11.º 4
5012	António Cunha	11.º 4
6326	Mariana Afonso	11.º 4
12.º ANO		
4009	Margarida Silva	12.º 1A
4013	Ana Sofia Amaral	12.º 1A
4052	Matilde Marvão	12.º 1A
4124	João Diogo Gomes	12.º 1A
4383	Guilherme Freitas	12.º 1A
5311	Catarina Ferreira	12.º 1A
5314	Leonor Paim	12.º 1A
6016	Fábio Studart	12.º 1A
6130	Catarina Cruz	12.º 1A
6319	António Ribeiro	12.º 1A
6335	Flora Salem	12.º 1A
6372	Ana Marta Bastos	12.º 1A
6811	Maria Inês Lopes	12.º 1A
4109	Miguel d'Eça	12.º 1B
5224	David Valente	12.º 1B
6087	Luís Fonseca	12.º 1B
6322	Beatriz Palma	12.º 1B
4093	Pedro Oliveira	12.º 2
4123	Maria Inês Nicolau	12.º 2
5288	Teresa Correia	12.º 2
5289	Catarina Aderneira	12.º 2
5977	Diogo Campos	12.º 2
6099	Francisco Fernandes	12.º 2
4018	Catarina Marques	12.º 3
5322	Margarida Paim	12.º 3
6330	Ricardo José Pinto Esteves	12.º 3

ACONTECEU



“Nós propomos” leva alunos do Secundário a apresentar propostas para resolução de problemas locais

O Projeto “Nós Propomos!”, dinamizado pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, da Universidade de Lisboa, tem por finalidade promover uma efetiva cidadania territorial local. Este projeto mobiliza o Estudo de Caso para a identificação de problemas locais e a apresentação de propostas de resolução pelos alunos. No dia 24 de abril, as turmas do 10.º e 11.º procederam à apresentação pública dos projetos, via Zoom, tendo em vista a seleção daqueles que iriam representar o Colégio na final nacional 2020 deste projeto. Os projetos selecionados foram:

- **Reabilitação da Vila Dias (antigo bairro operário no Beato)**, da autoria de **Leonor Vinagre, Carlota Ferreira, Teresa Coelho, Maria Felner e Mafalda Lopes** do 10.º 2. Trabalho coordenador pelo professor **João Dias**.
- **Reabilitação da antiga Escola Noturna de Carnide**, da autoria de **Carolina Carreira, Filipe Silva, Marta Lopes, Teresa Marques e Teresa Menezes** do 11.º 2. Trabalho coordenador pela professora **Patrícia Branco**.

Ação de formação sobre práticas de higienização e desinfeção em meio escolar

No dia 14 de maio realizou-se no Colégio uma ação de formação sobre **práticas de higienização e desinfeção em meio escolar**, destinada aos colaboradores não docentes. Esta ação esteve a cargo da equipa liderada pelo **Dr. Gonçalo Orfão, Coordenador Nacional de Emergência da Cruz Vermelha Portuguesa** e incidiu sobre boas práticas higiénico-sanitárias para combate ao COVID-19 no ambiente escolar. Foram abordados aspetos técnicos relacionados com a transmissão e a persistência ambiental do vírus e feitas recomendações gerais no atual contexto social, bem como demonstrações sobre o uso de equipamentos de proteção individual (EPI) e procedimentos de limpeza e desinfeção de espaços e superfícies. O Colégio agradece à Cruz Vermelha Portuguesa toda a colaboração prestada.

Projeto “Vamos salvar o mar!” – “Let’s save the ocean!” nomeado para finalista do concurso Internacional START-T do LUMA Centre Finland na qualidade de Melhor Projeto Interdisciplinar de Ciência.

O projeto “Vamos salvar o mar!” – “Let’s save the ocean!” desenvolvido pelos alunos do 2.º ano, Turma B, sob a orientação da Professora **Mariana Marques** foi selecionado pelo júri do concurso Internacional Start - *Aprender e partilhar através da aprendizagem colaborativa baseada em projeto* <https://start.luma.fi> - lançado pela LUMA Centre Finland (rede de universidades de Ciência e Tecnologia da Finlândia) na qualidade de Melhor Projeto Interdisciplinar de Ciência.

Este ano, foram apresentados a concurso 31 projetos dos quais o júri Start nomeou 10 para a fase final.



Sessão sobre Proteção dos Ecossistemas em Portugal

Nos dias 18 e 21 de maio, em modelo de ensino a distância, no âmbito da disciplina de Ciências Naturais, os alunos do 8.º ano participaram numa sessão (via Zoom) sobre “Proteção dos Ecossistemas em Portugal”, dinamizada pelo biólogo **Dr. Rúben Oliveira**, da Liga para a Proteção da Natureza. Foi possível conhecer os vários instrumentos de proteção da natureza em Portugal e conhecer várias ações e programas que visam a conservação da biodiversidade.



Sessão com António Vilarigues, sobre o Estado Novo e a resistência anti-fascista

No dia 16 de junho, os alunos do 12.º 3 participaram numa sessão (via Zoom) com **António Vilarigues**, resistente detido pela PIDE durante o Estado Novo. Esta sessão, que se enquadrou no âmbito das disciplinas de História e de Ciência Política, suscitou um grande interesse junto dos alunos.



TRONO DE SANTO ANTÓNIO | NO VALSASSINA EM MARVILA

Santo António de Lisboa | No Valsassina estará presente | Ainda que a multidão ausente



Trono de Santo António montado no Colégio

Em resposta ao desafio, Concurso de TRONOS DE SANTO ANTÓNIO'20, lançado pelo Museu de Lisboa e Cultura na Rua EGEAC/CMLisboa foi montado um trono de Santo António no átrio do 1.º Ciclo. Todos os elementos utilizados foram realizados pelos alunos do 1.º ciclo no âmbito da disciplina de Expressão Plástica e utilizados em iniciativas organizadas pelo Colégio e pela Junta de Freguesia de Marvila em honra de Santo António. Em tempos de COVID 19 e com o Colégio a funcionar parcialmente no modelo a distância esta iniciativa também serviu para aproximar a comunidade Valsassina. Todos os colaboradores do Colégio foram convidados a compor e a enviar uma quadra popular respeitando um mote livre, mas que tivesse tanto de atual como de desafiante. Paralelamente, nas disciplinas de Língua Portuguesa do 3.º ao 6.º ano do Ensino Básico, os professores pediram aos alunos para compor uma quadra dedicada ao Santo António. Todas as quadras recebidas foram incorporadas no trono.

Concurso Nacional “Jovens Cientistas” 2020

O Concurso Nacional para Jovens Cientistas é desenvolvido pela Fundação da Juventude desde 1992, tendo como objetivos promover os ideais de cooperação e intercâmbio entre jovens cientistas e investigadores, estimulando o aparecimento de jovens talentos nas áreas da Ciência, Tecnologia, Investigação e Inovação. A edição de 2020 é organizada pela Fundação da Juventude, em colaboração com a Ciência Viva – Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica.

De âmbito nacional, este concurso pretende promover a realização de projetos científicos inovadores nas escolas, incentivar o empreendedorismo qualificado e favorecer o aproveitamento económico do conhecimento científico e tecnológico.

Os condicionamentos impostos pela pandemia de COVID-19 impediram a realização da Mostra Nacional de Ciência, mas o desafio de apresentar projetos e ideias inovadoras foi mantido, em modo online. Foram apresentados os seguintes projetos de alunos do Colégio:

- **Projeto Qualidade do Ar, Rede de dispositivos de análise da poluição atmosférica**, da autoria de **Flora Salem 12.º 1A, Marta Bastos 12.º 1A, Beatriz Palma 12.º 1B e Filipa Fernandes 12.º 1BA**. Trabalho coordenado pelo professor **Pedro Jorge**.
- **Moon Camp**, da autoria de **Maria Teresa Correia 10.º 1C, Francisco Marques 10.º 1C e Bárbara Madeira 10.º 1C**. Trabalho coordenado pelo professor **Pedro Jorge**.
- **Projeto BioGlue: ouriços em stress (Variações da tenacidade do Paracentrotus lividus consoante a salinidade)**, da autoria de **Gustavo Gomes, Maria Inês Lopes e Margarida Silva 12.º 1A**. Trabalho coordenado pela professora **Andreia Luz**.
- **Projeto Drosophila subobscura na compreensão do aquecimento global**, da autoria de, **Sofia Amaral, Mariana Fonseca, Fabio Studart 12.º 1A**. Trabalho coordenado pela professora **Andreia Luz**.

Valsassina: examples of adapting learning environments for a pandemic

OCDE: Case Studies on the Transformation of Learning Environments

A pandemia de COVID-19 está a exigir das comunidades educativas uma grande capacidade de adaptação e respostas flexíveis perante a imprevisibilidade da situação.

O desconfinamento e o retorno às aulas presenciais coloca novos desafios às escolas. Por

isso, a OCDE procedeu a uma recolha de práticas a nível mundial de modo a partilhar ideias e inspiração para comunidades e agentes escolares. A experiência do Colégio no retorno do Jardim de Infância está disponível em <https://airtable.com/shrP84ya5Yilvywn2/tblgSIC4YkyVBq8wW>



Texto de aluna do Colégio publicado no livro “Uma aventura no verão”

O concurso “Uma Aventura... Literária” é promovido pela Editora Caminho em colaboração com o Plano Nacional de Leitura com o objetivo de promover a leitura e a escrita junto das crianças e dos jovens.

No ano letivo 2018/2019 a aluna **Mariana Francisco** foi distinguida com o **Prémio Especial do Júri**, na modalidade de **Texto Original**.

Este texto foi recentemente publicado no livro “Uma aventura no verão”. Convidamos todos à sua leitura

Encontro dos alunos dos 5 anos com a escritora do Livro “Violeta Borboleta”

Na sequência do lançamento *on line* do Livro VIOLETA BORBOLETA no dia 22 de Abril, hoje a escritora misteriosa, **Maria Alda Soares Silva**, encontrou-se no jardim com os alunos das três turmas dos 5 anos do Jardim de Infância, que com ela colaboraram na escrita da história. Os alunos tiveram oportunidade de falar “ao vivo” com a escritora e questioná-la sobre o seu trabalho, a história da “Violeta Borboleta” e as várias personagens.

Cerimónia de Entrega dos Diplomas aos finalistas dos 5 anos

A conclusão de uma etapa no percurso escolar dos nossos alunos é sempre um marco importante. Neste sentido, a entrega dos diplomas aos finalistas dos 5 anos é, habitualmente, uma cerimónia marcada pela alegria dos nossos alunos e pela partilha das expectativas que têm perante a entrada no 1.º ano. É também uma sessão marcada pela emoção e pelos laços afetivos existentes, uma vez que a maioria das crianças frequenta o Colégio há 3 anos. Este ano, a entrega dos diplomas realizou-se no dia 24 de junho.

O CLUBE DE KARATE VALSASSINA perante a situação da COVID-19

José Pacheco Professor de Karaté

Como consequência da emergência da Covid-19, adaptamo-nos de modo a proporcionar a continuação dos treinos para todos os praticantes do Clube de Karaté.

Inicialmente organizamo-nos numa plataforma, onde foram colocados vídeos para diversos níveis de desenvolvimento na prática, proporcionando a continuação dos treinos.

No início do mês de abril, iniciámos diariamente treinos online, através da plataforma Zoom. Os praticantes foram divididos consoante a sua graduação o que permitiu a continuação da prática, e também a preparação para os exames de graduação no final do ano letivo.

Apesar das medidas de isolamento e de confinamento que os nossos alunos estão sujeitos, tem sido uma experiência gratificante constatar a elevada participação dos alunos, bem como o seu empenho e dedicação em todos os treinos. Além disso, o facto de cada praticante estar integrado num grupo tem permitido uma maior socialização, o que contribuiu para a prevenção do stress e da ansiedade (que podem estar associadas ao isolamento social).

O Clube de Karaté tem sentido e agradece o forte apoio dos Encarregados de Educação, permitindo a participação ativa dos seus filhos.

Vai acontecer... julho

- Atividades de tempos livres
- Lançamento do Livro de Finalistas 12.º ano, 2019/2020

setembro

- Início do ano letivo
- Cerimónia do Quadro de Excelência

outubro

- Lançamento do Roteiro de Sustentabilidade Valsassina 20-30
- Ações de intervenção no talhão do Valsassina no Parque Natural de Sintra-Cascais

novembro

- ValsaMat, Semana da Matemática do Colégio Valsassina
- Semana da Ciência e da Tecnologia

dezembro

- Exposição de trabalhos realizados no 1.º período

Blogues do Valsassina

Acompanhe na blogosfera algumas das atividades do Colégio Valsassina

Arte na Escola

“Arte na escola” é um espaço onde se pretende divulgar e dar a conhecer as atividades realizadas nas disciplinas de vertente artísticas no Colégio Valsassina, desde o 1.º Ciclo até ao Ensino Secundário: <http://www.evtvalsassina.blogspot.pt>

Educação Ambiental e Educação para o Desenvolvimento Sustentável

Atividades do projeto ecoValsassina: <http://geracaoecovalsassina.blogspot.pt/>

Ciência, ensino experimental, projetos de investigação dos alunos

<http://biovalsassina.blogspot.pt/>

Combater as alterações climáticas numa Low Carbon School

<http://co2amais.blogspot.pt/>

Cultura, literatura, escrita

<http://15menosumquarto.blogspot.pt/>

<http://os20versosdavalssa.blogspot.pt/>

Evocação do centenário da I Grande Guerra

<http://omaormuseudomundo.blogspot.pt/>

Edições da Gazeta Valsassina disponíveis em:



ACONTECEU no desporto



**COLÉGIO
VALSASSINA**